# LAMPIÃO da esquina

Ano 2/Nº 20 | Rio de Janeiro, janeiro de 1980 — Cr$ 25,00 | ● Leitura para maiores de 18 anos

Aconteceu no Rio:

# encontro nacional do povo gay

## Violência:
★ o esquadrão mata-bicha
★ o 'herói' estuprador

* IBGE dá o golpe nos negros
* as confissoes de um michê
* mangueira discrimina LECY

LAMPIÃO

Conselho Editorial — *Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.*

Coordenador de Edição — *Aguinaldo Silva.*

Colaboradores — *Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Míccolis, Luiz Carlos Lacerda, Mirna Grzich, Nelson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio); José Pires Barrozo Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélsio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).*

Correspondentes — *Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid); Addy (Londres); Celestino (Paris).*

Fotos — *Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schistini (São Paulo) e arquivo.*

Arte — *Paulo Sérgio Brito (diagramação), Mem de Sá, Dimitri Ribeiro, Patricio Bisso e Hildebrando Castro.*

Arte Final — *Edmilson Vieira da Costa.*

Publicidade — *Ward Omanguin Farias.*

*LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; C.G.C. (MF) 29529856/0001-30, Inscrição Estadual 81.547.113.*

*Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal, 41.031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.*

*Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S/A — Rua do Livramento, 189/203, Rio.*

*Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo: Paulino Carcanheti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Livraria Literarte; Florianópolis e Joinville: Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: J. Ghignone & Cia. Ltda.; Manaus: Stanley Whide; Vitória: Angelo V. Zurlo.*

*Assinatura anual (doze números): Cr$ 250,00. Número atrasado: Cr$ 30,00. Assinatura para o exterior: US$ 15,00.*

# O QUE É ISSO, HELONEIDA?

Nas chamadas democracias ocidentais — como a França, Inglaterra ou Estados Unidos —, de longa tradição parlamentar, a conquista de uma representação popular significa grandes responsabilidades em relação aos eleitores. Quer dizer, o eleito é sempre um servidor de quem o elegeu, pago com os impostos recolhidos pelo cidadão comum. Se ele não interpretar direitinho a vontade do eleitorado, é interpelado cara a cara em encontros de base e, em caso de não conseguir fazer sua prestação de contas, dança nas primeiras eleições. É a isso que se chama de representação popular. O Aurélio a explica muito bem: "Delegação de poderes conferidos pelo povo, por meio de votos, a certas pessoas, a fim de que exerçam em nome dele as funções próprias dos órgãos eletivos da administração pública."

Conheci há tempos aqui no Brasil uma velhinha deliciosa, dessas que a gente acha que só existem em filmes policiais ingleses. Ela era inglesa, naturalmente, e um dos mais ardorosos membros do Parlamento pelo Partido Trabalhista; afirmava com orgulho que mantinha contatos constantes com seu eleitorado, do qual recebia copiosa correspondência. Era nessa correspondência que praticamente se baseava para sua atuação na Câmara. E ela estava tão deformada profissionalmente que, depois da terceira xícara de chá, começava a pedir às pessoas, sem discriminar nacionalidade ou crença política, que lhe escrevessem, que se queixassem, porque ela estava na Câmara dos Comuns para dar a voz à insatisfação do povo. E isso não era demagogia, não, mas fé num sistema de vida.

Agora me digam, nós aqui, podemos acreditar no nosso sistema, quando se elege um deputado para fazer oposição ao governo e ele acaba seguindo as ordens de Paulo Salim Maluf? E o que pensar quando, se mineiros, elegemos o Tancredo Neves para o senado pelo MDB e ele a seguir aceita promover um racha na oposição para agradar o poder? E os deputados chaguistas, que são todos oficialmente da oposição, o que dizer de seu comportamento na Câmara federal? É de não se agüentar mais, não é mesmo? Só resta pedir que nos tragam os sais, correndo, e que façam bicos de rouxinol para o nosso jantar, como o Vinicius de Morais dos tempos em que se deixava possuir por angústias metafísicas. Tudo isso porque não podemos sair por aí, berrando, perguntando que sistema é este.

No entanto, acho que não é mais possível ficar eternamente de espectador dessa comédia que somos obrigados a assistir. Eu, por exemplo, votei nas últimas eleições legislativas (as únicas que temos) em Modesto da Silveira (deputado federal) e Heloneida Studart (deputado estadual). No meu grupo, a escolha de Modesto foi unânime, enquanto que o nome da candidata a deputado estadual sofreu muitas restrições, principalmente de mulheres. Uma amiga minha chegou a dizer que jamais votaria em Heloneida Studart porque via nela o protótipo da mulher machista, lutando para galgar posições masculinas, isto é, que ela era uma "feminista" entre aspas, dessas que querem se equiparar aos homens e não combater a raiz e as causas dessa sociedade machista que coloca a mulher em situação inferior e a obriga a tornar-se um macho disfarçado para poder conseguir algumas posições desprezíveis, porque parte de uma estrutura autoritária e patriarcal.

Eu não via nada disso. Aliás, não conhecia nenhum dos meus candidatos pessoalmente. Modesto da Silveira, é verdade, até agora não decepcionou ninguém. Todas as atitudes que vem tomando têm sido as mais corretas e corajosas. Ele foi um dos estrategistas da defesa do "Lampião" quando o jornal se viu às voltas com um inquérito na Polícia Federal e é um dos que mais combatem na Câmara o Projeto Jari e a destruição da Amazônia. Do seu passado, todos nós sabíamos que ele era o principal advogado dos presos políticos. E a Heloneida? Para mim ela sempre foi uma excelente escritora; "O Pardal é um Pássaro Azul" e "Deus não Paga em Dólar" tinham me comovido enormemente. E havia também o fato de ela ser feminista militante, pela informação de alguns. Hoje, porém, estou certo de que os que diziam ser Heloneida Studart uma "machista disfarçada" eram os que tinham razão.

Em mais de uma ocasião tive oportunidade de constatar que a **minha** deputada expressava publicamente idéias com as quais eu não concordava, sempre procurando tirar de foco os problemas específicos de grupos marginalizados, que foram certamente os que a elegeram, para forçar a barra com as palavras de ordem partidárias que de tão repetidas tornaram-se vazias e sem sentido, e isso em reuniões específicas de minorias, como congressos feministas e passeatas de protesto contra o uso burguês da mulher como objeto. Ora, era justamente nessas ocasiões que eu queria ver a **minha** deputada falando em defesa dos assuntos que me interessam. Não só nunca vi como nunca li no "Pasquim", jornal em que colabora, qualquer referência a esses problemas, a não ser para ironias finas, como quando escreveu que na favela da Rocinha, as mulheres e homens ali residentes estão preocupados com suas feridas e nem sabem a roupa que vestem, numa clara referência à famosa tanga do Gabeira. Ah, minha querida companheira, minha cara deputada, e eu que sempre pensei que você, apesar de tudo, era mais sutil! Essa sua dica foi tão infeliz, tão preconceituosa, tão cheia de dedos — afinal, a gente fica sem saber se você quer que o Gabeira tenha feridas ou que o pessoal da Rocinha passe a usar tanga, uma espécie de uniforme das esquerdas — que resolvi não votar mais em você para qualquer cargo eletivo. Pode contar com esse voto a menos.

E olhe que faço com muita pena, porque simpatizo com você. Alguns leitores têm me escrito para reclamar da minha mania de implicar com a deputada Heloneida Studart neste jornal. Estas explicações são um pouco para eles também. Tenho pensado muito no assunto e o descontentamento que sinto com a candidata a quem ajudei a eleger está se transformando na intenção firme de encontrar para as próximas eleições um nome com a necessária coragem e objetividade para defender a minoria de que faço parte, ou então para falar em nome de uma frente ampla de minorias. E esse candidato não será com certeza a simpática deputada Heloneida Studart.

Se a democracia a que temos direito é essa que está aí, proponho que façamos uso dela totalmente, em todas as suas possíveis potencialidades. As minorias brasileiras já têm força e organização para ter porta-vozes na Câmara de Deputados e nas Assembléias Legislativas. Se começarmos a pensar desde já nos nossos candidatos para 82, com certeza conseguiremos eleger pelo menos dois representantes para o Congresso e alguns representantes para as Câmaras do Rio e de São Paulo. Se nos unirmos e trabalharmos em conjunto, faremos algumas surpresas aos que nos combatem, e jogando o jogo deles. Eu, da minha parte, aprendi bem a lição. Não votarei mais em candidatos que generalizem e que tenham uma linguagem sinuosa, quando nunca fica claro que pontos de vista estão defendendo.

Se conseguirmos criar um consenso em torno do que pretendemos e se escolhemos as pessoas certas para nos representar, os políticos tradicionais que se cuidem, porque acabamos organizando um novo baile da Ilha Fiscal onde todos eles dançarão. (**Francisco Bittencourt**).

# Mangueira discrimina Lecy

**Pela primeira vez, com muita tristeza, não desfilarei pela minha Escola Estação Primeira de Mangueira. Uma escola governada por um** Primeiro Ministro **que está** preparando um Ato **visando a minha expulsão logo após o carnaval (provavelmente março) não precisa da minha participação.**

**Durante sete anos dediquei toda a minha energia, minha arte, minha voz pela melhor divulgação da Estação Primeira. O último** show **que fiz em teatro (Galeria) no mês de abril foi praticamente dedicado à verde-e-rosa. O pavilhão da escola é a maior testemunha disto, pois ele estava lá pendurado no palco em todos os momentos.**

**Entretanto, nem sempre a arte pode vencer o dinheiro. Sou compositor e cantora. Vivo de** shows, **discos e composições. Luto pelos ideais do meu povo através dos versos musicados. Meu trabalho é social. É político, graças a Deus. Afinal, tenho vergonha na cara e não vou aplaudir arbitrariedades. Não bajulo quem nos consome a cada dia. Sou brasileira. Consciente. Atual. E principalmente sincera nas atitudes.**

**Realmente,** não dá mais pra segurar. **Ficar observando um sistema em que um homem todo poderoso convence as pessoas através de facilidade, ofertas de emprego, caixas de uísque, etc., é demais pra minha cabeça. Mangueira é arte, é cultura, é pureza, é autenticidade, é samba. Todas essas coisas são realmente nossas.**

**Discursar durante um jantar para alertar jornalistas, sambistas e militares da posição esquerdista e subversiva de uma compositora são coisas da MANGUEIRA 80, a MANGUEIRA DA PETROBRÁS. Por isto, SAIO.** (Lecy Brandão).

# A barra das jornalistas

Pela primeira vez as mulheres jornalistas do Rio se reuniram para discutir seus problemas. Apesar de reconhecerem que a opressão e a exploração são vividas por toda a categoria e pela classe trabalhadora em geral e que "a luta não é contra o homem mas contra o sistema", como disse a companheira do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, as jornalistas viram que têm problemas específicos em conseqüência de sua condição de mulher.

Ao final de oito horas de debates e depoimentos de resistência a um calor insuportável num sábado (dia 15) de sol, as jornalistas cariocas resolveram formar uma comissão aberta com o objetivo de criar um Departamento Feminino no Sindicato e lutar pela equiparação salarial. Além disso decidiram propor à Unidade Sindical do Rio, que reúne os sindicatos mais combativos, a realização de um Encontro da Mulher Trabalhadora, entrar em contato com outros sindicatos para a organização de um debate sobre a nova CLT e lutar pelo cumprimento efetivo das cinco horas de trabalho e criação de creches para todos os funcionários das empresas e bairros, atentando para o problema do horário.

Para a realização do I Encontro da Jornalista Carioca as mulheres do Rio passaram antes nas redações e assessorias de imprensa um questionário para levantar o perfil da mulher jornalista. Das 180 pesquisadas, 51,7% afirmaram que têm colegas homens com a mesma função e carga horária ganhando mais. Apenas uma, que trabalha em dois empregos, ganha acima de Cr$ 50 mil e, das 42,5% que ganham até cinco salários mínimos (Cr$ 14 mil 664), a maior parte ganha o mínimo profissional (menos de Cr$ 8 mil). Mesmo assim 31,6% são responsáveis por seu sustento e da família e 25,2% respondem por mais de 50% da renda familiar.

Das mulheres entrevistadas, 87,9% cursaram faculdade de comunicação e 66,7% têm entre 20 e 30 anos. Quanto ao ingresso no mercado de trabalho, verificou-se que apenas 12,6% começaram nos últimos dois anos, o que mostra o quanto ele está fechado. Das pesquisadas, 94,8% têm até 10 anos de profissão, sendo que a maior faixa de jornalistas se encontra entre quatro e cinco anos (24,7%).

O I Encontro da Jornalista Carioca contou com a participação de representantes dos professores, metalúrgicos e bancários que falaram sobre a luta da mulher em suas categorias. A jornalista Lúcia Helena Napoleão abordou o problema das mulheres trabalhadoras que ainda têm um outro "pecado": o de serem negras.

As companheiras dos Sindicatos de Jornalistas de São Paulo e Brasília, que realizaram recentemente seus encontros, sugeriram a realização de um Congresso da Mulher Jornalista no próximo ano e que seja reservado um espaço para tratar do assunto na programação do Congresso Nacional dos Jornalistas de 1980. Foram discutidos ainda no Encontro os problema das gestantes e a questão da creche. (**Marta Baptista**).

# Um esquadrão mata-bicha?

Os freqüentes casos de linchamento ocorridos nos últimos meses em várias cidades brasileiras me deixam particularmente inquieto; basta ler o noticiário a respeito para perceber que na raiz de cada um deles esteve, sempre, a questão da **diferença:** alguma coisa nos linchados os tornava **à parte** aos olhos da multidão, e era esta **exceção** detectada no comportamento de cada um o que dava **razão** à violência.

Sabe-se que foi sempre a **diferença** o que justificou qualquer tipo de ação violenta contra os homossexuais; é ela, por exemplo, que **dá razão** nos dias que correm ao comportamento de alguns rapazes de classe média, na zona sul do Rio, que, organizados em bandos, vêm invadindo com uma freqüência cada vez maior os locais freqüentados por homossexuais para "castigá-los"; ou, ainda, que justifica um fato como este ocorrido na sexta-feira, 21, na Gueifieira Palace, também no Rio: um bando de soldados da Polícia Militar, armados de cassetetes de madeira, invadiu o banheiro de homens e surrou indiscriminadamente todos os que lá estavam, retirando-se depois, sem ser molestado.

Situações de extrema violência como os tais linchamentos costumam acontecer em períodos de crise como este que atravessamos agora; a multidão, perplexa e atormentada, toma as rédeas nas mãos momentaneamente e imagina estar ela própria fazendo justiça, quando, na verdade, está apenas sacrificando mais um dos oprimidos que a formam. É possível manipular esta ilusão, levando-a aos extremos da loucura absoluta, como aconteceu na Alemanha hitlerista, quando a **diferença** — ideológica, racial, ou de preferência sexual — justificava o genocídio.

Levando em conta tudo isso, eu li, tomado de indignação, o texto de "A Voz do Pastor" do dia 7.12, uma espécie de ordem do dia que D. Eugênio Sales, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, transmite aos seus fiéis, na qual me passou um subtexto que me pareceu uma exortação à violência: ele elogia "um grupo de jovens católicos" que promoveu "um ato público" na orla marítima, precisamente no Leblon, "incluindo explicitamente uma repulsa à imoralidade" (na verdade, um protesto contra meia dúzia de mocinhas que, neste final de 1979, passaram a tirar o **soutien** num trecho da praia, repetindo um gesto que, em algumas praias européias, já se tornou um hábito, sem que disso resultasse maiores traumas).

Diz D. Eugênio em sua mensagem aos fiéis:

"Mais de uma vez tenho me referido ao dever da comunidade de reagir contra males que a afligem. Em vez de simplesmente apelar para proibição ou medidas coercitivas legais, importa aos próprios cidadãos assumir o papel que lhes cabe, zelar pelo bem-estar coletivo". Depois de reconhecer "o avanço de graves deformações no comportamento moral que afeta não apenas indivíduos mas a coletividade", o cardeal-arcebispo lamenta que muitos permaneçam "na própria inércia, em vez de partir para uma reação corajosa e legítima".

A essa altura do artigo me veio à lembrança a reação "corajosa e legítima" de um grupo de cidadãos da cidade fluminense de Cantagalo, que lincharam duas pessoas acusadas de um crime terrível, destroçando-as a pauladas e ateando fogo aos corpos ainda agonizantes; zelava-se, aí, pelo bem-estar coletivo, mas — soube-se depois — cometia-se também um engano terrível e irreparável: as duas pessoas linchadas eram inocentes.

Alguns verão um excesso de rigor no modo como encarei a exortação do cardeal-arcebispo. Prossigamos: ele fala a seguir do "mal-estar acarretado por uma censura inepta e contraproducente" e, citando um texto — se não me engano, o Documento de Puebla —, diz que este, "ao tratar da liberdade de expressão, não descarta estas medidas coercitivas". E sabe muito bem do que está falando, pois lembra logo depois: "de preferência a soluções que chamaria de cirúrgicas e traumáticas, busquemos antes a correção por outros meios, aliás mais eficazes". (!)

Depois de citar o infalível Papa João Paulo II ("Os problemas que a família humana encontra hoje diante de si podem parecer esmagadores"), D. Eugênio entra na parte mais assustadora de sua exortação aos fiéis: "em uma sociedade pluralista, em que vivemos, os elementos sadios estão em permanente contato com doentes. Não me refiro somente a enfermidades físicas, doenças infecciosas, mas também deformações morais, não menos perniciosas ao bem comum. Não causa estranheza que alguns, conscientes ou não de seu verdadeiro estado sanitário, busquem, pela difusão de suas mazelas, com o número de aderentes, justificar seus desvios".

Aqueles que viram "excesso de rigor" na minha interpretação lá atrás, comentariam aqui a minha paranóia; nada indicaria, nesse trecho, que ele estaria se referindo aos homossexuais; a estes excessivamente otimistas eu dedico o parágrafo que vem logo a seguir na exortação do cardeal-arcebispo:

"Uma lésbica ou um homossexual sentir-se-ão melhor se vistos como normais ou se sua situação for considerada aceitável ao convívio social. Evidentemente, não me reporto à caridade com que devem ser tratados. Contudo, bem diferente da aprovação do erro é o sentimento cristão de ajudar o enfermo".

Lembro-me de quantas vezes, em nossa história o "sentimento cristão" foi manipulado para justificar o genocídio dos índios, a escravidão, a tortura e a matança dos negros. O próprio d. Eugênio reconheceu, há alguns meses, que a Igreja tinha uma dívida para com os negros brasileiros (e na medida em que eles finalmente se organizam, é preciso saldar urgentemente essa dívida: não é à tôa que a Igreja está tentando se aproximar do movimento negro); quantos homossexuais ainda terão que ser pisoteados, presos, humilhados, internados em clínicas psiquiátricas e até linchados, antes que a Igreja mude sua posição quanto ao assunto, reconhecendo que eles não merecem esse "tratamento especial"?

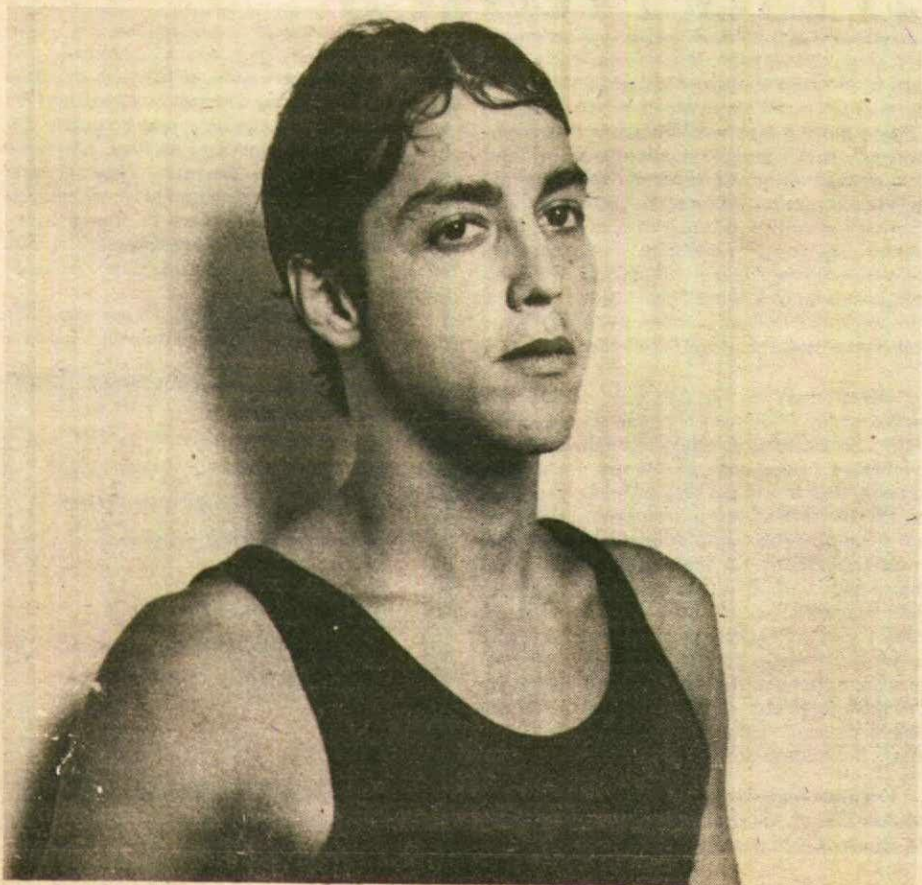
**Entre a Igreja inflexível e vingadora do cardeal, e aquela que fala dos oprimidos, ficamos com esta.**

O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, em seu artigo, está falando de "dissolução dos costumes"; uma semana antes, sem ser tão direto, ele já bordejara o tema, citando a exteriorização de costumes **contrários à natureza** como uma das causas da onda de violência que se abate atualmente sobre o país. De pura curiosidade, dei uma olhada nos meus arquivos de casos policiais: não houve, em 1979, um só caso rumoroso no Rio em que o criminoso fosse homossexual; houve, ao contrário, dezenas de casos em que homossexuais foram as vítimas; e houve, principalmente, maridos esfaqueando esposas, esposas contratando pistoleiros para matar maridos, etc., etc... Estamos falando de "dissolução de costumes"? De violência? Peço licença para dar minha opinião quanto a esta última: violência no Brasil, só existe uma: é a da classe dominante, tantas vezes legitimada pela Igreja; todas as outras formas de violência, na verdade, são resultantes daquela primeira.

E já que falei de a Igreja legitimar a violência da classe dominante, é bom explicar a que Igreja estou me referindo. Voltemos aos recortes de jornais; em sua mensagem de Natal divulgada no dia 22, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil também fala sobre violência. Vejamos:

"Começamos voltando os olhos para os anos 70, com suas escravidões, suas injustiças e suas dores; o terrorismo internacional; o aumento assustador da violência também institucionalizada; o desaparecimento, sem habeas corpus, de pobres e dissidentes; os massacres de indígenas; a exploração de colonos e posseiros; as migrações internas forçadas; atos de violência praticados pelas instâncias de poder em nome da segurança nacional; novas formas de colonialismo através de empresas transnacionais; a contínua corrida armamentista; a dura luta pela sobrevivência em vastas regiões do interior e nas periferias urbanas; o distanciamento cada vez maior das classes sociais; o processo de desagregação da família".

Teriam sido estas, para a CNBB, as violências maiores da década de que saímos agora. Nada a ver, portanto, com os homossexuais, que saem à luz não para — como diz d. Eugênio — "pela difusão de suas mazelas, com o número de aderentes, justificar seus desvios", mas para se colocarem ao lado das forças verdadeiramente progressistas, para assumir sua condição de oprimidos e poder, dessa forma, lutar contra ela, na mesma linha de frente em que se instalam os padres que dão pleno apoio à CNBB. Entre a Igreja inflexível e vingadora de d. Eugênio e esta da Conferência Nacional dos Bispos, que manifesta em sua mensagem de Natal a "esperança de que a voz dos oprimidos se faça ouvir mais eficazmente", ficamos com esta última. Rezando, inclusive, para que sua posição prevaleça, e para que não se tenha a tropa de choque da Igreja dos privilegiados nas ruas, pronta para o que o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro chama de "uma reação corajosa e legítima" (**Aguinaldo Silva**)

# Cartas marcadas

Por causa de um quilo de cocaína falsificada e 12 mil dólares já morreram sete pessoas, nove foram presas, outras três foragidas, um famoso cantor envolvido, a polícia acusada e acusando. É a chacina de Piabetá, perto de Magé.

A barra realmente pesou. Antes mesmo que o galo cantasse três vezes como na Bíblia, todos os amigos de Maurício Baena Paes Leme, o Mauricinho Maluco, um dos envolvidos no caso, negaram que o conhecessem. Todos, não. Joãozinho D'Aníbal, anos atrás um dos maiores divulgadores do LSD no Rio, não consegue esquecê-lo. Fui achá-lo, como diria João do Rio, deitado em douradas almofadas da rua da Alfândega em algum lugar da divisa Copacabana/Ipanema, enroscado num narguilé como a lagarta de **Alice no País das Maravilhas.**

"Nunca na minha vida eu vi um adolescente mais bonito e com mais energia que o Maurício, quando nos conhecemos por volta de 1974. Devia ter cerca de 16 anos e vivia pelas ruas de bicicleta. Os pais eram separados: o velho morava em Brasília e era policial. A mãe acho que era funcionária pública. Ele morava com ela num conjugado em cima do teatro da Praia. Nesta casa tinha um retrato dele aos 14 anos junto com os dois irmãos. Lindos. Gostaria de saber o que aconteceu com os outros. Apesar de tudo, não consigo vê-lo apenas como um malandrinho que se deu mal pela primeira vez. Deve parecer estranho aos outros saber que ele também dorme, acorda, come, bebe, caga, trepa, ri e chora como todas as pessoas normais. O marginal dos jornais não é real para mim. Uma vez, comemos cogumelos alucinógenos e fomos para o Parque Laje. De tão loucos até nadamos nus no lago, etc. e tal. Com o tempo ele foi endurecendo e nos últimos dois anos eu quase não o via mais. Deve ter ficado dependente. Mas, como diz aquele samba do Wilson Batista que o Paulinho da Viola gravou, **"se o homem nasceu bom e bom não se conservou a culpa é da sociedade que o transformou".**

Um depoimento como este, tão contrastante com o noticiário sobre o caso Piabetá, me fez pensar com os meus botões. Creio que em toda sociedade civilizada o suspeito é sempre inocente até prova em contrário. Aqui não. Publicam-se impunemente fotos de acusados ao lado de manchetes escandalosas e ridicularizam-se mesmos em execráveis programas radiofônicos. Escreveu não leu, publicam-se livros e até filmes são rodados. A ânsia de vender passa por cima de qual-

**Que pode esta sociedade esperar de um jovem bombardeado 24 horas por dia por falsos valores?**

➡

quer direito individual. Acredito piamente ser uma violação dos direitos humanos expor-se meros suspeitos à execração pública antes do julgamento, assim como reportagens levianas fundamentadas em inquéritos policiais, sem maior valor legal, realizados sabe-se lá em que condições. No entanto, se perguntados, a quase unanimidade dos responsáveis por esses meios de comunicação (sejam poderosos ou nanicos, impressos ou áudiovisuais) irá definir-se como progressista, liberal, democrata ou até esquerdista. No entanto, tem contribuído enormemente, ao atacar os efeitos e não as causas, para a propagação de coisas horrendas como a violência, a intolerância e o linchamento.

Caímos aqui no eterno problema dos meios de comunicação numa sociedade de consumo, tão bem analisados por Pasolini na imprensa italiana pouco antes de morrer. A literatura, o teatro e outros meios tradicionais eram restritos: a classe dominante escrevia para si mesma. Com o rádio, o cinema, e principalmente a televisão, assistimos, acho que pela primeira vez na História, uma classe monopolizar as comunicações destinadas, não apenas a ela, mas também a outros segmentos da sociedade. Como será que se sente um peão do Cariri depois de assistir o **Fantástico?** E um boia fria do Paraná? Que pode esta sociedade esperar de um jovem bombardeado 24 horas por dia por falsos valores (o carro maior, o cigarro mais chique, o dentifrício mais refrescante), quando não dá a ele condições de satisfazer os desejos estimulados? O talentoso, trabalha. O fraco, recalca. O arisco, arrisca.

É nessa fase que rapazes como Mauricinho Maluco são envolvidos pela roda viva. Ao contrário do que a polícia e a imprensa fingem acreditar, as tais quadrilhas organizadas não são tão organizadas assim. Surgem e desaparecem rápido, impulsionadas pela Miséria, espalhando presuntos pela Baixada. Turbas de biscateiros desesperados, utilizados pela máquina burocrática da corrupção, numa trilha que começa nas fronteiras do país (onde carros roubados são trocados por cocaína) — e às vezes vem terminar nos altos escalões de certas funções públicas.

Para disfarçar, recorre-se então à velha tática política totalitária de criar o Inimigo Público, o Bode Expiatório, o Judas em Sábado de Aleluia. Consiste em concentrar a frustação e o ódio de toda nação num indivíduo ou num grupo. Com a abertura, o foco está momentaneamente saindo de cima dos opositores políticos para cair sobre os trombadinhas ou rapazes como esse Maurício e outros menos bem relacionados. E tudo isso a pretexto de proteger a família, sugerem os meios de comunicação. No entanto, o mais importante deles, a TV, é exatamente o maior inimigo da família tradicional — por mostrar aos filhos o mundo exterior sem intermédio dos pais. Não apresento novidades: são os produtos de consumo (os falsos valores acima citados) que financiam com seus anúncios a imprensa, o rádio e a TV. É no vídeo que se fundem o crime, o dirigismo, a corrupção, a hipocrisia — o Mauricinho de Piabetá passa a ser outro diferente do Maurício do Joãozinho d'Aníbal. Quem devolverá a sua antiga face, caso seja absolvido das acusações? E caso seja considerado culpado, que direito tinha a imprensa de julga-lo a priori?

Aos que hoje enchem a boca com uma campanha de amparo ao preso comum, mas nada fazem de objetivo, aqui parece presente um caso concreto: Maurício Baena Paes Leme. Profissão: culpado. Abandonado pela família e pela sociedade, ele é mais um entre milhares. (**João Carlos Rodrigues**)

# Nós estupradores

Marisinha, uma moça bonita e simples de 19 anos, foi vítima de um estupro num quarto da Rua Frei Caneca, 232, São Paulo, e está disposta a levar o caso até a justiça. E no entanto, fica a critério das autoridades policiais abrir ou não um inquérito, sem o qual nenhuma denúncia terá prosseguimento processual. (Não é estranho que a justiça neste país fique dependendo tão diretamente da disponibilidade e/ou interesse da polícia?).

Quando compareceu ao distrito policial para tomar conhecimento da situação do inquérito, a dra. Solange Gibran, uma das várias advogadas que acompanha o caso Marisinha, descobriu com surpresa que, passado quase um mês do ocorrido, não houve representação pela delegacia e, conseqüentemente, não se instaurou inquérito nenhum, apesar da vítima ter comparecido à polícia na mesma noite do estupro e do acusado também estar presente. Muito pelo contrário, Marisa de repente está correndo o risco de passar do papel de vítima para o de acusada. E isso já começou quando ela se apresentou no distrito policial e foi revistada: tratavam-na mais como suspeita do que como vítima. De fato, chegaram a confiscar-lhe papéis e um caderno com anotações e endereços, que se encontravam em sua bolsa.

Segundo o delegado, esses papéis (retidos até hoje no distrito) lançam suspeita de que ela seja uma prostituta, não tenho ocorrido portanto qualquer violência sexual inclusive porque o acusado afirma tê-la pago em dinheiro. Quer dizer, a inocente caderneta passou a ter uma outra qualidade: os endereços seriam dos "clientes" e o estupro passou a ser apenas uma mera transa comercial. Em função disso, Marisa poderia estar ameaçada de **sofrer denúncia e processo por calúnia** contra o homem que ela agora acusa.

Mas essa jogada não estaria caindo de velha, Ângela Diniz? Por que a palavra do acusado pesa mais do que a palavra da vítima, nesses casos? Que interesses, imediatos ou não, haveria porventura detrás desse descaso, pelo menos aparente, em acatar uma denúncia de crime e levar adiante um inquérito?

Apesar de termos muitas centenas de casos de violentação às mulheres neste país, trata-se aqui de um caso raro onde se quebra a barreira do silêncio e se faz uma denúncia pública por crime de estupro. O Código Penal Brasileiro prevê pena de reclusão de 3 a 8 anos (Art. 238), nesses casos. Se a denúncia funcionar ou não, é mais um risco que corremos e mais um desafio ao aparelho judicial — cá entre nós: tão desacreditando neste país.

Para além da máscara publicitária e das simplificações equívocas que o pintam como um monstro, como se poderia identificar um estuprador? Neste caso, por exemplo, o acusado não parece corresponder àquele estereótipo medonho que temos na cabeça desde criancinhas. Trata-se de Clodomir da Silva Parteira, um senhor aparentemente comum e pacato de 37 anos, casado, auxiliar de químico, que afirma trabalhar em Moema, um bairro da alta classe média paulistana. Então, caberia perguntar aqui: que homens comuns e pacatos não aprendem desde pequenos a ordem do macho, o amor à disputa, o desejo do poder a qualquer custo — em resumo, o ofício de estuprador?

E se passamos todos por esse mesmo aprendizado, não seremos sem exceção estupradores potenciais? Aliás, basta dar uma ligeira olhada ao nosso redor para comprovar que vivemos num país de estupradores. Porque estuprar não é apenas violentar sexualmente a mulher ou a criança ou qualquer ser indefeso, sejam quais forem suas características biológicas e constitucionais. Existe também o estupro contra os que se desviam das normas, contra os que estão à margem, os mais frágeis, os que são tornados neuróticos, os menos educados, os tortos, os loucos. Existe por todo lado o flagrante estupro contra o meio ambiente, neste país.

Acho que a característica primordial de todo estuprador é o prazer do poder exercido com a força dissimulada ou não. Quer dizer: nosso meio é fundamentalmente estuprador, porque baseado na disputa do poder e na figura da autoridade que o detém e que cria os padrões de bem e mal (sempre relacionados com o gesto autoritário) e manipula os critérios, a seu bel-prazer. Nesse sentido, o mesmo gesto que gera o crime é capaz de utilizá-lo como instrumento justiciador; basta, para tanto, ter o poder de manipular não só o conceito de crime mas também a direção para onde aponta o crime. Sem esquecer o óbvio exemplo do Esquadrão da Morte, lembro um caso recentemente ocorrido em São Paulo, onde um operário que se dispunha a testemunhar a violência policial contra um companheiro, acabou sendo acusado inesperadamente pela polícia de um crime de estupro.

Além de tudo, deve-se lembrar que o gesto condenatório é também uma forma de protestar a inocência de quem condena e de exorcizar quem faz justiça; como no horrendo caso de Cantagalo, Estado do Rio, onde a multidão enfurecida linchou e disputou alucinadamente os órgãos sexuais de um fazendeiro suspeito de ter matado um garotinho. Ou seja, enquanto houver espaço para essa divisão rígida entre bandidos e mocinhos, haverá sempre estupradores — e até mesmo estupradores estuprados, e estupradores que estupram. Basta lembrar aquele outro caso recente em São Paulo, onde um operário, acusado de fazer gestos obscenos a uma mulher, foi torturado com amoníaco nos órgãos sexuais. Quero dizer o seguinte: esses torturadores são eventualmente os mesmos que passam o dia dizendo palavras obscenas ou até passando a mão na bunda de mulheres desconhecidas, nas ruas.

Se é importante opor resistência ao estupro, não basta para isso que o estuprador seja condenado. Antes de mais nada, o estupro não é um ato isolado: sendo um crime de profundas raízes culturais e sociais, pode-se dizer que existe, dentro de cada um de nós, um estuprador que deve ser neutralizado. Mas temos também um estuprado, lá dentro de nós. E esse nosso lado dolorido é que nos torna solidários a todas as Marisinhas e pisoteados do mundo. Assim, para acabar de vez com os estupradores, acho que é preciso deflagrar, dentro de cada um de nós, uma guerra civil. Que pode durar uma vida. Ou a eternidade. (E a eternidade não é porventura o espaço de vida desse objetivo mágico que chamamos REVOLUÇÃO?) **João Silvério Trevisan.**

# O caso Marisa Nunes

**Era aí pelas dez e meia da noite, num sábado. Chovia muito. Eu estava na Martins Fontes, indo para o Parque Dom Pedro pegar o ônibus. Aí alguém me chamou. Ignorei. Mas como a pessoa insistiu, olhei. Era um senhor. Continuei andando. Ele correu e chegou perto de mim. Era branco, bastante branco, com seus 40 anos, um pouco gordo e alto. Já veio dizendo que era da polícia e me pediu os documentos. Olhou meus documentos, mas não devolveu. Colocou no bolso. Eu falei: "Me devolve meus documentos, eu estou com carteira registrada, são dez e meia da noite e tou indo pra casa." Aí ele disse: "Você vai precisar ir comigo." Eu falei: "Pra quê?" Ele disse: "Houve um assalto ali em frente ao Brasilton; dois rapazes foram assaltados por uma menina." Então estavam pegando todas as meninas da redondeza que tivessem os mesmos traços que os rapazes assaltados descreveram. Eu tinha os mesmos traços, então precisava ir na delegacia com ele. Eu falei: "Se você é da polícia, cadê teus documentos?" Ele me mostrou muito vagamente, porque estava chovendo muito e não se via direito. Eu perguntei: "Você está armado?" Ele disse que sim e bateu num dos bolsos. Em seguida ele disse: "Olha, tudo o que você falar de agora em diante vai servir pra te acusar." Aí eu tive medo, claro.**

**Ele perguntou se eu preferia ir de táxi, de camburão ou no carro dele. Assim que ele me fez a pergunta, escutei uma sirene que vinha do lado oposto. Eu pensei: "Ótimo, está passando algum carro, então vamos direto pra delegacia. "Ele atravessou a rua com toda naturalidade, mas por azar era uma ambulância. A reação dele toda natural me deu mais certeza que ele era realmente da polícia. Como eu conhecia o local onde estava, falei: "Olha, o quarto distrito é logo ali então prefiro ir a pé. "Fomos subindo a Augusta e quando chegou na esquina com a Frei Caneca ele virou à esquerda. Aí eu disse: "O quarto distrito é à direita, não vou virar à esquerda." Ele falou: "Olha, não discuta. Nós vamos por aqui."**

Antes de chegar na esquina ele me agarrou, me tapou a boca e me enfiou numa entrada da casa de fundo, onde tinha uma porta à esquerda. Com a outra mão ele pegou a chave e abriu uma porta. Eu não tinha como reagir, ele era muito forte. Comecei a chorar, enquanto ele me levou pra dentro do quarto. Ele começou a se irritar, a ficar nervoso e disse: "Pára de chorar, eu só quero que você troque de roupa; coloca uma roupa minha até secar essa sua". Eu falei: "Não, eu não tou a fim de trocar de roupa, quero ficar com minha roupa do jeito que ela está, quero ir embora daqui". Realmente, eu não sabia o que fazer. Aí ele disse: "Se você não tirar a roupa eu tiro". Aí ele me ameaçou. Eu simplesmente fiquei parada, porque eu não podia reagir. Aí ele quase me machucou, realmente senti bastante dor.

Eu fiquei assim sem me defender, fiquei quietinha. Teve uma hora que senti bastante dor e gritei mas ele me tapou a boca, me apertou. Aí joguei um monte de coisa na cabeça do cara, assim até religião. Fiquei ali mais ou menos uma hora e meia. Até cheguei a passar mal. Ele perguntou pra mim se estava baixando o santo e riu na minha cara. Aí ele parou um pouco. Eu falei: "Agora posso ir embora?" Ele falou: "Não, acabou". Aí eu comecei a chorar novamente, falei com ele mas não adiantou. Me obrigou a fazer algumas coisas mas eu me neguei. Depois de tudo, eu disse novamente: "Posso ir embora"? Ele disse que não, agora queria diferente. Eu fiquei desesperada, comecei a chorar novamente. Gritei de dor mas ele tapou a minha boca. Logo em seguida me perguntou: "Quantas vezes você gozou?" Eu fiquei com raiva e respondi: "Umas dez".

Depois disso ele me deixou ir embora. Eu pensei assim: "Tenho que deixar alguma prova aqui". Então, como eu estava menstruada, deixei o modess lá, joguei atrás do sofá sem que ele percebesse. Pelo menos era uma prova de que estive lá, né? Ele devolveu meus documentos, me levou até à saída e voltou pro quarto como se nada tivesse acontecido. Eu queria sair daquela rua o mais rápido possível, que eu não aguentava mais, pois imaginava que ele fosse atrás de mim ou coisa parecida. Na Augusta com Marinho Prado vi um táxi parado. Eu estava chorando, cheguei pro cara e disse que precisava ir até o Brooklin, eu precisava falar com alguém pelo menos. Aí expliquei pro cara "Olha, me aconteceu isso..." Eu estava chorando muito.

Então ele me levou até o Brooklin na casa das minhas amigas. Eu contei pra elas o que houve. As meninas falaram: "Vamos até a delegacia, vamos que esse cara pode ter feito isso com mais pessoas". Fomos com o mesmo motorista, que era um negro. Antes da gente chegar no quarto distrito, encontramos um carro da Rota. Falamos o que houve. Então eles disseram: "Vamos lá pegar o cara". No caminho encontramos outro carro da Rota, então foram dois carros da Rota e o táxi. Quando eles chegaram, o cara apagou a luz. Eles arrombaram a porta do corredorzinho. Então ele abriu a porta do quarto.

Os policiais me chamaram: "É este aqui?" Eu falei: "É o próprio". Eles revistaram o quarto e

> **"Começaram a dizer que eu era prostituta por causa dos papéis que estavam na minha bolsa"**

acharam o modess que serviu como prova de que eu estive lá. O cara disse simplesmente que eu estive lá, sim.

Algemaram o cara e levaram pra delegacia no camburão. No quarto distrito, eu falei o que houve. Então o delegado perguntou pro cara o que houve. Aí o cara se fez de vítima e disse: "Olha, eu estava dormindo na minha casa quieto e sossegado sem fazer mal a ninguém e de repente me aparecem uns policiais que arrombam minha casa e me acusam de estupro por causa de uma prostituta". Ele se fez de vítima mesmo e contou que me encontrou, me ofereceu mil cruzeiros, que eu fui mas chegou lá ele me deu só quinhentos e por isso eu o acusei de estupro. Aí o delegado olhou pra minha cara como se eu fosse puta mesmo e disse: "Olhem no bolso da menina, se tem 500 cruzeiros. "Aí eu peguei a minha bolsa e esvaziei. Eles olharam tudo, olharam nos meus bolsos e não tinha nada.

Eles bateram a máquina tudo que eu falei, de 7 a 8 cópias, e assinei os papéis. Um sargento me levou para fazer exame, me esperou até eu terminar. Um médico e uma médica me examinaram. Acho que já eram umas 3 da manhã. O médico registrou tudo e deu uma folha para o sargento. Voltamos pra delegacia. Eles tinham revirado toda a minha bolsa. Encontraram papéis meus e disseram que era alta pornografia. Começaram a me dizer que eu era prostituta por causa dos papéis que estavam na minha bolsa. O cara olhou o caderno de endereço e disse: "Olha quantos telefones de programa". Estavam realmente me julgando uma prostituta, acho que até as meninas que estavam comigo. Mas a Marivone se levantou e disse: "Olha, eu tenho convivência com a Marisa pra ter certeza que ela não precisa se prostituir". Me mandaram esperar, até que me chamaram de novo e o delegado disse: "Isso tudo vai ficar com a gente (caderno e papéis). Daqui a vinte dias você vai saber os resultados dos exames e a gente te chama". Aí anotaram os telefones de onde eu trabalho. Ele disse que iam entrar em contacto comigo.

Só sei que o cara que eu acusei saiu rapidinho de lá. Mas eu só saí de lá às cinco e meia da manhã. Fiquei até essa hora entre vários homens olhando pra minha cara, me medindo como se eu fosse realmente uma prostituta. Estou esperando o chamado deles já faz mais de 20 dias mas até hoje nada. Isso tudo aconteceu no dia 25 para 26 de novembro de 1979, em São Paulo.

# São Paulo: mulheres dizem 'basta!'

Nós, representantes de entidades femininas e feministas e outras entidades abaixo relacionadas, tendo sido procuradas por Marisa Nunes, recentemente violentada em nossa capital, vimos a público denunciar a crescente onda de violência sexual contra mulheres, crimes geralmente impunes neste país.

É a primeira vez, neste Estado, que uma mulher tem a coragem de denunciar, publicamente, crime desta natureza. Ao caso de Marisa Nunes juntamente incontáveis outros, como os de estudantes da Osec, da PUC-SP, de duas freiras e as quarenta vítimas do criminoso alcunhado "estuprador mascarado".

Estamos decididas a juntar nossas forças para esclarecer até o fim esta denúncia, bem como dar nosso apoio jurídico e moral a Marisa Nunes. Conclamamos todas as mulheres, atingidas por violências sexuais e mudas pelo constrangimento que a sociedade impôs, a denunciar esses casos às associações feministas Nós Mulheres (fone 881-3755) e Pró-Mulheres (fone 251-2453). Basta de silêncio, violência e impunidade! Nós Mulheres devemos e podemos fazer valer nossos direitos. Não estamos sós! São Paulo, 6 de dezembro de 1979.

(a. **Grupo Nós Mulheres, Liga Internacional de Direito dos Povos, Sociedade Brasil Mulher, ADC — Associação das Donas de Casa, Coletivo de Mulheres de Campinas, Associação das Mulheres, Centro da Mulher Brasileira, Fórum Público de Mulheres, Somos — Grupo de AFirmação Homossexual/SP, jornal LAMPIÃO, Convergência Socialista, jornal Versus**).

# Rio: a violência como convém

**Uma das matérias do Jornal do Brasil de domingo, 4/11/79, mostra como os atentados sexuais são a rotina dos assaltos. Sem pretendermos esgotar o assunto, gostaríamos de chamar a atenção para determinados aspectos da matéria que escamoteiam o que está por detrás do ato de estupro.**

**Enfatiza-se o caráter sexual do estupro, na medida em que se coloca a beleza física como uma das condições para que este ocorra. As vítimas são descritas como "bonitas", "boas de corpo", "bem vestidas", "cocotinhas", o que mostra uma visão estereotipada da mulher como objeto de desejo. Uma outra ênfase que se dá na matéria refere-se ao fato dos estupros serem praticados por pessoas de baixa renda, que, ao assaltar as pessoas da classe média, além de roubar, de passagem estupram as "cocotinhas" e as "bem vestidas", madames, que lhes são apresentadas pela propaganda. Finalmente, o saber psiquiátrico é chamado para explicar o estupro e vê os indivíduos que o praticam como doentes mentais, constituindo um "desvio estatístico socialcultural". A causa deste desvio é colocada numa infância em que houve problemas familiares de educação e a possibilidade de cura é praticamente nula.**

**Diante, disso, como uma forma de se enfrentar o problema, aconselha-se às mulheres que se depararem com um estuprador a manter a calma, conversar com ele e seduzi-lo. Fica assim implícito que os estupros são conseqüência de pobreza e miséria ou de impulso doentio ou miséria sexual. Em nenhum momento coloca-se a relação de poder que se exprime através desse tipo de violência. Não se menciona que o maior número de estupros ocorrem dentro de casa, como exercício cotidiano da violência masculina, que se expressa nos estupros da esposa, que têm como um dos seus deveres "satisfazer" o marido. Coloca-se o estupro, embora rotineiro, como exceção, sempre praticado por desviante e não como componente do relacionamento socialmente sancionado, e portanto "normal", entre homens e mulheres.**

**Não negamos que existem psicopatas estupradores, nem que a miséria provoque violência e nem que o estupro seja, às vezes, o reflexo de uma revanche de um indivíduo de baixa renda sobre um indivíduo de classe superior, porém cabe refletir melhor sobre o assunto, não só sobre os estupros em si, como também a forma como foram abordados pela matéria do JB.**

**O fato dos estupros serem praticados apenas por homens, sendo as vítimas apenas mulheres (nos raros casos em que a vítima não é uma mulher, é tratada como tal) não pode ser explicado apenas pela diferença anatômica entre homens e mulheres, nem pelo fato de que as pessoas que praticam tais atos tenham passado sua infância dentro de "famílias dissociadas", com "mãe ausente", etc., pois, ao que parece, não são só os homens que passam a infância nessas condições.**

**Parece-nos que a explicação para tais fatos se encontra, sim na educação, não em termos de "problemas educacionais", mas na forma como são educados diferentemente os homens e as mulheres na nossa sociedade, que perpetua uma relação de poder entre os sexos. Nesta sociedade, há o interesse econômico de manter a mulher ligada ao âmbito doméstico, que é desvalorizado. Seu papel primordial é o de esposa e mãe. Assim, os valores da sociedade subestimam a mulher como ser pensante e desejante, vendo a enfatizando nela apenas atribuições, tais como fragilidade, passividade, carência e ignorância. A mulher é apenas o seu corpo: as pessoas se relacionam com ela enquanto tal e desde pequena aprende a usá-lo como elemento de sedução para conseguir o que deseja. Desde que nasce, a mulher é assim submetida a diferentes formas de violência, que se distribuem num** continuum **e vão desde a imposição da ignorância, passividade, fragilidade, e impotência como componentes do seu papel social a ser desempenhado, até a violência física propriamente dita, sendo o estrupro um dos exemplos neste caso. O estupro aparece assim como fazendo parte do extremo de um** continuum **de violência a que a mulher é constantemente submetida em nossa sociedade.**

**Por que será então que o estupro é tratado na matéria como um caso de desvio, de doença, e por que será que a solução para o problema é colocada em termos de tratamento para os desviantes ou conselhos para que as mulheres mais uma vez usem seu poder de sedução? Vemos na própria busca de explicação em termos de desvio e nas próprias soluções propostas a forma como a sociedade patriarcal sempre enfrenta as contradições geradas pelo seu próprio funcionamento: colocando o problema no indivíduo ou em seu ambiente mais restrito. Para isto, utilizam-se do saber, como, no caso, da psiquiatria. Isto é feito no sentido de preservar, de manter intactas, de não questionar as relações de poder existentes, pois elas é que são o esteio dessa sociedade.** (Claudomira Melo, Dorine Plantenga, Eliana Lopes, Lavínia Franco, Lígia Rodrigues, Maria Alice Rocha, Sandra Boschi, Stella Maris Mendonça, Virgínia Maria Paiva, da Comissão Violência Contra a Mulher.).

# Maria Schneider informal

Maria Schneider, a menina que durante muitos anos apareceu nos sonhos inconfessáveis dos machões toda lambuzada de manteiga, graças a uma única — e terrível, nada erótica — cena de **O Último Tango em Paris**, esteve no Brasil, e sempre fazendo o seu gênero, badalou por aí, alheia aos que tentavam transformá-la numa celebridade para depois faturar em cima de sua fama. Foi a Salvador, ficou no Rio uns dias, parece que andou por São Paulo, disse que gostaria de fazer um filme por aqui se fosse com Florinda Bolkan, a quem ela já conhecia da Europa, e depois se mandou.

Numa noite de sexta-feira, ela esteve na Gueifieira Palace. Na hora em que metade dos granfinos da cidade certamente andavam à sua caça, disputando o privilégio de levá-la às suas casas para depois entregar a foto para que os colunistas sociais Sózimo ou Carlos Swann publicassem, lá estava a menina — ela é exatamente isso: uma menina, uma garotona — em duas mesas do Cine São José, acompanhada de várias pessoas (presente pelo menos um lampiônico: o fotógrafo Paulo Martins).

Num pileque digno de um festim grego, Maria fez de tudo na gueifieira: bebeu, conversou, cochilou, dormiu, aplaudiu Ademilde Fonseca — a convidada da noite —, levantou-se e dançou lá no fundo, no meio do pessoal mais descontraído, tudo isso numa boa. Incomodada, apenas, quando o **flash** do fotógrafo espocava em sua direção — é um velho trauma que ela tem, por causa dos **paparazzi** que viviam a persegui-la após o último tango. Não se perturbou nem mesmo quando Aziza, com sua indefectível fantasia de Miss Brasil (vide foto) se aproximou e lhe ofereceu um pacote de amendoim.

Se Maria Schneider falou? Naquela noite não, claro, que a gente não ia perturbar o lazer da moça perguntando o que ela estava achando do Brasil Guei. Mas ela disse coisas que a gente reproduz abaixo (as mais interessantes, claro: Maria é daquelas que se jogam na vida, sem perder muito tempo teorizando). Aí vai:

— Eu disse muitas vezes que sonho com a maternidade, mas não tenho filhos. Moro num pequeno apartamento em Paris, sem me preocupar com a decoração, e sem ter companhia fixa, no momento: nem homem, nem mulher, nem gato, nem cachorro.

— Sou nômade por vocação, apolítica, e cultivo uma filosofia de vida além do bem e do mal. Não me importo de mudar de casa, de amor, de cidade, mas passei um período de muita angústia, em Roma, por causa do **Último Tango**. Era perseguida pelos **paparazzi**, era perseguida por uma firma de lacticínios, empenhada a todo o custo em conseguir que eu posasse para um anúncio de manteiga; o fato de eu estar bem ao lado do Vaticano foi até motivo de uma discussão violenta na Câmara dos Deputados!

— Durante muito tempo eu não fui vista como uma atriz, ou como uma criatura humana, mas sim, como "a moça da manteiga". Foi por isso que fiquei numa posição de permanente hostilidade à imprensa: era pura defesa. Faço absoluta questão de preservar minha liberdade, embora nunca esconda que sou bissexual, e que tenho minha franqueza.

— Assinei todos os manifestos pela igualdade de direitos da mulher, e participei de dois filmes feministas. Acho muito bom que filmes assim sejam feitos. Só que até hoje não vi um filme feminista, dirigido por mulheres, que me convencesse. Neste caso, os diretores homens me parecem mais competentes.

— Meu sonho atual é fazer um filme sobre Isabelle Ebbehardt, controvertida criatura que se vestia de beduíno, cavalgava pelo deserto, ousou casar-se com um árabe numa colônia francesa em plena década de 30 e morreu numa inundação aos 27 anos. O filme poderia chamar-se "Florence d'Arabia", pois Isabelle, como o famoso Lawrence, tinha em relação à sua própria raça, à sua classe, uma atitude dúbia. Ela escrevia sobre os árabes e se misturava com eles, escandalizando as autoridades coloniais para as quais, no entanto, trabalhava. Chegou a ser ferida no deserto certa vez, mas ao que tudo indica o seu final prematuro foi mesmo acidental. O que deixou escrito não pôde ser, por muito tempo, publicado na França. Era uma criatura inquietante e anticonvencional em todos os sentidos, vestindo-se ora de homem ora de mulher, e sem ligar para o que se pensasse dela. É claro que se conseguir realizar o filme vou sentir-me ótima vivendo uma personagem assim.

— Como suportei Marlon Brando? Tive medo no começo, mas isso acabou logo. Ele me ensinou tudo, era adoravelmente paternalista, sem nunca mostrar o mesmo comportamento tirânico que o personagem. Não fui dublada, ao contrário do que alguns pensam, para as falas em inglês, mesmo dominando mal essa língua. A cena em que Brando me corrige quando falo **whore** (prostituta) não foi ensaiada nem refeita. Saiu como se vê na tela, logo na primeira tomada.

## Sorocaba

Distando 100 km de São Paulo e com uma população de aproximadamente 400 mil habitantes, Sorocaba já apresenta algumas opções aos seus visitantes gueis. Em pleno centro da cidade (Rua Nogueira Martins), o Sagitarius Guei Club é a primeira boate entendida da cidade. Funciona de quarta a domingo. Às sextas, sábados e domingos apresenta **shows** de travestis da terra, e a consumação é de 100 cruzeiros, dando direito a um drink. A freqüência é variadíssima e satisfaz a todos os gostos. Quem curte o tipo "bofe", então, vai adorar, pois eles, após deixarem em casa as namoradinhas, costumam dar uma passada pelo local para apreciar a novidade.

Com um ambiente rústico e descontraído, o Cheganca Café Bar (Rua Moreira César) é o ponto de encontro de jovens, jornalistas, boêmios, músicos e artistas da cidade. A freqüência guei neste café é acentuada, podendo-se ficar bem descansado. Se você canta, toca piano ou violão, poderá dar seu **showzinho** particular.

Os lugares de pegação preferidos pelos gueis da cidade são a Concha Acústica, o Rodo-Center, o Largo do Rosário e a Praça do Canhão (cruzes!) Estes dois últimos, próximos um do outro, são os mais freqüentados. Para os motorizados não há outro limite além do preço da gasolina: em qualquer rua você pode encontrar alguém disposto a tudo. Vale a pena fazer um excursão aos bairros.

Após às 23h, nos bares do centro que permanecem abertos, a caçação é tranqüila. Basta ser discreto. Mas a badalação também é intensa no centro, na parte da tarde, em qualquer dia da semana. É só ficar atento. **(H.F.N.)**

## Juazeiro do Norte

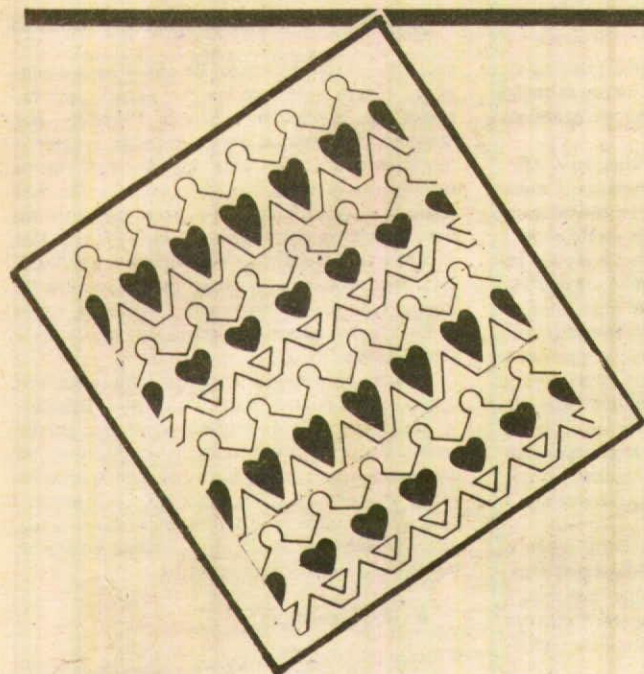
Juazeiro do Norte, pra quem não sabe, é a terra do Padre Cícero. Fica no sertão cearense, tem 120 mil habitantes e um movimento intenso de romeiros durante todo o ano. Eu disse romeiros? Bom, cada um faz a romaria que merece, não é?

**Cinemas:** o Plaza é quentíssimo e nele só fica de mãos abanando quem quer. Tem noites em que a pegação é ampla, geral e irrestrita, dependendo do filme. E, na pior das hipóteses, há algumas figuras folclóricas, que estão sempre a postos nos balcões, disponíveis a quem quer que pinte: El Coiote, Petrobrás, Bonequinho de Luxo, gente finíssima que faz as honras da casa.

**Praças:** a dos Capuchinhos, em frente à belíssima Igreja de São Francisco, é a que está com tudo; é ali que se travam efêmeras amizades que costumam ser infinitas enquanto duram, e que incendeiam, com seus ardores, os matagais próximos. Perto da praça, nas tardes de sábado, num espetáculo incomum: num campo de futebol improvisado, alguns machões empedernidos jogam contra um time de bichas públicas e notórias. Dizem que o resultado do jogo é sempre empate. Pode?

Outra praça, também muito apimentada é a Praça das Rodas, assim chamada não pelos motivos que se poderia supor, mas porque em torno de cada árvore um antigo prefeito mandou construir, não se sabe por que, uma enorme roda de cimento. Enfim, coisas de quem dá ao círculc — ou à roda — qualidades esotéricas...

**Bares:** "Virgílio's Drink é uma espelunca simpática, com boa música, e onde todo o mundo se manja. Pra quem gosta de michê, é o céu. Já c "Bar do Zé" é bem mais manero, menos evidente, e sem michês: lá é só por amor.

**Romarias:** Tem uma em setembro e outra em novembro. Nessas ocasiões, milhares de pessoas visitam a cidade e as possibilidades de transa sâc tantas que ninguém dá vencimento. São instaladas então, na Avenida do Agricultor ou Leste Oeste, barracas muito movimentadas, nas quais ou a partir das quais o desbunde é total. Só fica no seco quem quer, porque chuva tem. Na verdade, não é nem chuva, é enchente **mesmo.** **(Gelo)**

# No Rio, o encontro nacional do povo guei

No dia 16 de dezembro, um domingo glorioso, que começou com muito sol e acabou com vento, chuva e trovoada, aconteceu no Rio de Janeiro um fato inédito e certamente de fundamental importância para os homossexuais de todo o País. Realizou-se na sede da Associação Brasileira de Imprensa __ por vários motivos parte da consciência viva brasileira, entre eles o de ser um marco da nossa arquitetura moderna e o de santuário da liberdade de expressão __ o primeiro encontro de homossexuais militantes, com a presença de 60 pessoas procedentes de São Paulo, Guarulhos, Sorocaba, Brasília, Belo Horizonte, Caxias e Rio.

Durante sete horas quase consecutivas, numa sala do sétimo andar, para onde estava prevista anteriormente uma reunião do PTB, homens e mulheres discutiram com entusiasmo todos os assuntos que preocupam os homossexuais no momento. Transformada em território livre do movimento guei, a Sala Hélio Beltrão permaneceu sob estrita vigilância todo esse tempo para que nela não entrassem heterossexuais, sob qualquer pretexto. (Dois desprevenidos vendedores de mate gelado e cafezinho que chegaram até a porta terão ficado perplexos com, o digamos assim, inusitado dos debates, ainda mais se os compararam com a sessão de uma igreja protestante que se realizava ao mesmo tempo no auditório do nono andar.)

Muitas pessoas estão curiosas, querem saber sobre a finalidade desse encontro. A idéia surgiu pela primeira vez numa das reuniões de pauta deste jornal. Os lampiônicos e os membros do Grupo Somos/RJ presentes a essa reunião decidiram que tinha chegado a hora de se fazer uma tentativa de organizar e expor o conjunto de pontos de vista e de idéias que começa a tomar corpo como resultado do nascimento de grupos de ativistas homossexuais por todo o Brasil. E quisemos fazer isso antes que se encerrasse a década de 70, isto é, como uma homenagem aos anos que marcaram o início da luta das minorias oprimidas e, especificamente, da política do corpo. Conseguimos nosso objetivo?

A resposta é positiva, pois só a presença daquelas pessoas ali, todas com a mesma disposição de encontrar os meios para o estabelecimento de uma convivência produtiva, de uma compreensão e unidade maiores, já foi mais do que compensador. Valeu a pena sim, porque além disso, materializou-se a idéia de um segundo encontro, ou "congresso", como decidiu a maioria, a se realizar no mês de abril em São Paulo, para debate e tomada de posição sobre várias propostas apresentadas agora e que uma comissão especialmente indicada vai transformar em temário.

A reunião da ABI tinha caráter especulativo quando foi idealizada; ela ultrapassou de longe esse caráter e mostrou que a vontade, o sentido de organização e o avançado estado de preparo tático de alguns grupos estão a exigir uma estrutura muito mais ampla e profunda do movimento homossexual como um todo e que essa estrutura só pode ser criada com a colaboração de todos os interessados. Diante do arsenal de idéias e de projetos plausíveis e inventivos apresentados na ABI cresceu a certeza de que o movimento já está maduro e capaz de criar uma perspectiva de ação social para os homossexuais organizados.

A sociedade machista cultiva contra os homossexuais preconceitos que servem para fechar as portas dos guetos onde são mantidas as pessoas estigmatizadas. Os porta-vozes dessa sociedade, sejam eles os representantes da Igreja, da medicina, da lei ou da psicanálise, difundem a teoria que o homossexual é um ser anti-social, incapaz de organização, que se dedica apenas a corromper o espírito gregário do homem. Os próprios homossexuais machistas gostam de se chamar de "doentes" e de se autocaricaturarem como irresponsáveis, egocêntricos e detestando qualquer tipo de relação mais duradoura. Eles estão simplesmente representando o papel que lhes foi imposto pelos opressores e com isso acham que poderão ser "aceitos". Certamente nunca lhes ocorreu que numa sociedade justa a opção sexual de cada um não será fator que vai pesar na escolha das pessoas para as tarefas de administração ou de direção dos assuntos públicos.

O que se viu nesse encontro da ABI, e acredito que seja esse um dos resultados mais positivos e importantes, foi justamente a confirmação de uma nova consciência e de uma nova atitude diante da sociedade opressora. Os homossexuais não estão mais dispostos a se deixarem manipular por nenhum sistema e acreditam que podem conquistar um lugar dentro do mundo contemporâneo sem ter de fazer qualquer concessão à sociedade machista. Com isso estão seguindo o caminho de outras minorias oprimidas. Saimos assim da idade da inocência para entrar na idade adulta, e acredito que os debates da ABI tenham sido a marca dessa maioridade.

Os grupos presentes ao encontro formaram-se nos últimos dois anos, alguns deles têm menos de um mês de vida, mas o que mais se notou na reunião foi a preocupação de todos em apresentar um programa bem definido de reivindicações e atividade política. Estamos muito longe, porém, daquele tipo de debate "sério" que caracterizou a juventude dos anos 50, ou da visão ingênua do mundo dos jovens dos anos 60. Para quem foi temperado na repressão da década que acaba de se encerrar é inaceitável tanto o engodo da política tradicional, que tem por única meta colocar os velhos no poder, como o "deixa pra lá" dos hippies. As gerações atuantes neste momento têm plena consciência de que a seriedade é o último refúgio dos calhordas e por isso não cairão no erro das sufragistas, por exemplo, que ao lutarem por uma causa justa assumiram o ridículo de se masculinizarem para poderem enfrentar o desafio do sistema machista.

Desta vez, pela primeira vez, um movimento revolucionário não está adotando os maneirismos reacionários para poder sobreviver. Ele fala sua própria linguagem, continua vivendo dentro de seus costumes e, à medida que lhe é aberto um espaço, ocupa-o com sua presença, sem se mascarar do que não é e sem negar a essência de sua natureza. Isso está acontecendo com os movimentos dos negros, das mulheres e agora dos homossexuais. Será portanto muito difícil combater tais movimentos — seus argumentos e suas rmas pertencem a um universo novo e desconhecido do sistema, que ele não consegue caricaturar. Isso é totalmente diferente do que aconteceu com os hippies, por exemplo, cuja proposta de civilização foi parar na mesa dos futurólogos do Hudson Institute e saiu dali pronta para ser consumida pela chamada Grande Sociedade como mais um produto altamente comestível.

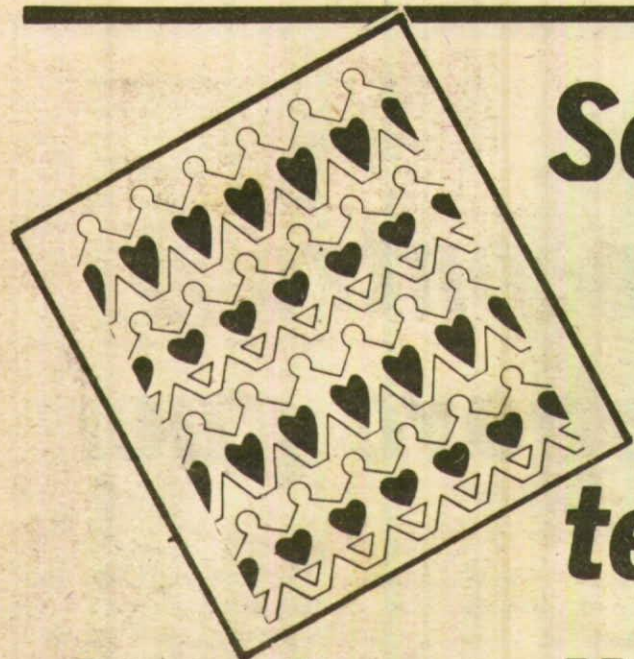
Tal coisa não poderá ocorrer com o atual movimento de minorias oprimidas porque, nas suas raízes, esse movimento é revolucionário (e não simplesmente reformista), quer mudar o esquema do poder, tem uma visão que difere totalmente tanto da direita como da esquerda, sendo portanto indigesto por qualquer lado que queiram consumi-lo. Para aceitá-lo, os regimes modernos, de direita ou de esquerda, terão de modificar-se na essência, acabando com tudo o que há dentro deles de reacionário e perverso. E para destruí-lo, se chegarem a esse extremo, estarão praticando genocídio, pois pela primeira vez na história têm pela frente uma revolução desarmada.

No microcosmo da reunião da ABI ficou bem aparente a existência de todas essas idéias querendo tomar forma concreta. Sua veiculação foi feita de forma objetiva, inteligente e perfeitamente articulada pelos representantes dos grupos ali presentes. Embora ainda tão incipiente, o movimento homossexual brasileiro tem com certeza algumas das cabeças jovens mais luminosas do momento que vivemos. Chamar esses homens e mulheres homossexuais de vocações de líderes seria aplicar os padrões autoritários que todos nós repudiamos. Mas que palavras usar diante da constatação de que está surgindo e se afirmando neste país toda uma geração disposta a não mais se deixar enganar nem repetir os erros das que a antecederam?

Aliás, essa clara capacidade de militância voltada para o futuro foi, por incrível que isso possa parecer, a causa dos momentos de maior tensão do nosso domingo. A desenvoltura, a capacidade de argumentação e o preparo desses novos "líderes" para o debate fez surgir a parte "doente" em algumas das bichas presentes. Não foi propriamente o que se chama de um choque geracional, embora as bichas que reagiram de maneira irracional fossem todas de certa idade, mas de uma reação machista e de uma perda de pé diante de uma realidade que, para quem passou toda a vida reprimido e não se preparou para os novos tempos, pode ser vertiginosa. No jargão do momento, esse pequeno grupo é composto de bichas que ainda não tiveram a cabeça feita.

Para o próximo encontro, que pretende ser muito mais abrangente, espera-se o surgimento de fatos como esse, mas nem por isso seus organizadores estão mais inquietos. O que interessa no momento é saber como conseguir os fundos mínimos para uma reunião desse tipo.

A nossa primeira reunião foi feita com a ajuda de todos os interessados, não tivemos auxílio exterior de qualquer tipo (a Lampião couberam as despesas). Queríamos mantê-la secreta, e conseguimos. Ninguém fora dos promotores e participantes ficou sabendo de sua ocorrência. Assim mesmo, na semana seguinte, o semanário "Pasquim" deu uma dica sobre o assunto, mas, infelizmente, totalmente falsa. Dizia a nota que perdemos longo tempo debatendo o machismo do referido jornal. Não é verdade, caros editores do "Pasquim". Não tivemos oportunidade nem nos interessaria debater tal assunto em relação a um jornal tão antigo. Quem passou essa dica a vocês fabricou-a de cabo a rabo. O que houve, isso sim, foram as declarações de um dos participantes do encontro sobre fatos envolvendo a entrevista com Paschoal Carlos Magno, que todos ouvimos sem maiores comentários.

**(Francisco Bittencourt)**

# Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política

A gente passou a semana no maior ouriço. Não por causa da organização do encontro, que tudo correra às mil maravilhas: intensa troca de correspondência com os diversos grupos, escolha de datas, providências para a hospedagem dos convidados, reembolso de passagens, etc., tudo já estava acertado; mas pela possível presença, no mesmo andar da ABI e à mesma hora em que faríamos o nosso encontro, do pessoal do PTB, cuja direção programara um seminário para o dia 16. Já pensaram? De um lado, as bichas e lésbicas; do outro, os estancieiros e cidadãos de classe média que representam compulsoriamente os trabalhadores — todos a discutir, cada facção a seu modo, o "fazer-política"?

Infelizmente o PTB — não sabemos se alertado ou não para o fato de que contaria com tão boa vizinhança — desistiu do tal seminário. E na manhã do domingo, dia 16, éramos nós os únicos a ocupar o sétimo andar da Associação Brasileira de Imprensa, cuja sala Heitor Beltrão, transformada num auditório para 70 pessoas sentadas, nos fora reservada por seis horas (fora preciso marcar um prazo, para que a reunião não se prolongasse indefinidamente, como muita gente queria).

Quando o pessoal do LAMPIÃO encarregado de fazer a cobertura do evento (eu, Chico Bittencourt, e Leila Míccolis, que é a nossa Carlota Swann, a nossa Marcela Proust) chegamos ao sétimo andar da ABI, às dez horas em ponto, deparamos, à saída do elevador, com o primeiro instante de emoção, devidamente armado à nossa espera: o pessoal de Guarulhos, dois homens e uma mulher, dormiam sobre um banco, amontoados como os adereços de um recém-desfilado carro alegórico. Explique-se: eles tinham acabado de chegar, após enfrentar uma noite de viagem pela Via Dutra, e estavam apenas se concentrando, pois logo depois, nos debates, se revelariam de uma incrível competência.

Às dez horas e quinze ainda havia pouca gente e corriam algumas notícias desagradáveis: dois dos visitantes de outros Estados tinham sido assaltados, na noite anterior, nas perigosas ruas do Rio. Às dez e meia, no entanto, já havia **quorum** suficiente (o pessoal continuaria chegando, até que, às onze horas, alguém contaria sessenta pessoas no auditório), e foi tomada a primeira providência: Provando-se que aquela não era mais uma reunião em que se pretendia repetir os padrões habituais da política machista, foi escolhida uma mulher para dirigir os trabalhos: Teka, do Grupo Lésbico-Feminista (uma facção do Somos/SP), ocupou o lugar na mesa, secretariada por Jorge (Somos/RJ).

## OS GRUPOS

A primeira parte — e mais tranqüila da reunião — constituiu da apresentação dos grupos. O mais novo deles — o Auê/RJ, foi o primeiro a adentrar na passarela. Seus dois representantes, Marcelo e Roberto, disseram que o grupo era uma "dissenção" do Somos/RJ, fora fundado há apenas dois dias e tinha, de saída, uma proposta a fazer: que se criassem condições — através do diálogo constante — para que os grupos de uma mesma cidade pudessem agir em conjunto.

Veio a seguir o Beijo Livre/Brasília, representado por Ribondi e Pedrancini; relativamente novo, o grupo já está fazendo um trabalho junto aos homossexuais nas prisões da capital, inclusive mantendo contatos com advogados e médicos. Além disso, dentro de uma luta que é conjunta de todos os brasileiros — lá não se vota pra nada —, o grupo pretende ressaltar a presença dos homossexuais enquanto força política no planalto.

Manoel e Edna, representantes do grupo Eros/SP, ocuparam a mesa a seguir, para ressaltar, outra vez, a necessidade de atuação em conjunto. Eles falaram, ainda de questões como as dificuldades na legislação dos grupos, e aproveitaram a ocasião para propor uma melhor articulação com o grupo Somos/SP.

O pessoal do Libertos/Guarulhos, que após o sono reparador das dez horas estavam em plena forma, apresentou, a seguir, a proposta mais concreta: todo um temário para um congresso — que eles pretendiam estadual —, cujas cópias mimeografadas foram distribuídas entre os presentes. Gilmar e Neide falaram das características específicas do grupo, que atua numa cidade industrial e tem, entre seus membros, grande número de operários.

Eduardo e Yvonne, do Somos/RJ, falaram da necessidade de manter um contato permanente com os diversos grupos, como uma maneira de incentivar a criação de outros. Propuseram um levantamento de toda a produção homossexual no campo das artes e da criatividade, e pediram que se levasse em conta — já que não se tratava de repetir os chavões da política tradicional — "o lado mais humano das coisas".

Marcos e Emanoel, carregando nas costas o fardo de representar o Somos/SP, o mais bem organizado e mais ativo de todos os grupos, foram recebidos com grande expectativa pelo auditório, àquela altura quase lotado. Em vez de apresentar qualquer proposta — e levando em conta que o histórico do grupo já fora amplamente divulgado através do LAMPIÃO —, Emanoel preferiu falar de sua emoção por estar ali, naquele momento e naquela reunião: "Minha emoção é tanta", ele disse, "que sinto vontade de chorar".

Conceição e Déia, do Grupo Lésbico-Feminista (Somos/SP), falaram a seguir. Conceição ressaltou o fato de ser três vezes oprimida — é negra, mulher e lésbica —, e disse que sua facção, atualmente, se ocupa em contestar a reprodução dos papéis — de macho e fêmea — entre as mulheres —, e em fazer um trabalho em cima da violência contra as mulheres (esse trabalho, inclusive, foi fortalecido em conseqüencia da agressão, seguida de estupro, sofrida por uma das mulheres do grupo (vide matéria à página 4). Elas vêem trabalhando, também, na organização do II Congresso da Mulher Paulista, programado para o início deste ano.

Vera e Valter, do Grupo de Atuação e Afirmação Gay — GAAG/Caxias, ocuparam a mesa logo depois para rejeitar qualquer tentativa de estigmatizá-los como "representantes da Baixada"; segundo eles, a Baixada não é uma região especial, nem mesmo quanto à violência, na medida em que todo o país vive atualmente uma situação de extrema violência; eles disseram, também, que o grupo, embora de homossexuais, se preocupa não apenas com a liberação homo, mas com a liberação sexual; falaram das dificuldades de arregimentar homossexuais para os quadros do grupo na região em que atuam, e rejeitaram com firmeza o comentário feito por alguém no auditório, para quem "o problema é que quem mora na Baixada está a fim de sair de lá".

Hilário, do Somos/Sorocaba, falou sobre a barra pesada que é atuar numa cidade pequena, onde todos se conhecem, e disse que, por isso, a atuação do seu grupo tem sido restrita, sendo sua preocupação maior o contato permanente com os grupos que atuam na capital.

Terminada a apresentação por grupos teve início o debate, com a apresentação de propostas. Gilmar (Libertos/Guarulhos) voltou a propor a organização do movimento como um todo. Alguém lembrou que além dos grupos ali representados (havia no auditório um ativista de Belo Horizonte, que viera anunciar a próxima criação de um grupo naquela cidade), sabia-se que havia vários outros em fase de organização — em Salvador, Fortaleza e Recife, por exemplo.

Marcelo (Auê/RJ) pediu que se iniciasse uma campanha para obter uma pequena alteração no capítulo da Constituição Federal em que se proíbe a discriminação **por sexo**, para que passasse a figurar **por opção sexual**; e que se abrisse a luta para que o homossexualismo deixasse de ser catalogado no capítulo das "doenças mentais".

## O CONGRESSO

A proposta para a realização de um congresso, apresentada a seguir, foi aprovada por aclamação (ou "ovação", como preferiu Leila). Foi escolhido depois o mês — abril, a data — 4, 5 e 6, feriados da Semana Santa — e, numa discussão de mais de 40 minutos (que Emanoel — Somos/SP — classificou de "bizantina") o local: São Paulo, levando-se em conta que é cidade onde os grupos estão melhor organizados.

Após o intervalo para o almoço, foram reabertos os trabalhos agora para apresentação e propostas visando ao temário do congresso. Coube ao Libertos/Guarulhos, que já tinha trazido toda uma proposta por escrito para um congresso estadual em São Paulo, apresentar as suas: "a questão homo e as implicações jurídicas no Brasil", e "problemas específicos dos homos — perversão, discriminação na própria comunidade, discriminação na escola, trabalho, lar, etc..."

As propostas eram livremente debatidas pela assembléia e votadas pela comissão de representantes dos grupos. Mas, como nada era rígido no encontro, várias propostas de temas para o congresso foram apresentadas por pessoas que estavam na assembléia. Alceste Pinheiro, por exemplo, lembrou a necessidade de manter o movimento em constante ligação com outros movimentos progressistas, de maneira a não tê-lo como uma coisa isolada e à parte das lutas do povo brasileiro; e um membro do GAAG/Caxias propôs que se debatesse, no congresso, a influência dos movimentos estrangeiros na tentativa de organização dos homossexuais brasileiros, e que se discutisse qual seria o modelo para este homossexual brasileiro.

A apresentação de propostas para o temário tomou quase duas horas dos trabalhos. Decidiu-se que a comissão de representantes dos grupos seria transformada em comissão organizadora do congresso; aos diversos membros caberia levar as várias propostas à apreciação dos seus grupos, para que — numa reunião posterior, programada para fevereiro, em São Paulo — fossem escolhidos por eles os vários itens do temário.

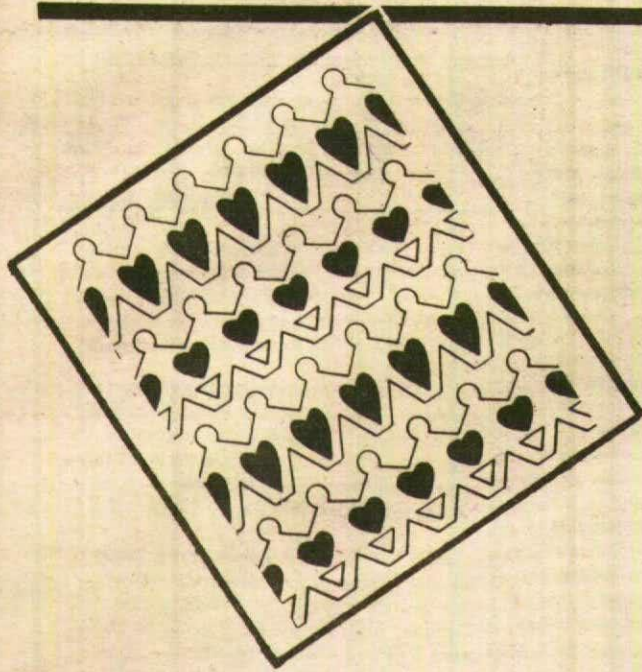
## A ORGANIZAÇÃO

Todos os grupos tinham propostas a fazer. Mas como o Libertos/Guarulhos foi o único a fazê-las por escrito, distribuindo inclusive cópias mimeografadas com todos os presentes, ele foi o premiado: vamos reproduzir aqui as propostas deste grupo, apenas para que os leitores tenham uma idéia do nível de organização e discussão atingido no encontro da ABI:

"**Congresso estadual**, julho de 1980, São Paulo: 1 — visando organizar a atuação dos grupos existentes, criando um elo de ligação efetivo entre os trabalhos dos diversos grupos;2- estimular a criação de novos grupos, em cidades onde eles ainda não existam (um elemento de uma cidade, estando sozinho, poderia entrar em contato conosco e a partir deste contato discutiríamos uma forma de abordagem organizativa para tal cidade: peça teatral, recital de poesia, debate em faculdade, palestras, etc.); entendemos que existem mil outros temas para um congresso, porém ressaltamos que a nossa proposta para o momento tem um caráter eminentemente organizativo.

"**Criação de um grupo de mobilização**: grupo permanente, integrado por dois elementos de cada grupo formado, mais os de novos grupos que venham a surgir, para dar seqüência às resoluções do congresso e mobilizar todos os grupos em cima de ações práticas abrangentes: passeatas, atos públicos, campanhas, etc...

"**Trabalhos práticos imediatos**: troca de experiências e informações; debater mais detalhadamente formas de trabalho prático; aprimorar o trabalho social nos grupos (advogados, médicos, incentivo à pesquisa, etc.); ampliação das atividades culturais nos grupos e no geral: filmes, peças, poesias; apresentações de filmes/ /peças/livros, especialmente para os grupos debaterem o tema, principalmente quando os mais diretamente interessados somos nós; caderno de informação, onde seriam abordados, de forma leve e informativa, os principais problemas dos homossexuais (repressão e discriminação, doenças venéreas) em linguajar fácil, onde também se conclame as pessoas a participarem de al-

gum grupo, colocando uma forma de contato; discutir uma forma de na prática ampliar o trabalho de conscientização do homossexual, através da união com outros grupos que levam (?) semelhante tipo de trabalho (Jornal do Gay, Corydon e outros), pois existem pontos comuns e em comum."

E claro que tudo o que vocês leram aí em cima não aconteceu assim, tão ordenado e bonitinho. Houve dificuldades — muita discussão, muito impasse, muitas ocasiões traumatizantes, com as pessoas abrindo o bocão e dizendo o que estava lá dentro, bem no fundo, mesmo que isso incomodasse algum presente. Mas, tudo isso numa boa: tanto que, encerrado o prazo para a utilização da sala, foram quase todos para o bar ao lado do Amarelinho, onde a discussão continuou. Todo o mundo estava tão feliz, que a separação foi difícil — com o pessoal dos outros Estados, saindo já em cima da hora, para tomar seus ônibus na rodoviária, e o pessoal do Rio programando se encontrar no dia seguinte "para conversar mais".

LAMPIÃO, que teve a idéia do encontro e não abre mão disso, aproveita a ocasião para agradecer aos que trabalharam pela sua realização: Leila Míccolis, Eduardo e Dimitri Ribeiro, que formaram o que se chamou "a comissão de alcova", encarregada de contactar os representantes e garantir a ausência de heterossexuais na sala de reuniões; todas as pessoas — do Somos/RJ e do Auê/RJ — que aceitaram hospedar em suas casas as pessoas vindas de outros Estados; e **seu** Maurício, nosso assessor, cuja vitalidade e paciência a gente não pode ignorar. Agora, chegou a hora da **fofoca**; leiam, a seguir, o delicioso texto de Leila. (**AS**)

# Na hora da festa, conosco ninguém pode

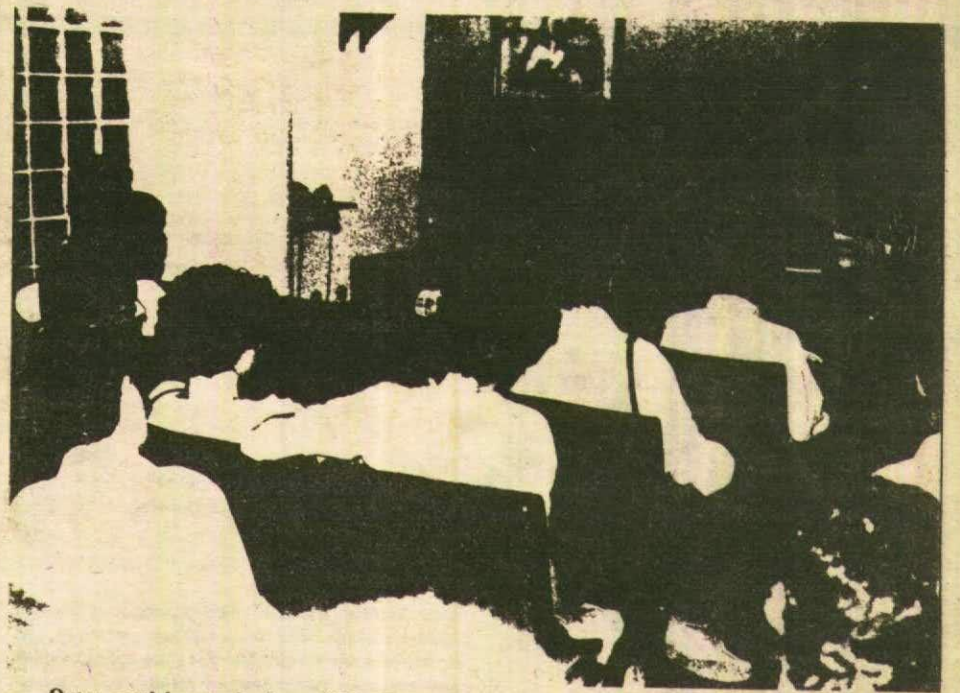
**Eu não estava enganada quando aceitei ficar com a parte da cobertura do encontro referente aos depoimentos e o lado humano: foi uma das mais agradáveis tarefas, porque as pessoas me deixaram com gosto de felicidade na boca. Tudo começou quando a turma do Lampa teve a brilhante idéia de fazer uma reunião na véspera do encontro, para que todos se conhecessem. Nem é preciso dizer que a proposta foi aprovada por unanimidade e acompanhada de** obas, vivas e palmas.

**Antes ficáramos combinados assim: LAMPIÃO se encarregaria das passagens e os grupos Somos e Auê, do Rio, hospedariam os visitantes. A partir daí, nada de organização apriorística : tudo o que acontecesse seria na base do espontâneo e da improvisação. Já pensaram? Pela manhã de sábado os representantes dos Estados começaram a chegar, e à noite nos encontramos na casa de Eduardo (Somos/RJ), num clima, principalmente, de muita emoção.**

A FESTA

**Emoção, sim. Tinha pessoas emocionadíssimas, juro eu vi com esses olhos que a terra há de comer. Era tanta a alegria pela reunião, que até gente doente, com febre e tudo, estava presente para prestigiar. Ninguém pensava tão cedo assistir a uma confraternização dessas. Para facilitar o entrosamento, apresentamos os visitantes, e a partir daí foi uma danação de troca de informações, vivências, e até mesmo endereços.**

**Como sempre, poucas mulheres; onze apenas, para o quíntuplo dos homens. Perguntei a Edna, do Eros/SP, sua opinião sobre o fato. Ela respondeu que em todos os grupos era assim, inclusive no dela. Uma pena, infelizmente, no que todas concordamos. Muita gente presente, da equipe do lampião: Aguinaldo, Chico Bittencourt, Adão, Clóvis, Dimitri, João Carneiro e essa humilde serva que vos fala, todos na maior alegria por este contato, por esta primeira experiência no país. Com exceção do GAAG/RJ e do Libertos/Guarulhos, todos os demais grupos se fizeram representar: Eros/SP, Somos/SP capital (com sua representação geral e mais a do Grupo Lésbico-Feminista), Somos/Srocaba, Somos /Rio, o pessoal de Minas, com a intenião de fundar um grupo em Belo Horizonte, e mais o Beijo Livre (Brasília). Aliás, a turma do Distrito Federal suou para desfazer mal-entendidos, pois todos chamavam seu grupo como bem queriam: beijo na boca, beijo louco e muitos outros tipos que, no final, acabariam sendo livres mesmo...**

**Os papos foram os mais variados possíveis, desde a relação amorosa até os temas para o dia seguinte, numa típica miscelânia tropicalista. Enquanto Emanuel (Somos/SP) perguntava a Aguinaldo se havia pauta pré-estabelecida para o encontro , Zezé (também do Somos /SP) dizia já ter provado o sabor sensacional da terra carioca desde a véspera, quando excursionara pela Guelfieira. O Grupo Lésbico-Feminista, pela primeira vez no Rio, continuava impressionado com o Túnel Rebouças, cujo engarrafamento fez parecer ainda maior, e com a praia do Colégio (na Niemeyer).** Hugo Somos/RJ), **ainda com curativos da última briga numa cidade do interior, explicava às pessoas que entrou para o grupo a fim de fazer pegação.**

**Outro participante do Somos/RJ, Helinho, me dizia ter sido o primeiro a conseguir namorar dentro do grupo, embora frisasse que sua principal finalidade, ao entrar nele, era lutar por uma maior conscientização e um maior espaço de atuação. "Mas, quando se pode unir o útil ao agradável..." Eduardo, nosso perfeito anfitrião, como sempre bem acompanhado, causando inveja e furor a todos que o viam desfilar com o seu gato.**

**Sobre o Auê/Rio, Roberto afirmava que apesar de o grupo ser uma dissensão do Somos /Rio, a separação era apenas de caráter ideológico, e que não havia qualquer tipo de inimizade pessoal, o que realmente pude constatar com meus olhinhos de lince. Também do mesmo grupo, Marquinho comentava, deslumbrado, a aparição na tevê de Petit, o garoto pra quem o Caetano Veloso fez a música "Menino do Rio".**

Hilário, o representante do Somos/Sorocaba, falava da dificuldade de agrupamento, pois as pessoas achavam que pagariam um preço alto demais por atuarem dentro da própria cidade. Das mulheres, as primeiras a saírem foram Yone (Somos/Rio) e Edna (Eros/SP), porque ainda iam dar uma estica no Zig-Zag, e acabaram por ver o sol nascer em Copacabana. Teka (Somos/SP), uma das adoentadas, mais Zilá e Elaine, foram as últimas a chegar, e pouco demoraram também, por quererem dar um giro pela noite carioca.

Entre refrigerantes e vodkas a reunião transcorria num ambiente agradável e descontraído. O único incidente desagradável a registrar foi a briga por ciúmes entre dois membros (caso) do Somos/Rio, já de madrugada a festa se estendeu pela noite a dentro. Mas, apesar do adiantado da hora, todo o mundo acordou cedo, no dia seguinte, ansioso pelo encontro que (pasmem!) começou com apenas meia hora de atraso.

**O ENCONTRO**

Quando LAMPIÃO sugeriu que fosse escolhida uma mulher para coordenar os trabalhos na mesa, logo me ocorreu perguntar a um homem e uma mulher o que pensavam do fato. O primeiro escolhido foi Eidimar (Somos/RJ): "Não tenho nada contra, desde que seja **inteligente** e **coerente**" (ambas as palavras grifadas, viu? O garoto pediu). Chico Bittencourt, por perto, interviu: "Põe aí que quando não são inteligentes nem coerentes, os culpados são os machistas dos homens..." Conceição, do Lésbico-Feminista, achou uma ótima medida, desde que não houvesse nela um caráter de concessão paternalista.

A mulher escolhida para dirigir os trabalhos foi Teka, do mesmo grupo de Conceição. E aqui preciso abrir parênteses, tirar chapéu (que nem tenho) pra fazer elogios rasgados a ela. Vocês precisavam ver Teka organizando os trabalhos, com 60 pessoas juntas, muitas vezes falando todas ao mesmo tempo, no afã de transmitir suas idéias.

Teka conseguiu brilhantemente passar por esta prova de fogo, ora flexível, se amoldando aos interesses da reunião, ora séria, revidando qualquer gracinha ou ironia prejudicial aos trabalhos, mas sempre com incrível domínio e simpatia. Lembro-me de uma frase que traduz bem a força e o bom humor de Teka na reunião; um dos membros do Somos/RJ, Lucas, perguntou a ela se a posição do Grupo Lésbico-Feminista era de que as mulheres deviam competir com os homens. E ela, muito calmamente, respondeu: "Entre o escravo e o senhor, não se trata de competir, e sim de tomar o poder..."

Eu já sei que este parênteses está grande (e que fatalmente vai surgir quem diga que se fosse um homem na mesa eu não iria me alongar tanto assim); então, vou finalizá-lo dizendo que a atuação de Teka foi tão essencial para o encontro, que acabou sendo também benéfica a ela. Terminados os debates, me segredava sorrindo: "Você vê? Melhorei, não sinto mais dor, até a febre passou. Eu estava mesmo era precisando exatamente desse remédio..."

Agora sim, vem a parte do calor e da fumaça. Ora se ligava o ar condicionado para refrescar ora se escancaravam as janelas para a fumaça sair. O ambiente estava quente em todos os sentidos. O "elemento humano", apesar de atento, se inquietava com a sauna que havia dentro do recinto, fazendo com que as pessoas muitas vezes fossem ao corredor e se instalassem na única corrente de ar que se formava.

Desta vez todos os grupos, sem exceção, estavam presentes; nove ao todo, cada um com dois representantes, inclusive duas mulheres negras na mesa. Os comentários, que na véspera tinham sido de caráter mais pessoais, agora adquiriam conotações bem mais amplas, políticas, ideológicas. Era o caso de Gilmar, de Guarulhos: "Devemos ter cuidado com a **abertura**; se ela não for pra valer, primeiro caçam os comunistas — e a temporada estará aberta — depois seremos nós..."

Valter, do GAAG/RJ, explicava que o maior problema de um movimento na Baixada era a pouca vontade das pessoas de se agruparem, por acomodação e medo da repressão do sistema. O Grupo Lésbico-Feminista comentava um estupro acontecido há dias com uma de suas participantes, o que aguçava ainda mais o desejo por parte das paulistas de partir para um trabalho sobre a violência.

**Na primeira parte dos trabalhos houve a apresentação e histórico de cada grupo, além de se votar pela realização do Congresso em 1980. Foi só no intervalo para o almoço que as conversas voltaram, por meia hora, a serem mais íntimas. Enquanto algumas pessoas aproveitavam para conhecer a Cinelândia — perto da qual nós estávamos —, naquela hora ainda com pouco movimento, outras, entre um sanduíche e outro na lanchonete mais próxima, aproveitavam os minutos de intervalo para se aproximarem mais. Eu própria me espantei quando Ribondi (Beijo Livre) me falou de grandes amigos meus como sendo também seus.**

**Depois de uma cervejinha gelada, o debate se animou na segunda parte, principalmente quando se tratou de discutir detalhes de infra-estrutura relativos ao próximo encontro. O local foi um dos assuntos mais polemizados, porque sempre suscita, por parte dos bairristas, acalourados debates. Arembepe e até mesmo a Suíça constavam da relação de sugestões irônicas, mas o bom-senso venceu, escolhendo-se São Paulo, afinal, para a realização do Congresso, uma vez que lá se encontra o maior contingente de todos os grupos, sendo portanto contrasenso deslocá-lo para outros Estados.**

**Como apenas os representantes escolhidos tinham poder deliberativo (voto), cabia à platéia**

questionar e debater, direito este exercido em total plenitude, dando até mesmo, por vezes, um ar tumultuado à reunião. Mas para João Carneiro isto em nada prejudicou os trabalhos: "Um encontro mais organizado teria bitolado a ação de seus participantes". Libertos Guarulhos e Auê/Rio foram os que mais apresentaram sugestões para o temário a ser debatido no congresso do ano que vem, sendo as propostas de Gilmar (Libertos) todas no sentido de transformar a movimentação grupal num movimento nacional mais amplo e organizado.

Extra/Lampião corria "mano a mano", com suas entrevistas sobre política sexual. O mais comentado era sempre Gabeira e sua tanga. Mas também se falava muito da entrevista com Zezé Motta, no nº 19. Augusto, por exemplo, se sentia traído com a última frase dela: "Afinal, esse negócio de ter coisa mais urgente pra se preocupar do que a luta pelo prazer é exatamente o que o sistema repressivo e a sociedade patriarcal quer de nós. A luta "maior" tem de caminhar junto com a luta "menor", que nem é tão menor assim..." — ele dizia.

Ninguém arredou pé até o final, apesar da estafa, do calor, dos apartes. Graças a este esforço coletivo foram debatidos todos os pontos principais, conseguindo-se, inclusive, consenso geral em muitas deliberações. Um saldo altamente positivo, sem dúvida, meio caminho andado para futuras realizações. Foi Aguinaldo quem comentou — lembrando sua experiência de reuniões estudantis e de jornalistas —, que outra "classe" que tivesse se reunido para debater seus interesses comuns não teria chegado, em tão poucas horas, aos resultados alcançados. Em todo o mundo um arzinho de vitória, daqueles que não ficam estampados no rosto, mas que se percebe a cada gesto.

Finalizando a sessão, Mané (Eros/SP), num gesto de simpatia, e em nome de todos os visitantes, agradeceu aos grupos cariocas a carinhosa acolhida e hospedagem.

Mané, Gilmar e Hilário disputadíssimos. Aliás, entre as mulheres, embora mais discretos, surgiram namoros entre paulistas e cariocas. Antes da turma se dispersar, as pessoas prometeram se escrever, telefonar, ou em breve se encontrar, caso as saudades não as deixem dormir em paz. E embora não seja cartomante ou pitonisa, pelas despedidas que eu presenciei, posso afirmar, com certeza, que o congresso de 1980 será quentíssimo. (Leila Míccolis)

## Escolha aqui sua turma

**Somos/RJ** — Caixa Postal 135, CEP: 25000, Duque de Caxias, Estado do Rio.

**Somos/SP** — Caixa Postal 22.196, CEP: 01000, São Paulo, São Paulo.
**Auê/Rio** — Caixa Postal 16218, CEP: 20000, Rio de Janeiro, Estado do Rio.

**Somos/Sorocaba** — R. Fuado Bachir Abdala, 53/31, CEP: 18100, Sorocaba, São Paulo.

**Beijo Livre** — Caixa Postal 070812, CEP: 70000, Brasília, Distrito Federal.

**Eros/SP** — Caixa Postal 5140, CEP: 01000, São Paulo, São Paulo.

**Facção Lésbico/Feminista** — Caixa Postal 22.196, CEP: 01000, São Paulo, SP.

**Libertos/Guarulhos** — Rua Cabo Antônio P. da Silva, 481, Jardim Tranqüilidade 07000, Guarulhos, São Paulo (a/c Osvaldo Izidoro)

**Grupo de Afirmação Gay** — Caixa Postal 135, CEP: 25000, Duque de Caxias, RJ.

E atenção, gueis baianos: rodem a baiana, tudo bem, mas deixem de ser alienados. Participem de um grupo de discussão sobre homossexualismo. Para maiores informações, escrevam para Luiz Mott: Rua Milton de Oliveira, 114, 40000, Salvador, Bahia.



(Se você está interessado em trocar correspondência, mande seu anúncio para esta seção. É grátis, a gente não cobra nada para publicá-lo. Só que o texto não pode ser muito longo, se não sobra pouco espaço para os outros)

A SOLIDÃO me deprime. Por isso quero encontrar um rapaz, de Campinas, São Paulo ou Rio, que faça o gênero bofe. Sou estudante, 19 anos e de boa aparência. Fotos na primeira carta. Rua 14 de Dezembro, 48, 13.100, Campinas, SP.

SANTISTA jovem deseja se corresponder com rapazes para uma sincera amizade. Que gostem de mar, natureza e poesia. Miranda: Rua 10, nº 48, Vicente de Carvalho, CEP. 11.450, Santos, SP.

RAPAZ discreto, um metro e setenta e sete, 53 quilos, quer se corresponder com um rapaz para amizade. Nélio de Oliveira: Quitanda, 20, 4º andar, Rio de Janeiro, RJ, CEP. 20.011.

LOIRO, olhos azuis, 1,80m, 70kg, nível universitário; gosto de Fernando Gabeira, Ney Matogrosso e André de Biase. Seleciono novas e boas amizades. Mande fotos, dados completos, preferências. Fritz Richard. Caixa Postal 1.389, CEP. 89.100, Blumenau, Santa Catarina.

GAÚCHO, 21 anos, um punhado de verde nos olhos, quer correspondência com pessoas de todas as idades e sexos. Toda carta será respondida. Rafael Dias Hernandes. Rua Jaguari, 195, Cristal, CEP. 90.000, Porto Alegre, RS.

MORENA, cabelos e olhos castanhos, cultura superior, deseja se corresponder com moças muito femininas e cheias de ternura. Lúcia Maria. Caixa Postal 38.034, CEP. 22.451, Rio de Janeiro, RJ.

PROFESSOR de alemão, 26 anos, olhos azuis, amante de Santa Teresa, gostaria de se corresponder com alguém para sonhar a dois. Júnior. Rua Almirante Alexandrino, 1.548, s/201, CEP. 20.451, Rio de Janeiro, RJ.

SOCIALISTA, 21 anos, estudante de comunicação, quer corresponder-se com rapazes para troca de idéias. Antônio Carlos S. Moreira. Rua Santa Maria, 26, aptº 302, CEP. 20.211, Rio de Janeiro, RJ.

UNIVERSITÁRIO, moreno, olhos e cabelos castanhos, deseja se corresponder com jovens de ambos os sexos para troca de idéias e amizade sincera. Durval Ramos da Silva Filho. Estrada Vicente de Carvalho, 441 — fundos, Rio de Janeiro, RJ, CEP. 21.371.

BUSCO minha alma gêmea: um guei que, preferencialmente, resida no Rio ou em São Paulo. Tenho 22 anos e muito amor e carinho a oferecer. Jader Santoro. Caixa Postal 13.106, CEP. 20.000, Rio de Janeiro, RJ.

DESEJO corresponder-me com gueis. Sadi Missel Neto. Caixa Postal, 2.938, Porto Alegre, RS, CEP. 90.000.

REPRESENTEI... Cantei. Hoje danço... Procuro. Quero transformar tudo isso numa maneira de vida. Procure-me. Elias Paulino da Costa. QND 14, lote 10, Taguatinga, Brasília, DF. CEP. 72.000.

OLHOS CASTANHOS, moreno, 30 anos, gostaria de corresponder-me com gueis de qualquer lugar do planeta Terra, para amizade sincera. Nilton José. Caixa Postal 3.346, CEP. 01.000, São Paulo, SP.

VESTIBULANDO, bancário, inteligente, atrevido: jovem de boa aparência, 19 anos, 1,75m, moreno claro, cabelos encaracolados. Correspondência com todas as pessoas de boa sensibilidade e inteligentes. J.R. Caixa Postal 165, Osasco, São Paulo, CEP. 06.000.

# Os clientes, as transas os babados: as confissões de um jovem michê

Íamos passando pela Cinelândia numa noite de sábado, quando um travesti nos chamou: "Ei, vocês não são do LAMPIÃO?" É, ante a afirmativa, disse que um rapaz queria nos conhecer, e nos apresentou Rodrigo. Era o michê típico: bonitinho, jovem, um ar petulante, mas — surprise — uma incrível capacidade de articular frases. Disse que pretendia escrever um livro sobre suas experiências como michê, inclusive com passagens pelo México e San Francisco, e queria conselhos. Afastamos, na hora, a primeira reação que nos veio — de puro desdém —, catalogando-a de preconceituosa. E marcamos um bate-papo, do qual saiu a decisão de entrevistar o rapaz.

Rodrigo só difere dos demais michês num ponto — é na sua capacidade impressionante de teorizar em torno do que ele chama de "michetagem", suas causas e conseqüências. Durante o nosso longo bate-papo, na sala — pomposamente chamada — de reuniões do LAMPIÃO, os entrevistadores (Adão Acosta e Aguinaldo Silva) procuraram evitar quaisquer sinais de reprovação ao comportamento do rapaz; apenas perguntaram e souberam ouvir; afinal, a objetividade pura e simples é que se exige dos entrevistadores, não é? Assim o que está aí não é nossa opinião sobre os michês e o tipo de trabalho que eles escolheram, mas sim, a palavra de Rodrigo, puxada por nós. Quanto ao mais, julguem vocês, leitores. E — desde que não tenham telhados de vidro — atirem a primeira pedra, se acharem que é assim que se faz em relação a rapazes como este. (**Aguinaldo Silva**)

Lampião — **Você nasceu onde?**

R. — Em Belo Horizonte. Com 15 dias já tinha vindo para o Rio, me criei aqui. Tinha perdido minha mãe, sabe? Depois voltei pra Belo Horizonte; com dez anos, fui internado lá perto de Ouro Preto. Fiquei lá até os doze anos, depois voltei pra casa, a gente se mudou, foi morar em Blumenau, meu pai mudava muito de cidade — ele tentava me dar uma vida, uma coisa assim, mas eu era muito carente; meu pai era um cara meio louco, por causa da guerra.

Lampião — **Ele é ex-combatente?**

R. — Sim, mais não é brasileiro: meu pai é luxemburguês. Minha mãe é que era brasileira. Ele foi obrigado a servir o exército. A educação que ele teve, deu pos filhos. Nós éramos... dois irmãos meus morreram, eu nem cheguei a conhecer; eu tenho um irmão em Mocambique, outro em Paris, uma irmã em Brasília. Meu pai casou pela segunda vez.

Lampião — **E você mora com seu pai atualmente?**

R. — Não. Atualmente eu moro em casa dos meus tios, aqui no Rio.

Lampião — **Bom, vamos voltar pra Blumenau. O que aconteceu depois?**

R. — Eu peguei mais um ano de internato. Aí, chegou a um ponto que eu falei pro meu pai: "Olha, fique sabendo que eu nunca mais vou estudar na puta da minha vida. Já não agüento mais ser forçado a estudar." Realmente, eu não havia nascido para estudar. Já tentei até fazer um curso por correspondência, mas não dá.

Lampião — **E quando é que você começou realmente a transar?**

R. — Devido aos problemas familiares que eu tinha com meu pai, eu fugia muito de casa. Um dia, com 15 anos, em Belo Horizonte — eu ajudava um mágico, na Avenida Afonso Pena, exatamente à meia-noite. Era um lugar de pegação, inclusive tinha um quarteirão cheio de travestis, essas coisas. Aí eu via que muita gente — muitos homens — me olhavam, até que um dia um cara chegou pra mim e me ofereceu dinheiro pra ir transar. Eu tinha medo.

Lampião — **Você tinha 15 anos?**

R. — Eu tinha 15 anos. É claro, eu fui cheio de regras, o que podia e o que não podia fazer. A gente foi num cinema. Daí, no segundo dia, veio outro cara, fez a mesma coisa. Tempos depois, em outubro de 75, 76, eu estava realmente na rua, cheio de olheiras, na pior. Aí me decidi: cheguei junto de uma daquelas mulheres — que na verdade eram travestis — e disse: "Escuta, não dá pra me dar uma colher de chá, e tal, eu vou ser legal, tudo bem". Realmente, foi um ato de loucura que pintou assim, de repente. Mas eu achei que dava pra chegar perto, pra falar, que o cara ia se tocar, ter pena de mim. Eu tinha só 15 anos!

Lampião — **E os travestis te ajudaram?**

R. — Um travesti me ajudou. Porque viu que eu era um garotinho inocente, viu que eu era limpinho e tal, de boa família...

Lampião — **Mas ele exigiu alguma coisa em troca?**

R. — Disse que ia me sustentar.

Lampião — **Mas, em troca, você teria que transar com ele?**

R. — É. Agora, eu nem sabia bem se era homem ou mulher. Eu achava que era mulher. E nisso eu fui. Passei três ou quatro dias lá. Na primeira noite, eu realmente morri de medo; chegamos às cinco da manhã; às seis houve uma briga de travestis dentro do quarto. Era um quartinho menor que esta sala (**R. olha em torno: a gente está no local pomposamente chamado de "sala de reuniões" do jornal**), moravam cinco travestis. Era um prédio meio abandonado, atrás da rodoviária de Bê-Agá, num lugar super barra pesada.

Lampião — **Pintava polícia?**

R. — A todo instante, a todo momento...

Lampião — **E como é que os policiais agiam contigo? Você era menor...**

R. — Eu acho que eles nunca me viram por lá. Nestes quatro dias eu vi briga de travesti, travesti que sumia, eu perguntava, "onde ele está?" Aí me respondiam, "está em cana". Eu não sabia nada desses problemas, achava que não havia repressão: eu era um garoto, uma criança. Depois de quatro dias, saí de lá, voltei pro meu trabalho.

Lampião — **Espera aí: nessas tuas passagens todas por colégios, a tua própria família, as pessoas não te diziam que essas coisas eram feias, eram perigosas, deviam ser evitadas?**

R. — Não! Ninguém falava dessas coisas, todo o mundo tentava me isolar do mundo ruim.

Lampião — **Tá legal. Você deixou os traviões, e voltou a trabalhar com o mágico?**

R. — Não, voltei pro meu antigo emprego. Eu trabalhava numa firma de adubos na Rua Vautier. Quando cheguei lá tinha um recado pra mim: era da minha família; eu tinha um irmão que morava no México, e eles resolveram me mandar prá lá. Queriam me ver longe, porque eu já tinha brigado com todo o mundo, ninguém da família se dava bem comigo, e eu sei porquê: eu era muito independente, sabe? Era isso. Uma semana depois eu já estava no México, eles tinham arrumado tudo.

— Quando eu fui pro México, eu passei assim uns três meses só pensando naqueles travestis, sabe? Porque eu era um garoto virgem quando transei com eles, era um negócio assim, que eu nunca pensava que ia acontecer, nem sabia que existia aquilo. Porque as outras transações, aqueles caras que me levavam pro cinema, eu fazia muitas restrições, sabe? Era uma transa, assim...

Lampião — **Masturbação?**

R. — É. Eu fazia o cara gozar. Mas era por dinheiro.

Lampião — **Bom, então com esse travesti você pela primeira vez consumou, teve uma relação sexual completa. Mas antes você já tinha transado com mulher?**

R. — Nunca. Minha primeira transação sexual completa foi com um travesti.

Lampião — **É isso aí, filhinho. Mas agora você já está no México. E então?**

R. — É o seguinte; lá, foi... O meu irmão é uma pessoa superliberal. Ele é psicólogo, atualmente está na Unesco. Na época, ele tinha 29 anos. Era uma pessoa, assim, compreensiva, sabe? E, chegando lá, foi incrível. Na primeira semana...

Lampião — **Espera aí só um minutinho: quanto tempo você ficou no México?**

R. — Fiquei um ano e meio. Na primeira semana pintou um cara, amigo do meu irmão, que foi la ver não sei o quê — umas camisetas que ele queria vender. Aí ele me olhou. Me disse que fazia artesanato, me chamou pra dar umas voltas. Como eu não tinha feito nada até então, e estava a fim de aprender a vida no México, fui com ele; o cara era uma bicha.

Lampião — **Surprise! E você percebeu isso no primeiro instante, como nos filmes de Greta Garbo?.**

R. — Não, eu não percebi. Mas pouco depois eu já sabia. Aí o cara inventou de fazer um caso. Eu não sabia o que era caso, mas fui levando. Chegou a um ponto que, depois de uns nove, dez meses, começei a ver que havia a zona rosa, um bairrozinho onde só existe badalação, pegação, boate, boutiques. Aí eu soube que garotos transavam por grana. Eu morava com o cara do artesanato, queria transar com ele toda hora: eu era um negócio; tava começando naquela época, sabe? Eu adorava transar com homem. Por isso eu fui para rua, fui fazer esquina. Não tinha medo de nada.

Lampião — **Mas por que você foi fazer esquina? Teu irmão não te dava as coisas?**

R. — Claro! Mas eu queria mais. Eu adorava dinheiro, queria mais dinheiro. Meu irmão me dava pro táxi, pro cinema, pra arranjar namorada, essas coisas assim. Mas eu sabia que a gente podia conseguir qualquer coisa na vida se tivesse dinheiro.

— **E esse era o caminho mais fácil: fazer esquina.**

R. — Isso aí. Mas então aconteceu o seguinte poucos dias depois eu tive uma briga com meu irmão por causa de estudos, e então tive que sair de casa. Aí eu senti a barra. Fui trabalhar de garçon na boate. Eu tinha 16 anos, e lá fazia três coisas: era garçon, **fichera** (quer dizer, aquele cara que bebe com o cliente e depois recebe uma comissão da casa), e quando terminava o expediente eu saía com alguém. Quer dizer, fazia parte de uma estrutura, era protegido, porque no México esse negócio todo é organizado, é controlado pela Máfia, a polícia protege os pontos. Só que eu não agüentei; tive que sair da boate, porque cansava muito, e eu era muito criança. Aí voltei pra esquina. Foi nessa hora que eu vi que já estava integrado àquele mundo mesmo, com muita depressão, inclusive.

Lampião — **E o cara do artesanato?**

R. — Ah Ah, esse eu já tinha largado.

Lampião — **Trocado pela esquina. E aí?**

R. — Eu já conhecia, já sabia tudo. Passei a fazer de tudo, saber? Comecei na badalação, aquela vida de ir dormir às oito da manhã, acordar às cinco, seis da tarde. Me meti naquele mundo cão que só existia à noite; pra mim, era uma maravilha, era tudo novo. Caso eu só fazia com travesti. Morava com eles, mas de noite a coisa era outra, eu ia pra minha esquina, o travesti ia pra esquina dele. (**Aqui, o gravador deixou de gravar durante alguns segundos; suspense, a voz de R. retorna mais adiante**) Então, como todo o mundo sabe, travesti é uma coisa mais violenta, mais radical. Então, claro, eu comecei a aprender aquelas brigas de travesti. No méxico, eu fiz de tudo: saí de macho. Fiz várias linhas pra ganhar dinheiro. Mas lá a repressão é diferente. Eu fui preso onze vezes, e nunca soube onde era a delegacia. Chegava o carro da polícia, um Maverick, pegaram a gente, mas isso era só quando havia algum crime por perto, algum flagrante. Aí eles me diziam: "Ah, es brasileño", coisa e tal. "Olha, me dá 500 pesos, e tudo bem". Às vezes eu não tinha. Eles falavam: "Tá legal, a gente sabe que você está sempre por aqui. Amanhã à meia noite a gente passa e pega o dinheiro". No dia seguinte eu tava lá, com a grana, esperando por eles.

Lampião — **Isso aconteceu onze vezes?**

R. — É: eu fui preso onze vezes.

Lampião — **Você ganhava quanto, em média?**

R. — Em média... Olha, eu vou dizer a verdade: eu era um michê diferente; chegava sexta-feira, por exemplo, eu ia pra esquina, chegava um carro, eu pegava, cobrava 500 pesos. O cliente ficava maravilhado: ele não esperava encontrar um garoto novo, branquinho — que lá todo mundo é índio, o mexicano é feio — de família boa. Além disso eu não fazia nenhum **babado**, não aprontava nenhum com o cara. Então, numa noite, eu transava duas vezes, não gastava, ia pra casa de táxi. Eu tirava, mais ou menos, dez mil pesos por mês.

Lampião — **Mas você era menor, nessa época. Nunca houve problemas?**

R. — Nunca houve. Porque, justamente, a Máfia controla tudo lá. Você vai em qualquer esquina do México, tem cigarro americano que a índia vende, que o camelô vende: tudo contrabandeado. A prostituição lá é aberta. Então, acontece o seguinte... (**Interrupção**)... O michê, o travesti, têm um problema: o cara quando começa a ir por dinheiro, não pára mais; ele vicia.

Lampião — **Mas vicia em que?**

R. — No dinheiro. Vicia no dinheiro. Enquanto ele não encontrar uma profissão, uma coisa que renda tanto ou mais, que dê mais dinheiro que aquilo, ele não vai mudar de vida. Quer dizer, eu ganhava ali quase dez mil pesos por mês; onde eu ia ganhar dez mil pesos, se saísse da minha esquina? E depois, as pessoas que a gente conhecia — pô, ali só passavam carros grandes, gente rica.

Lampião — **Que tipo de gente?**

R. — Muitas vezes passava gente do governo, 30% do pessoal era gente do governo, funcionários públicos.

Lampião — **Que tipo de exigências eles faziam?**

R. — Tudo o que você pode imaginar. É um negócio assim perigoso, eu arrisquei demais. Tem sádicos, masoquistas... Você chega, o cara fala assim: "Olha, dinheiro não é problema. Mas vai ter que fazer tudo o que eu quiser. Está de acordo?" Já vai num papo direto. "Que tipo de coisa?" Eles começam a falar: "Tem que fazer isso, tem que botar grampo no peito. São os sádicos, já outros gostam de apanhar, de ficar marcados.

Lampião — **Mas não pintou ninguém que quisesse ter um relacionamento mais afetivo com você?**

R. — Pintou. Um exemplo: um cara filho de americanos, nascido no México. Ele nunca sorria pra mim, dizia, "eu sei o que é a vida de um michê". Ele morava numa cobertura, tinha muito dinheiro, um dia me disse, "pôxa, por que você não larga isso?" Aí eu abri o jogo: "Se você quiser me dar dinheiro, me sustentar, me dar uma vida como eu quero, eu largo isso". Ele disse, "tá legal: fala o que você quer". Eu falei um monte de coisa, que eu nem sei; por exemplo, que estava precisando de roupa. No final, tudo o que eu precisava saía por uns 10, 15 mil pesos. Aí ele concordou. Mas eu fiquei só uma semana com ele, não deu certo. Sabe por que? Ele me prendia em casa; igual a meu pai. É por isso que eu digo: muita gente oferece boa vida, fazer caso, mas a gente tem que se sujeitar àquela pessoa, tem que aceitar as regras que ela impõe.

Lampião — **Nessa época do México você estava no auge. Saiu de lá por quê?**

R. — Porque eu era menor de idade. Meu irmão teve que ir para Moçambique, eu não podia ficar sozinho por lá. Então, resolvi fugir pra San Francisco, ir fazer pegação lá. No México, os americanos passam a fronteira escondidos. Eu paguei 200 dólares, atravessei a fronteira dentro de um caminhão. Fiquei um mês em San Francisco, na Castro Street, uma barra pesada. Não conhecia ninguém, nem falava inglês. Fiquei naquela rua onde tinha de tudo: drogas, masoquistas se oferecendo, tudo era por dinheiro. Aí eu vi que ali não tinha nada de graça, e que eu tinha muita coisa pra vender. Faturei bem. Não paguei hotel, não gastei nada, me pagavam tudo. Juntei quase cinco mil dólares, e aí resolvi voltar.

Lampião — **Como é que você fez?**

R. — A mesma coisa: passei a fronteira de caminhão. Eu estava querendo voltar pro México, fazer 18 anos e voltar pra San Francisco, legal-

**Brasília é uma cidade totalmente política, então, todo o mundo tem medo de mostrar o que é...**

mente, com passaporte e tudo. Mas acabei desistindo, voltando pro Brasil, porque eu era menor, e porque tive problemas de saúde, depois de tanta badalação. Problemas digestivos, sabe? Porque doenças venéreas eu nunca peguei, dei uma sorte terrível.

Lampião — **Quando é que você voltou?**

R. — Ano passado, em janeiro. Fui pra Brasília, cheguei lá, pra morar com minha irmã, ela queria dois mil cruzeiros por mês. Eu disse, "tá legal, faço artesanato". Agora, eu fui morar com ela pelo seguinte: ninguém na minha família queria morar comigo, porque sabiam que eu era uma barra, eu era rebelde, independente, e ainda sou. Mas eu fiquei assustadíssimo com o Brasil; falava sozinho na rua: "Isso aqui não é vida". Porque no México é um negócio, quase tudo de graça, não tinha essa carestia que tem aqui. Aqui, você anda na rua, passa um carro da polícia, te olham como se fosse um cachorro.

Lampião — **No México é diferente?**

R. — Lá o policial passa rindo, conversando no carro, porque ele está cheio do dinheiro. Por isso tem poucos presos na cadeia de lá. Não tem essa coisa como aqui, de matança de presos dentro da cadeia, essas coisas todas que eu fiquei sabendo quando cheguei.

Lampião — **Mas como é que você sobreviveu em Brasília? Foi mesmo fazer artesanato, ou descobriu uma esquina onde se virar?**

R. — Olha, realmente, Brasília é terrível. Porque não tem uma hospedaria na cidade. Você tem que ir para a cidade satélite, geralmente tem uns hotéis de madeira, barra pesadíssima. Depois, tem a freguesia. Brasília é uma cidade totalmente política, todo o mundo de terno e gravata Então, todo o mundo tem medo de mostrar o que é. Você sai na rua, o cara dá uma olhada lá de longe, pisca o olho morrendo de medo, faz você seguir atrás, andar um quarteirão...

Lampião — **Um quarteirão em Brasília tem vários quilômetros...** (risadas)

R. — ...Aí, finalmente, no estacionamento atrás do Conjunto Nacional, ele pára. Você chega perto, ele diz que trabalha num escritório, num bar. Mas o cara é mesmo funcionário de um Ministério. Dá um nome falso, no dia seguinte a gente vê uma foto dele nos jornais.

— E depois, em Brasília eu tive um problema — cheguei a um ponto de loucura, porque a repressão, lá, é muito grande. No México os caras te respeitam, quando a gente passa um carinha diz assim, "oh, michê, chega mais, senta aqui, vamos tomar uma coca". Aqui, não, usam, pagam, e depois condenam, a gente passa e eles dizem, "aquele cara ali é veado".

Lampião — **No México eles consideram o profissional, encaram o michê como um trabalhador...**

R. — Mas aqui, não. Então, eu cheguei a um ponto de loucura, cheguei a entrar naquela seita, os "Meninos de Deus". Porque eu não aguentava mais viver, pensei em morrer, estava decepcionado na minha volta ao Brasil. Aí resolvi vir pro Rio. Foi em dezembro do ano passado. Quando eu cheguei aqui, fui direto pra Cinelândia, pois minha tia pensou que eu ia passar férias, ninguém podia saber que eu era um michê. Eu saía na rua, uns dez me seguiam. Aí eu começei a descobrir tudo; a Galeria Alaska...

Lampião — **Você tem um ponto fixo, não é? Fica onde? Quer dizer, aproximadamente, não precisa dar a localização exata.**

R. — Olha, o negócio funciona da seguinte maneira. Eu chego à Cinelândia às sete, oito da noite; daí à meia hora já estou indo pro hotel. Às nove já estou com meu dinheiro no bolso. À meia-noite, mais ou menos, vou pra Galeria Alaska.

Lampião — **Quem escolhe o hotel __ você ou a pessoa?**

R. — Eu não gosto de escolher, pra não perder o cliente. Olha, quando é uma bichinha pobre, geralmente ela vai pro Souto, ali na Rua da Lapa. Agora, as de classe média vão aqui pro Norte-Sul, ou então pro Hostal, na Gomes Freire. Na Cinelândia eu fico ali na Sorvetelândia, fico parado, até que aparece alguém. Mas também pinta muito apartamento, muita cobertura. Inclusive tem também muitos cafetões; o primeiro artista com quem eu transei aqui no Rio, um cantor, foi através de um cafetão. Ele me deu o endereço, falou, "ele vai te dar 500 cruzeiros". Quando eu cheguei lá levei um susto, era um cantor muito famoso.

Lampião — **Se a entrevista não fosse pro Lampião, a gente perguntava quem é. Mas como o jornal não entrega ninguém, vamos primeiro desligar o gravador. (pausa) Cruzes, mas logo esse? A gente não sabia! Mas essa história de cafetão...**

R. — Pois é: uns caras que funcionam como empresários. Hoje mesmo eu tenho uma sessão às dez horas, foi um deles que arranjou. Um cara que me dá 500,600 cruzeiros.

Lampião — **Aliás, era sobre isso que eu queria falar. Quanto é que você cobra normalmente?**

R. — Ah, isso aí não tem tabela não, porque é o seguinte: muitas vezes são quatro horas da manhã, e você está assim na maior fome, no maior frio, não tem nem o dinheiro do ônibus pra ir pra casa. Então chega o sujeito e oferece 250 cruzeiros. Você acaba indo, não é? Senão, vai ter que dormir no banco da praça, alguém pode te assaltar, te matar... Mas é difícil eu ir por 250 cruzeiros.

Lampião — **Você encara isso como uma profissão, não é?**

R. — É. Como uma profissão mesmo. Um trabalho como outro qualquer.

Lampião — **Me diz uma coisa: porquê existe uma alta rotatividade de michês? Esses garotos estão sempre aparecendo e desaparecendo!**

R. — Existe o que a gente chama de ponte aérea. O cara fica uns três, quatro meses no Rio, depois vai pra São Paulo. Quando ele volta pro Rio já vem com outra cara, um cabelo diferente, um pouco mais gordinho ou mais magro... Aí os clientes pensam que é outro cara. Agora eu, não faço isso. Eu sou um pouco diferente, sabe? Inclusive os caras pegam no meu pé, dizem, "pô, você é todo orgulhoso! Para que você banca o machinho se a gente já sabe que você deu por grana!" Aí eu respondo, "isso aí não significa nada, dar ou comer". Porque eu já fiz a linha macho e a linha bicha também.

Lampião — **Até agora a gente só falou de homossexualismo, isso está me cansando profundamente. E as mulheres? Nunca te cantaram, nunca...**

R. — Pinta muito, principalmente em Copacabana.

Lampião — **E você faz o que? Qual a diferença entre mulher e homem, no caso?**

R. — É o seguinte: na maioria das vezes que pinta mulher, funciona como programa grupal; sempre tem um homem na jogada, e ele tá mesmo é a fim do garoto. Pinta muita mulher de carro em Copacabana, mas não dá pra ir; geralmente elas estão naquela faixa de cinquenta anos...

Lampião — **Para aí: mas você vai com um homem de cinqüenta anos: por que não com uma mulher de cinqüenta anos?**

R. — Porque ela não vai me pagar direito. Olha, um cara de 50 anos, eu posso sair com ele hoje (**olha o calendário**), dia 20, e pedir 300 cruzeiros, porque sei que o pagamento ainda não saiu, ele está duro. Aí pelo dia 2, 3, eu posso sair com ele e pedir 500, 600 cruzeiros.

Lampião — **Eu tenho a impressão que você está usando essa história do dinheiro como defesa; o que me parece é que você não leva muito em conta a idade do homem, mas leva em conta a idade da mulher. Deve ser pelo fato de você preferir uma coisa e não outra; eu acho que sim.**

R. — Mas é também porque às vezes eu não posso gozar, e a mulher exige, entende? Porque se eu vou com um cara às sete, oito da noite, e transo com ele, eu prefiro ser passivo, porque se pintar um cara à meia-noite e me oferecer uma nota, eu posso ir com ele também, não me gastei da outra vez. Com a mulher, não; eu fico no prejuízo, porque só dá pra ser ativo.

Lampião — **O que é que você faz com todo esse dinheiro? Você tem casa, carro? Porque, em termos brasileiros, você está ganhando muito bem; digamos que você ganhe 500 cruzeiros por dia; são 15 mil cruzeiros por mês. Você tem casa, roupa lavada, se entra num bar, sempre aparece alguém pra pagar a conta. O que é que você faz com todo o dinheiro?**

R. — Eu vou responder. Vamos supor que você saia com um michê...

Lampião — **Eu? Nunca! (risada de Aguinaldo)**

R. — Então, você...

Lampião — Nem morta! (**risada de Adão**)

R. — Tá legal; então, aquele senhor que vai passando lá embaixo; ele tem 45 anos, vai sair com um garoto de 18, leva prum hotel, transa, paga e vai embora. Agora, no dia em que o garoto tiver um problema qualquer, como eu, ontem, que fiquei vomitando na Cinelândia, ninguém olha pra ele, porque ninguém vai querer um michê doente; é por isso que eu guardo dinheiro. Porque essa beleza toda do meu corpo eu sei que não vai durar.

Lampião — **Você acha que vai durar quanto tempo ainda?**

R. — Não sei. Mas com a michetagem eu vou ter que parar em 1980, porque vou entrar pro Exército.

Lampião — **Mas você não tem planos para o futuro? Assim, eventualmente, fazer uma coisa qualquer?**

R. — Tenho. As pessoas dizem que o michê leva uma vida vaga, é um f. da p., não sabe pensar. Ele pensa, sim. Inclusive quem vive nessa vida tem um senso de psicologia até maior. O cara que é filhinho de papai é que não pensa na vida, mas o michê sempre tem um plano para o futuro. O meu é comprar uma casa. Porque, no Brasil, quem não tiver casa própria passa a vida toda trabalhando pra pagar o aluguel.

Lampião — **O que mais? Você pretende, por exemplo, casar? Ter filhos, uma família?**

R. — Isso aí é difícil, porque uma garota vê um michê, pensa, "pô, esse cara vai com qualquer um".

Lampião — **Sim. Mas e uma garota que não saiba disso?**

R. — Eu tenho uma garota que não sabe disso. Ela não mora no Rio. Porque se eu ficar transando só com homem, eu viro bicha. Então, pra fazer linha homem...

Lampião — **Eu não estou entendendo bem. Pra você, o que é virar bicha?**

R. __ É ter modos femininos.

Lampião — **Ah, bom; é ficar afeminado. Olha, uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas enfim... Continua.**

R. — Realmente, o michê fica afeminado de tanto transar com homem. Então, de repente, ele tem um dia que sair e transar com uma menininha. Sabe o que eu faço? Eu vou numa rua à noite, escolho, levo prum hotel, não quero nem saber quem ela é. (**Um instante de religioso silêncio**)

Lampião — **Vocês têm pontos, etc.; apesar da alta rotatividade, se cruzam muito na noite. Nas horas em que não estão com os clientes, quando estão entre si, o que é que os michês conversam? Eles falam sobre o que?**

R. — A mesma coisa do motorista de ônibus, por exemplo, que está sempre comentando sobre o aumento do salário, sobre a repressão, sobre mudar de emprego; nós também. A toda hora a gente se encontra, um fala, "pô, você saiu num carrinho manêro, hem? Eu conheço aquele cara que saiu com você. Ele te deu quanto? Uns mil, não é? Então paga um refresco!" A gente troca informação: "aquele cara é filho de fulano, tem uma casa, um apartamento, uma cobertura, é gente famosa, é isso, é aquilo". Porque muitas vezes pode ser um tarado. Então, é preciso trocar informações, pra saber qual é o gosto do freguês.

Lampião — **E às vezes surgem amizades entre os michês? Isso de ficar amigos pra valer, tudo isso?**

R. — Pintam, sim. Mas também pintam muitas inimizades.

Lampião — **E os michês transam entre si eventualmente, nas noites assim de pouco movimento, de muita tesão e muita solidão?**

R. — É a mesma coisa que travesti: às vezes você vê um roçando no outro, mas é tudo porralouquice. Agora, no meio da brincadeira, também surge coisa séria. Claro!

Lampião — **Mas aí é de graça?**

R. __ Aí é de graça. (**risadas**)

Lampião — **E como é a repressão em cima dos michês?**

R. __ Olha, a repressão funciona da seguinte maneira: tem michês que não têm tanta beleza no corpo. Então, não faturam nada, faturam pouquíssimo. Então, eles são obrigados a fazer bandalho, aprontar com a bicha, fazer qualquer coisa, tirar o dinheiro dela. É por causa disso que a polícia reprime. A polícia deixaria a prostituição funcionar, se não houvesse escândalo a toda hora na esquina, gritaria, bicha se cortando de gilete. Se não houvesse nada disso, a polícia até deixaria, colaboraria. Mas não: ela tem que reprimir, porque tem confusão.

Lampião — **E quem a polícia reprime mais: os travestis ou os michês?**

R. — Os travestis.

Lampião — **Você já foi preso aqui no Rio?**

R. — Não. Mas teve um caso comigo, no dia em que eu fiz 18 anos. Eu estava fumando um cigarro; na hora em que eu joguei fora, ia passando um carro da Swat; aí os caras desceram, me cercaram, um deles disse: "procura aí no chão a bagana que você estava fumando". Eu disse, "pô, não tinha maconha nenhuma por aqui, meu chapa". Aí ele me levou pra delegacia ali em frente à Galeria Alaska, disse assim, "seu Antônio, esse cara tava fumando um cigarro de maconha deste tamanho bem ali, na esquina". Mandou eu baixar as calças, procurou debaixo do meu saco, não achou nada. Aí meteu a mão no meu bolso, encontrou 300 cruzeiros que eu tinha ganho de um freguês. E falou assim: "Manda esse cara embora!" Aí puxou o revólver, apontou pra mim e disse: "Eu vou contar até três pra você correr". Aí eu nem pensei mais nos meus 300 cruzeiros; quando ele disse "dois", saí correndo, com as calças na mão. Me virei lá na esquina, ele estava morrendo de rir, com meus 300 cruzeiros ainda mão...

Lampião — **Quer dizer: ele fez um michê pra cima de você...** (risadas) **Mas me diz uma coisa: você sai com tanta gente, e nunca pintou uma pessoa que te balançasse o coração, por quem você sentisse uma certa preferência, um certo envolvimento emocional?**

R. — Pinta. Tive um cara com quem aconteceu isso. Eu disse, "olha, quero que você me encontre na segunda-feira", porque segunda-feira eu não faço michê, é meu dia de folga. Eu sou o seguinte: um cara, quando quer fazer caso comigo, eu prefiro que não seja por sexo, mas por carinho, por compreensão, amor. Porque sexo, pra mim, está sobrando; na hora que eu quiser, do jeito que eu quiser.

Lampião — **Quer dizer que o sexo, pra você, não tem importância...**

R. __ Agora, se eu ficar uma semana sem fazer, eu não agüento.

Lampião — **Aí você seria capaz até de pagar a alguém. Um michê...**

R. — Pô! É a mesma coisa que você, que é jornalista, pegar um jornalista que está sempre do teu lado. Um dia você olha, ele não está batendo a máquina, aí você diz, "oh, cara, chega mais, vamos transar? "Não dá!

Lampião — **Que tipo de homossexual você gosta mais de transar? As pintosas, as mariconas de meia idade, os travestis, as bonecas machudas?**

R. — Eu gosto mais dos travestis. De preferência um travesti que não batalha.

Lampião — **Você se sente só, às vezes?**

R. — Às vezes, não; muito mais que às vezes; especialmente quando chego em casa.

Lampião — **Quanto tempo você fica com um cliente, em média?**

R. — Varia. Se vai num hotelzinho mixuruca, uma maricona que dá pouco mesmo, em meia hora a gente entra e sai. Agora tem vez que demora uma hora, às vezes duas horas. Teve um cara, um cantor guei muito famoso no Brasil, a última vez que eu saí com ele, nós estivemos aqui no Norte-Sul, ficamos três horas no quarto (o Norte-Sul é um hotel que fica a 15 metros da sede do jornal e funciona como parte do nosso "apoio logístico"). O cara fez minha cabeça. A maioria dos michês, quando isso acontece, nem quer receber, diz assim, "que é isso, cara, não paga não, foi legal". Mas eu, não: mesmo gostando eu cobro.

Lampião — **Business is business. Por falar nisso, você tem dinheiro guardado?** (Pequena pausa). **A gente não quer saber quanto, nem onde.**

R. — Tenho, sim. Pra ver se quando eu ficar

velho posso viver de rendas. O bom foi que eu tive família boa, então eu tenho muitos primos economistas, entendo um pouco de investimento de capitais. O brasileiro é mal informado sobre essas coisas, ele não sabe nada sobre caderneta de poupança, por exemplo, que tem muitos truques; eu já faturei bastante com caderneta de poupança.

— Porque eu não quero estar pobre quando a minha beleza acabar. Porque isso seria muito grave, seria perder a guerra. Afinal, todos os michês, os prostitutos, são mercenários da cama, do amor, como os mercenários da guerra. Eles não sabem pra onde vão, nem onde estarão no dia seguinte; poderão estar num hospital ou em outra cidade, podem ficar numa boa com um cara... Eles não podem é prestar contas a ninguém, no dia seguinte. E eu, realmente, não gosto de dar satisfação, de prestar contas a ninguém. Curto a independência.

— Agora, pra dar um ponto final nisso, eu queria dizer o seguinte: gostaria que surgisse alguém que defendesse a gente, sabe? Porque eu não vejo isso como uma coisa marginal. Seria bom que houvesse justiça dos dois lados, tanto do lado do cliente, que nos sacaneia muito, quanto do lado do michê; todos dois praticam suas injustiças. Eu considero isso uma profissão. Porque você vê: se as pessoas te pagam, é porque elas precisam disso, não é? E se elas precisam, a coisa tem que existir. Quanta gente às três horas da manhã não está chorando em casa, solitário, aí sai no carro, vai uma esquina de Copacabana, pega um garoto, um michê, e durante meia hora esquece tudo e é feliz?

Lampião — **Pra arrematar: com isso você quer dizer que o michê é — digamos assim — um serviço de utilidade público?**

R. — É isso aí, como as ambulâncias...

Lampião — **Os caminhões da limpeza pública...**

Lampião — **Os banheiros da praça...**

R. — Como os supermercados, os bancos... De utilidade pública; é isso aí.

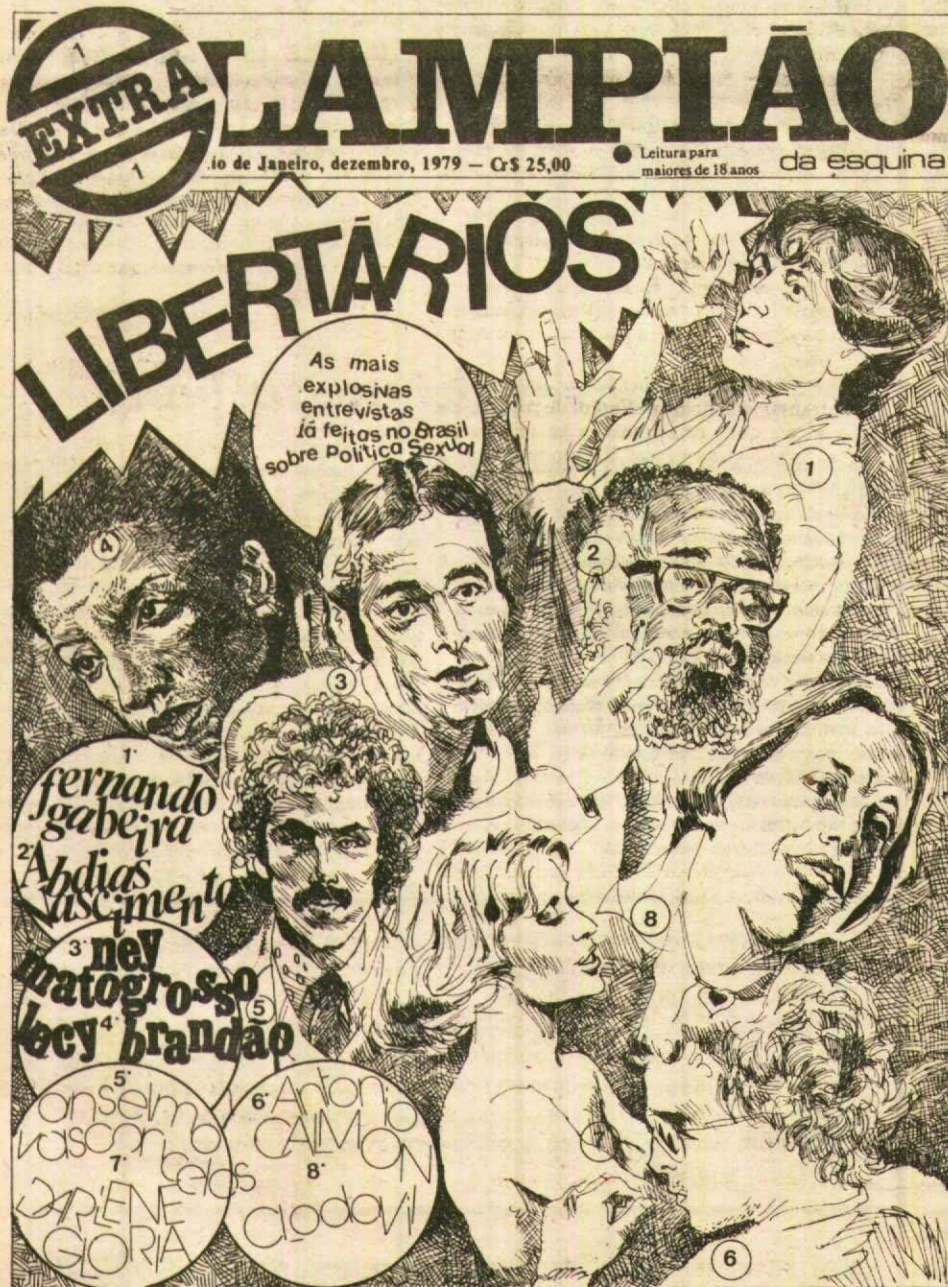
# *Mas como é mesmo essa nova história de prisão cautelar*

O sistema já decidiu: vai adotar a prisão cautelar. Embora usando o seu velho mais eficiente método quanto às suas decisões polêmicas — negá-las até a última hora, deixando que a sociedade civil se esgote no debate do tema e, inconscientemente, se prepare para aceitar a decisão já tomada — já ficou bem claro, pelas intervenções do Ministro da Justiça, Petrônio Portela, que a prisão cautelar — adotada da (ainda) ameaçadora Lei de Segurança Nacional, vai se abater sobre os presos comuns, ou, mais especificamente ainda, sob os cidadãos comuns, os que não têm acesso às salvaguardas que o sistema oferece aos privilegiados do tipo Doca Street ou Michel Albert Frank.

O que é a prisão cautelar? Ela estabelece que qualquer pessoa, mediante uma simples suspeita, pode ser presa por qualquer autoridade policial que tem o direito de mantê-la no xadrez até dez dias. A medida seria legalizada por um juiz, ao qual a autoridade coatora se veria na obrigação de comunicar a prisão desde o primeiro instante. O objetivo do comunicado é facultar ao juiz a possibilidade de anular a prisão — se considerá-la injusta — e soltar o preso. Mas basta dar uma olhada nos maios de que dispõe a nossa Justiça para se saber que a autoridade policial, com sua suspeita, estará sempre dez dias à frente do juiz, com sua sede de justiça.

Claro, esse tipo de prisão não é novidade — ela já é adotada há muito tempo no Brasil; a novidade é a sua legalização. Pessoas supostamente progressistas, com quem conversamos sobre o assunto, se saíram com este comentário idiota: "Dos males o menor. Se a ilegalidade já existe, que fique pelo menos legalizada..." Sim porque a "suspeita" da polícia vai passar longe dos lugares frequentados por esse tipo de pessoas: ela vai se manifestar nos lugares de sempre: à porta do Cinema Iris, na Praça Tiradentes, nos bairros periféricos da cidade, na Baixada Fluminense, contra os pobres, os negros, os homossexuais, que vêm garantindo, nestes anos todos de maior ou menor sufoco, a lotação permanente dos xadrezes das repartições policiais.

É por isso que a prisão cautelar não vem provocando, nas pessoas progressitas, o alarme que seria de esperar: esta violência vai passar longe dos bares de Ipanema e Leblon, e certamente não chegará à praia diante do Ipanema Sol, onde nem os cachorros que fazem cocô na areia são incomodados pela repressão.

Assim, só nos resta esperar que pelo menos os que serão diretamente afetados pela prisão cautelar se manifestem contra ela. Os homossexuais, por exemplo: o LAMPIÃO vai voltar ao assunto. Ou o Movimento Negro Unificado. Ou os vários Coletivos de Mulheres. As associações de donas de casa. Vamos botar a boca no mundo? (AS)

# Bixórdia

## Guei paga meia no "show" de Eliana

Eliana Pittman — quem diria —, a ex-virgem convicta da MPB, ex-gentil rebento do casal dona Ofélia e Booker Pittman, tem se revelado um mulherαço — em todos os melhores sentidos da palavra. Agora, na abertura dos 80, resolveu rasgar (ou acrescentar?) babados em sua fantasia: há cinco anos sem pisar palcos cariocas, convidou Antônio Chrysóstomo para escrever e dirigir o que ela mesma chama de "a fase definitivamente emancipada e adulta" de sua vida artística. Com temporada marcada para 9 de janeiro a 15 de fevereiro no teatro Alaska (pelo teatro, se conhece o artista), no coração da badalação gay carioca, o show se chama "Eliana, Alô Alô 80". Tem de tudo: Eliana à antiga, cantando uma pequena parte de repertório típico da Broadway; atualíssima, sendo entrevistada por Chrysóstomo, que utilizará, inclusive, perguntas livres formuladas pelos próprios espectadores. E mais e mais: apresentará músicas de dois compositores gays de Pernambuco, Aristides Guimarães e Flaviola; cantará parodias políticas e de costumes, especialmente escritas por Jesus Rocha; finalizará com o samba-enredo "Coisas Nossas", da divine Leci Brandão, há dias retirado do concurso interno da Estação Primeira de Mangueira, sob a alegação de que tratava-se de peça musical subversiva (sic!). Antes, La Pittman mostrará o corpo (quase) todo, "bem bicha", como ela mesma se pretende nestes anos 80. É aguardar para ver! A partir do dia 7, todo mundo no teatro Alaska. Com um detalhe: APRESENTANDO O RECORTE DESTA NOTA NA BILHETERIA, VOCÊ TERÁ DIREITO A 50% DE DESCONTO. É UM BRINDE DE LAMPIÃO. APROVEITE!

---

**A maior prova de que o bundalelê já era é que finalmente ele chegou a Portugal: Lisboa tá assim de discotecas, com as bonecas portuguesas a fazer dublagem de Donna Summer com sotaque luso, ora pois. Mas o Brasil, onde a moda só não foi devidamente sepultada porque as multinacionais ainda têm em estoque milhões de discos à base do tum-tum-tum pra vender, tem gente que ainda acha divino ir saracotear numa disco-dance. Que é isso, gente? A LAMPIÃO rock-line já foi desativada há muito tempo! Nós agora estamos preocupados é com o nosso corpo; acordando cedo e praticando o jogging nos contrafortes do maciço da Tijuca. Saúde!**

**E Jimmy Carter, o presidente das bichas norte-americanas, provando que não está tão longe do aiatóla Komeini quando quer parecer: as autoridades da migração americana decidiram que não vão mais deixar entrar homossexuais em terras de Tio Sam. Os notórios, como o pessoal do LAMPIÃO, serão barrados à porta. O mesmo para as pintosas tipo Clóvis Bornay. E as enrustidérrimas podem tirar a égua da chuva: em cada alfândega americana haverá um enorme saco de farinha, no qual todas serão obrigadas a sentar para o devido teste. Aguarda-se para breve os devidos protestos dos ativistas gueis americanos contra esse ato que fere a Constituição daquela país.**

**O pessoal vidrado no "Lampa" já está pensando na festa de segundo aniversário do jornal, no mês de abril. Pra começo de papo, querem um repeteco de "Bixórdia", o espetáculo que passou para a história do folclore carioca como o que abriu a década de 80. Um grupo de bichinhas decidiu que todo mundo vai trajado a caráter: as mais jovens e assumidas de longuinho ou chanel; as mais antigas e/ou enrustidas usarão palazzo pijamas de cores discretas (proibido a calça bufante, depois de a grande esfinge Rafaela Mambaba ter decretado que iriam pensar que todas elas estavam saindo de algum serralho); e os acompanhantes desfilarão com os jeans mais incrementados à venda no mercado. "Gatão de boneca é isso, filhas, tem de estar sempre no último berro da moda", comentou de seu canto a vetusta Mambaba.**

**E por falar em vetusto, o nome que veio à baila para estrelar o show foi o de Walmir Ayala, que seria relançado como cantor de ópera. "Uma homenagem aos seus tempos heróicos, em que participava do coro das temporadas líricas", disseram. E foram ainda mais longe no seu delírio: querem "Bixórdia" no Municipal, com Walmir cantando árias da ópera "Thais", o cavalo de batalha da época em que ainda tinha o registro de castrati. A comoção foi geral com a idéia, até que a malevolente Mambaba sentenciou com sua voz de ducha gelada: "Mas não deixam ela entrar em cena com aquele quimono roxo com que canta "Madame Butterfly" nas festinhas que dá em casa."**

# TENDÊNCIAS

## Um documento bem vivo: "Exílio na Ilha Grande"

Um jovem exuberante, com forte impulsão de liberdade, audaz e com têmpera de chefe, vivendo a experiência do crime organizado e tendo de seguir as leis de sobrevivência que o regem. Um jovem de sentimentos anticapitalistas e simpatias pela resistência dos oprimidos. A síntese disso é "um marginal politizado, com o coração tendendo para a esquerda" — conforme André Torres se autodefine em relação à época no seu **Exílio na Ilha Grande** (Editora Vozes, 212 páinas, Cr$ 140), desenhando assim a especifidade da sua intervenção e do seu drama nos submundos do crime e do cárcere.

O autor reivindica, no prefácio do livro, que sua história "seja lida e julgada como documento da nossa época", ao mesmo tempo em que destaca o desconhecimento geral sobre a situação em que vivem os presos comuns e o predomínio das versões oficialistas a respeito. Aqui, ele estabelece os móveis sociais e éticos do seu trabalho: a denúncia das instituições policial e carcerária e os seus modos de trituração dos presos comuns. Neste plano, onde a marca é a vivência concreta, que transporta ao texto nos fornece um chocante desfilar de horrores, é onde o livro atinge o máximo de sua força afirmativa, realizando, neste sentido, a intenção do autor.

A tortura nos organismos policiais; os policiais que se apossam de carros roubados e protegem assaltantes nos interrogatórios para se apropriar do seu botim; a violência policial contra as populações suburbanas, como mera encenação de trabalho para desculpar o fracasso na recaptura de prisioneiros evadidos; a função terrorista dos destacamentos policiais em serviço nas penitenciárias, como ajudantes de tortura e reservas para a execução de chacinas; o serviço médico das penitenciárias, retratando no "Dr. Balança", que fazendo desse instrumento a base do seu trabalho, entendia estar o preso passando bem, se mais pesado do que quando chegou. Neste clima de subvivência e terror, as constantes tentativas de fuga de André e seu grupo se apresentam como um caminho legítimo de protesto contra a acomodação e a degradação. E também elas compõem a parte forte do livro, na sua exaltação da ousadia, do vôo e do engenho dos oprimidos na sua busca da liberdade.

A parte frágil aflora sempre que André Torres é envolvido na politização artificial de atitudes comuns da vida do crime. Quando um dos seus companheiros de grupo, por exemplo, ao assaltar uma joalheria, defrontando-se com a reação do "segurança", ia lhe dar um tiro na barriga, mas "preferiu a cabeça para mostrar que não admitia a interferência de nenhum homem que se aluga para proteger a riqueza dos milionários, poderosos". Existem vários outros momentos onde o discurso político não se sustenta na naturalidade das atitudes e se apresenta como elemento de fuga e singelização do real. Quando isto ocorre, o caminho do realismo é recolocado no confronto de afirmativas contraditórias:

"Essa luta da qual participamos é certamente um caminho muito mais árduo do que esse que a maioria das pessoas optou, porque é um caminho que exige tudo... dedicação... e pouco oferece em termos de conforto, bens materiais, tão cobiçados nesta sociedade capitalista". Ou "... jovens que partem para a violência individual à procura de **status social**..."

Um fundo mítico e excessivamente heróico também transparece no texto. Tanto que André, o personagem principal e o chefe, ante as situações de maior perigo e tortura, não admite, em nenhum momento, a presença do medo: no máximo a expectativa. O contato com presos políticos é um elemento vivencial que fica como uma lacuna no depoimento.

Mas André Torres, que se coloca decididamente do lado dos oprimidos, ainda terá tempo para aprofundar a sua compreensão do fenômeno da marginalidade e alargar as raias do seu trabalho de memorialista do cárcere. Agora, no depoimento que nos apresenta, ressaltam o viço vital que exala, a capacidade de se superar, o anseio de liberdade e a denúncia dos poderes policial e carcerário, seus instrumentos de deseducação e destruição da integridade humana do preso.

**(Marcelo Mário de Melo)**

## Os rapazes da nossa banda

**Se pintar por aí um filme chamados OS IMORAIS, vale a pena ir correndo ver. Apesar do título banal de pornochanchada, trata-se de algo quase inédito em cinema brasileiro (e POR QUE NÃO no internacional?): nele, dois homens se amam, se beijam e fazem declarações de amor descabelado. A platéia masculina (talvez hetero) urra como se estivesse sendo castrada, conforme dizia um amigo meu. Mas ouvir esses urros de perplexidade é só um prazer adicional que o filme oferece. O diretor Geraldo Vietri mostra inclusive que tem muito bom gosto na escolha de seus atores masculinos (pelo menos no visual; aliás, foi ele quem lançou o Carlos Alberto Riccelli). Sim, me desagrada um pouco que os dois homens sejam tão brilhantemente bonitos; fica algo assim no gênero "sonho de toda bicha". Mas não há dúvida que as fantasias românticas e eróticas incham diante do ator que faz o burguezinho apaixonado por um cabeleireiro __ cuja entrevista está na página ao lado.**

**Acima de todas as falhas (não se trata absolutamente de uma obra extraordinária), o filme respira uma grande dignidade ao falar de uma ligação homossexual. E isso não é coisa que o cinema brasileiro (só o brasileiro?) apresenta todos os dias. Aliás, trata-se de um filme muito mais corajoso e inteligente do que esses produtos descartáveis do tipo POURQUOI PAS? cheio de falsas sofisticações eróticas a la francesa e aborrecidamente enrustido. Se quiser um bom programa, vá ver OS IMORAIS e aproveite essa rara oportunidade de ser voyeur de si mesmo.**
(João Silvério Trevisan)

---

Diálogo sujeito a chuvas e trovoadas (perdão, Millorete Fernandes) em plena Praça Tiradentes. O travesti, de sombrinha e tudo no meio do temporal, rechaçava as provocações de um rapaz tipo "carregador de piano". Grita daqui, ameaça dali, a boneca, já de sacola cheia, resolveu encerrar o papo com uma estocada certeira; gritou, sibilando todos os ssss: "Quer saber de uma coisa, bofe? Esse negócio de machão já era! Pensa que só porque eu tou aqui, de saia, tou a fim de você, é? Meu negócio é um roçadinho; eu sou é guei!" É fim de conversa.

---

**Vai sair fumaça: no próximo número de LAMPIÃO, as fotos proibidas de Rafaela Mambaba. Aguardem...**

Os Imorais" é um filme guei que está em cartaz desde a última semana de outubro, tem muito o que contar, mas está passando despercebido entre os homossexuais. A sua história já começa na porta do cinema, onde provocantes fotos de Sandra Bréa ficam à mostra. O letreiro exibido nas faixadas dos cinemas é daquele tipo que apela descaradamente: "Veja Sandra Bréa mais sexy e sensual do que nunca". Pra quem aprecia coisas do gênero, o efeito é imediato. O espectador entra no cinema, assiste o filme, vê a atriz, mas se sente enganado porque não encontra "os mundos & fundos" que sugerem as fotos da artista. O público não assiste o erotismo prometido. Vê sim, dois rapazes com tendências homossexuais, cuja abordagem é feita de uma forma séria, límpida e absolutamente lírica. Uns compreendem e se envolvem, outros reclamam: "Pagar para ver homem beijar homem?, sem essa né?"

Mas não vou me estender com o que vi e ouvi do público. Melhor mesmo foi falar com João Francisco Garcia. Ele recebeu **Lampião** em sua casa, no bairro da Lapa, em São Paulo. João Francisco interpreta Mário no filme, um personagem que, segundo ele, tem um pouco de cada um de nós (guei ou não). O ator trabalhou no texto ao lado de Geraldo Vietri (diretor do filme), viveu um dos principais personagens e ajudou na montagem da fita. Além disso, ele é cantor e compositor, tendo dois discos gravados na Odeon. Já trabalhou em várias novelas. Seu último trabalho na televisão foi em "Aritana", da Tupi, onde interpretou Walter. Nesta entrevista, João Francisco rasga o verbo e abre o coração. **(fotos e texto de Francisco Fukushima).**

# O DIA EM QUE SANDRA BRÉA FOI APENAS UM CHAMARIZ

— Você não acha que "Os Imorais", a partir do título, já sugere discriminação contra a figura do homossexual?

**JFG** — Inteligentemente não, normalmente sim. O título não se baseia no Mário e no Gustavo (interpretado por Paulo Castelli). Eeles são os mais puros do filme. Se baseia nos pais do Mário, nas famílias do Gustavo, da Glória (Sandra Bréa) e principalmente na sociedade imoral. Aliás, nem era para ser "Os Imorais" e sim "Definição", seu título original, inspirado numa música que gravei em 75.

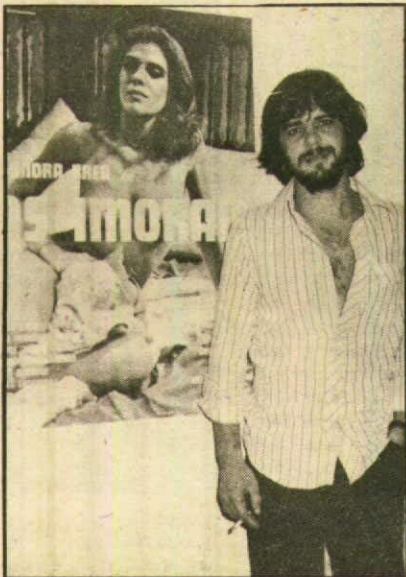
**— Mas a temática central é homossexual.**

JFG — Nós tivemos que enganar o público. O filme foi feito, infelizmente, prá quem gosta de ver a nudez de Sandra Bréa. O título, o letreiro, as fotografias e tudo o mais não dão indícios de que abordamos um assunto sério. Esse foi o meio que encontramos prá coseguir a exibição nos cinemas, já que com o título original não era possível, tivemos que apelar, apesar de ser um filme bem feito. Nós demos um baile no pessoal, botamos o filme como pornochanchada, mas quem assiste leva um susto. Eu fui ver a reação do público no Cine Marabá, em São Paulo, e um cara gritou: "Pô, cadê a Sandra Bréa pelada?". Ele não estava gostando porque, é claro, ele esperava ver outra coisa. Eu achei isso ótimo.

**__ Você deve lembrar que há quem não goste de pornochanchada, aquele público que só ao ver as fotos de Sandra Bréa deixa de entrar no cinema, e vai ver outro filme. Vocês podem estar atingindo o público errado...**

JFG — Eu concordo com você, aliás, eu acho que esse filme deveria ser dirigido mais para o **underground**. A minha idéia é totalmente esta. Mas não podemos esquecer que não conseguiríamos a exibição do filme, a curto prazo, se agíssemos corretamente. Não estaríamos mostrando o nosso produto.

**__ Considerando as reações do público que você mesmo observou, você acha que o filme deveria ser mudado?**

JFG — Mesmo considerando o choque que as pessoas sofreram ao ver uma mensagem que elas não esperavam, eu não mudaria. Só faria a mudança para uma classe mais especializada. Mudaria o filme para uma outra linha, muito mais séria, muito mais de arte. Mas é o tal negócio, sairia um trabalho bonito, mas não conseguiria exibição. Foi o que aconteceu com o filme "Lira do Delírio", um trabalho que achei ótimo, mas ficou por mais de dois anos na prateleira e, quando exibido, passou completamente despercebido. O público quer ver aquilo que está no cartaz fora do cinema. O engano que fizemos com o público é válido por isso. O freqüentador do Cine Marabá jamais entraria pra ver um filme realmente de arte. Vamos esperar que mude a mentalidade do povo.

**__ Quais foram os comentários da imprensa sobre o filme?**

JFG — A imprensa nem viu. Eu li uma reportagem em que o crítico dizia: "o filme é sobre uma família pouco ortodoxa." Conclui-se que o jornalista nem viu. Um outro teve a audácia de criticar o filme de uma forma bem indireta, mas reconheço que o cara foi bem inteligente, o que respeito muito. Mas o comentário era baseado na palavra "eu acho". A partir disso ele já estava confessando que não viu o filme. Ele "acha", não afirma. Quer dizer, pra criticar é preciso ver, refletir, analisar. Eu condeno esse tipo de crítica que fizeram, sabe?

**__ O que foi preciso adicionar no João Francisco para ele interpretar o Mário?**

JFG — A primeira coisa fundamental é que o ator tem que se concentrar naquilo que ele está fazendo. Deve ver aquilo por instantes, não aquilo como a vida. O meu papel foi tão normal porque todo mundo tem um pouco do Mário. Gostei do texto e do personagem. Eu apenas representei. A arte tem necessidade de ser verídica, senão ela deixa de ser arte e passa a ser realidade. Deve ser verossimilhante, algo semelhante à verdade, entendeu? A realidade choca.

**— Depois de interpretar o Mário, o seu conceito sobre o gay power mudou? Como você encara a questão?**

**JFG** — Eu acho o **gay power** como algo altamente normal. Aquele que não respeita o guei, por exemplo, é porque ele é altamente homossexual. Isto é latente, ferradamente latente (**batendo as mãos sobre a mesa**). Ele tem medo de falar, de ser homossexual. E o que ele faz? Ele vai lá, bate e agride. Não se aceita. Há alguns anos atrás, ser homossexual até que poderia ser um problema. Mas hoje, pelo amor de Deus, acho um negócio tão claro, tão óbvio pra todo mundo. Homossexuais não são apenas os homens, são pessoas que praticam o mesmo sexo. Só que o feminino não é tão aflorado como o masculino. Elas podem andar até de mãos dadas, e daí? Com o homem a figura muda, entende? A temática já é respeitada por si própria. Eu fico assim violentado quando alguém vem me entregar pejorativamente que fulano de tal é homossexual. Aliás, nem posso dizer que fico violentado, porque eu não participo desta roda de dedo-duros. O respeito está na sua capacidade, hombridade, de estar sempre na ativa. Isso é importante independente de sua preferência sexual.

**— O homossexualismo não é deturpado no filme. Mostra ser até lírico. Mas como você vê aquela cena em que o Mário agride o Gustavo, e este, aos pés do agressor, pede clemência. Não fica claro também que o guei está numa condição inferior?**

— **JFG (bem sério)** — Não existe essa condição de inferioridade. Para o Mário, falar que um fulano não é normal, era uma agressão muito grande que ele sofria, batendo no Gustavo, ele estava tirando uma barra das suas próprias costas. Foi uma agressão infantil. Ele mostra o lado boçal do ser humano. Eu assisti, por exemplo, três caras batendo num travesti. Eu acho isso uma imbecilidade. O Mário faz parte dessa coletividade. Mas acho que ele se agrediu muito mais batendo do que se ele tivesse apanhado.

— Como você explica a passagem final do filme, onde o Mário, ao perceber que está perdendo o Gustavo pra uma mulher, resolve assumir e declara amor. Esse comportamento se deve a quê?

**JFG** — Se deve a uma frase do Chico Buarque: ".. passou, mas só Carolina não viu". Estava claro que o elo entre os dois havia sido formado, que os dois iam se dar bem, só o Mário não percebeu. E quando percebeu já era tarde. Isto acontece normalmente por aí. A oportunidade passa na nossa frente, e quando queremos correr atrás, já não dá mais tempo.

— Como foi a cena do beijo (o único) que o Mário deu no Gustavo após o acidente? Foi um beijo tímido...

**JFG** — Mas não foi um beijo físico. O cara estava morto. O Mário nunca beijaria o Gustavo. Foi um beijo espiritual que fala "olha, leva a sua alma para o céu, porque eu vou continuar neste inferno". O gozado é que o público muitas vezes não consegue entender isso. Não separa o ator do personagem... E é bem capaz de eu começar a receber cantadas por aí (**rindo**)...

— Qual o objetivo do filme abordando esse tema tão sério? O que ele sugere?

**JFG** — Sugere o seguinte: "seja homem, seja mulher, faça o que você quiser" (**n. r.: É um dos versos da música "Definição"**). Você tem um instante de vida, e sendo você correto e real neste momento de vida, tudo vale a pena. A vida é uma só aqui na terra. Lá fora não sei...

— Confesse: você nunca fez discriminação contra certas pessoas em sua vida?

**JFG** — Fiz sim. Quando eu fazia discriminação, há uns dez anos atrás, eu descobri que a força interior é maior que qualquer força. Não adianta eu querer discutir e mudar uma força interior que não é minha. Semelhanças e semelhantes se atraem. Semelhanças a nível de sensibilidade, compreende? Agora, você pode chegar e perguntar se eu só tenho amizade com homossexuais. Mas não é nada disso. Dizem por aí que só os homossexuais são sensíveis. Eu não acredito nisso. A sensibilidade para mim brota e emana em qualquer ser humano. Basta ele querer expelir isso pra fora.

— A sua música "Definição" foi composta em função da minoria?

**JFG** — Eu não acho minoria. Todo mundo sabe que eu não faço diferenciação. Você está falando com uma pessoa que não se choca com essas coisas. Agora, a música foi feita no Rio de Janeiro, num carnaval, acho que em 73, quando conheci o Teatro São José. Fiz "Definição" quando percebi toda essa opressão que existe ao nosso redor. Só eu não sentia. Mas eu devo essa música a uma grande pessoa chamada Moacir Machado, da Odeon. Gostaria até que o seu nome saísse publicado, porque ele é grande. Batendo um papo com ele eu senti que a barra é pesada.

— Só pelas minhas idéias eu não faria essa música. Mas ela não é homossexual.

Fala da problemática de um indivíduo e da sociedade que dá a essa pessoa uma condição: se nascer homem vai ser rei, se mulher vai casar e ser feliz. Determina o que a pessoa deve ser. Mas não é nada disso. "Definição" é antítese. Pra que definir? Ser humano é ser humano. Cada um assuma as suas condições. Mas confesso que essa música chocou muita gente. Todo mundo levava primeiramente para o campo do homossexualismo. Eu tentei explicar que não era. Gozado... e hoje, analisando de fora, eu acho "Definição" uma música muito homossexual. Na época eu achava um absurdo essa possibilidade.

# IBGE DÁ GOLPE NOS NEGROS

*Os negros na rua, em dezembro. Só 25% deles existem?*

A hipocrisia do Poder Público, mais uma vez, manifesta-se no momento de decisão política. Diversas entidades culturais lideradas pelo Instituto de Pesquisas das Culturas Negras a partir de 1976, denunciaram os males causados pela supressão do ítem cor do recenseamento de 1970. Ao se aproximar o Censo da nova década, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), resolvera manter o modelo aplicado em setenta. Graças à grita das associações de cultura negra, o IBGE cedeu e aplicará um apêndice ao questionário geral, atingindo a 25% das residências brasileiras.

Reconhecendo o embotamento psicológico da maioria populacional estruturada numa educação de base européia, levanto dúvidas quanto à fidelidade dos questionados e o despreendimento dos questionantes. 120 mil pessoas serão preparadas e, posteriormente, contratadas, no primeiro semestre do ano, para aplicarem o questionário do recenseamento em setembro de 1980. As qualidades técnicas e a segurança emocional dos censores serão fundamentais, principalmente, na aplicação do tal quadro de amostragem de 25%, onde o ítem cor será examinado.

O IBGE cedeu aos apelos das entidades negras e das autoridades sociais responsáveis, mas como num jogo de cartas, usou um trunfo para a cartada final. Reconhecidamente, a Fundação IBGE desempenhou nos últimos dez anos a função de iluminar, através da publicação de diversas estatísticas, alguns dos aspectos menos lisonjeiros do desenvolvimento social e econômico do país. Porém, quando chega a vez da população negra e da situação racial no Brasil, as luzes, lamentavelmente, se apagam. A Fundação IBGE decidiu excluir o quesito cor do censo demográfico de 1980, como já tinha sido feito no censo de 1970. Até agora não está suficientemente esclarecido porque as autoridades encarregadas do censo excluíram a variável cor do censo de 1970. A propalada alegação de economia da operação censitária soa no mínimo ridícula em um país multirracial onde, e com base visivelmente, em todos os estudos conhecidos, a cor é uma dimensão básica do sistema de estratificação social. Já as alegações sobre as dificuldades técnicas de medição fidedigna do atributo cor não resistem ao mais simples argumento em contrário. Afinal, a cor foi medida anteriormente nos censos de 1940, 1950 e 1960, bem como foi recentemente inserida em subamostra da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Além do mais, avanços recentes das ciências sociais permitem hoje em dia que tais questões técnicas tenham soluções mais adequadas.

Não obstante os dados da PNDA serem de excelente qualidade, é conveniente lembrar que estas informações são complementares e não excludentes das que o censo revelaria. Excluir a cor seria similar à supressão de características demográficas como sexo, idade e nacionalidade. Em todos os casos, as justificativas podem ser tidas por perfeitamente absurdas. Mais escondem do que revelam as verdadeiras razões para a exclusão do quesito cor, as quais permanecem não esclarecidas.

O censo demográfico é um repositório de informações básicas sobre a estrutura social do país. Não pode ficar exposto às decisões burocráticas de quem quer que seja. Seus resultados pertencem a toda população. Devem, em qualquer país, estar disponíveis para o sério estudo por parte da comunidade científica. São requisitos necessários para a elaboração de políticas sociais que visem à eliminação de discriminações e à redução de desigualdades. "Os responsáveis pela eliminação do quesito cor do censo de 1980, não menos que os que tomaram tal deliberação em 1970, terão que se haver com o juízo das gerações futuras pela ausência, durante longo período, de informações essenciais para a compreensão da sociedade brasileira. É lamentável que se comportem, pelo menos ao nível do censo, por padrões de decisão típicos de uma política de exclusão social de uma parcela ponderável da população do país." (III ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS — As Desigualdades Raciais Revisitadas — A Viabilidade Futura dos Estudos de Relações Raciais — Carlos A. Hasenbalg — Belo Horizonte — outubro/1979).

O povo brasileiro, dia a dia, se confunde no vácuo cultural implantado pela massificação decorrente das facilidades encontradas pelo sistema multinacional no mercado de consumo. Evidentemente, a massificação atinge, imediatamente, uma minoria privilegiada, mais se reflete e anula a maioria populacional desprovida de suportes econômicos, políticos e sociais. Desde o censo de 40 se observa que o negro e o mestiço se encontram na base da pirâmide social; portanto, em se tratando de atingidos, ninguém mais que eles o são pela crescente desnacionalização. Reexaminando os dados constantes da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar encontro 134 variações de cor da pele. Donde se conclui que os questionados, na maioria componentes das camadas inferiores da sociedade, fugiram ou desconheciam as suas origens raciais. Numa população constituída de 120 milhões de questionados, onde 120 mil também, serão questionantes, já se pode antecipar os desvios que acontecerão. Além do mais, a inclusão do apêndice de 25%, apenas num questionário geral, deixa muito a critério de cada censor a escolha de quem será questionado sobre o item cor.

A especulação em torno da violência da Cidade de Deus, por exemplo, onde habitam mais de 70 mil pessoas, elimina de antemão uma sinceridade de critérios na aplicação de tal questionário. Num encorajado retorno ao seu real papel a imprensa carioca tem revelado a verdadeira realidade daquele núcleo residencial, onde os especuladores do mercado imobiliário, vislumbrando lucros, fomentaram uma terrível onda de violência. Apesar das denúncias e dos esclarecimentos da imprensa, a classe média massificada e a maioria populacional ignorante não tomaram conhecimento da engrenagem dos acontecimentos. Evidentemente, o IBGE buscará no produto da classe média os seus questionantes e, por razões óbvias, estes não farão a aplicação correta do questionário naquele logradouro. Por sua vez, os questionados oprimidos, naturalmente, se negarão e sonegarão informações corretas. Apresento a Cidade de Deus como exemplo ativo à memória do leitor para o exame de dimensão continental do país: as variações geográficas, políticas, sociais, culturais e econômicas, assim como na Cidade de Deus, atingirão aos questionantes e questionados de todas as regiões brasileiras, de acordo com a disposição psicológica ativada em cada um pelas influências externas.

O IBGE — Órgão técnico constituído por brasileiros, não deve contribuir para a "política de avestruz" de uma sociedade que não quer admitir o caráter preconceituoso e discriminador de alguns setores enquistados nos órgãos de decisão e poder, que insistem em ignorar a realidade social. Ignoram e escamoteiam o dado racial da imensa parcela da população, que vem ao longo de quatro séculos construindo com o seu braço, seu sangue e sua vida esta nação, sem dela nada receber, senão migalhas.

No ano de 1976, o IBGE aplicou a Pesquiza Nacional por Amostra Domiciliar usando um critério sem fundamento antropológico. As bases da formação da população brasileira não foram consideradas naquela amostra do PNAD. O Brasil colônia, de maioria populacional nativa, ganhou desde o século XVI um elemento novo, o negro escravizado. A maioria populacional era dominada por uma minoria européia, o Homem português.

A necessidade sexual do colonizador europeu era satisfeita pela mulher negra, uma simples depositária de esperma. A cada gravidez motivada por tal ato sexual nascia um mestiço. Por outro lado, a mulher índia, pelos costumes naturais da terra, não dava muita chance ao colonizador. Se o leitor equacionar a era do Brasil colônia até a chegada de D. João VI, será fácil verificar a predominância racial da população brasileira de então. A partir da implantação da regência a situação mudou, mas o índio, o negro e o mestiço ocupavam, amplamente a posição majoritária do país. A revolução industrial européia do século passado e a posterior imigração oriental, já neste século, alteraram fundamentalmente a situação. Não que o negro e o mestiço tenham diminuído os seus índices de crescimento, mas pela anulação produtora a que foram submetidos.

O braço produtor negro só viria a ser apontado no censo de 1940. Nos anos cinqüenta, os dados censitários se alargaram possibilitando uma visão mais aprofundada da realidade racial brasileira, principalmente, do negro. Nos dois censos acima comentados, apesar de uma amostragem parcial, a fraude do recenseador e a ignorância dos recenseados contribuíram para uma série de informações imperfeitas. Porém, nada mais criminoso que a posição assumiada pelo antigo Presidente do IBGE, Isaac Kesternestky, no princípio deste ano que se finda. Questionado pela diretoria do IPCN sobre a supressão do ìtem cor do censo, respondeu: — "Reexamino qualquer omissão nos itens do censo: religião; qualidade de vida e tudo o mais: Porém, não admito rever minha posição quanto à supressão do item cor".

O ex-diretor do IBGE é o retrato fiel da confusão racial estabelecida a partir dos conceitos do senhor de engenho — e sociólogo nas horas vagas — Gilberto Freire. Dos estudos deste senhor resultou o amontoado de sandices que orientam a sociologianacional, no que tange à cultura negra e ao negro. Dos estúpidos conceitos do senhor de engenho Gilberto Freire resultou a instituição da famigerada democracia racial, defendida pelo Poder Público. Isaac Kesternestky, brasileiro de origem judaica, nunca dispensou a base cultural de sua raça. Mas dá uma prova evidente de racismo ao se negar a reexaminar o item cor. A atitude do antigo diretor do IBGE é a tônica da minoria com poder de decisão no país. Os judeus, por exemplo, apesar da nacionalidade brasileira, se organizaram quanto à raça. Mas é proibido ao negro o mesmo comportamento. Negro preservar sua cultura e arremedar organização é caso de segurança nacional.

O quesito aberto no censo deu margem para que milhões de brasileiros escolhessem a sua cor. O quesito aberto foi a forma encontrada pelo "seu" Isaac para ridicularizar o negro brasileiro, não percebendo o intransigente Isaac que ao ridicularizar o negro estava ridicularizando a sua própria nacionalidade.

Remendando os erros cometidos pelo IBGE desde 1970, eis que assume o órgão Jessé Montello. Se declarando surpreendido com as aberrações, acenou com um princípio de correção. Alegando inclusive despesas não prevista e insuficiência de orçamento, Jessé Montello concedeu incluir um apêndice no censo de 1980 que examinará o item cor. Ora viva, saudaria o comentarista desavisado. Porém, verificando o questionário, encontro, também, o item religião. Se retiraram este item do censo geral é sinal que o mesmo não interessa mais ao Poder Público. Aí reside a grande cartada do Poder Constituído. Religião não interessa, então é recenseada em apenas 25% de residências brasileiras. O negro reivindica o item cor no censo e é incluido no mesmo questionário que engloba apenas 20% dos brasileiros. O jogo está feito, a miséria amplamente instalada nas camadas inferiores da população brasileira, constituída principalmente pela raça negra, se alastra, atingindo a classe média. Aí surge o IBGE e dá o golpe no negro e na consciência nacional, concedendo uma revisão que não passa de uma jogada para acalmar os insubordinados. Mais uma vez os políticos e as autoridades acadêmicas desconhecem o negro. (**Rubem Confete**).

# CARTAS NA MESA

## Gabeira senador

Amantíssimo LAMPIÃO, Eu e o Marquinhos lemos a entrevista do Gabeira e achamos maravilhóóóóóóósa! E ele, meu Deus — que pedaço de mau caminho! Valei-me Santa Maria Goretti! Ficamos tão entusiasmados que juramos, de pés juntos, doar nossas jóias e pratarias para financiar uma campanha nacional, caso ele venha a candidatar-se a deputado, senador ou mesmo Presidente da República. Queremos, contudo, chamar a atenção de todos, que agora estão entusiasmados com o cheiro do novo que exalou da entrevista do rapaz, que nós do Grupo Somos-SP e o pessoal do LAMPIÃO, há quase dois anos, estamos dizendo coisas semelhantes. E que ainda, estamos esperando que você, bicha, e você, lésbica, venha se juntar a nós, nesta luta por vida de qualidade melhor. Beijoquilhos mil.

L. C. M. — São Paulo

R. — **Concordamos com você, amor, mas discordamos da ordem: o velho Lampa foi quem abriu primeiro o bocão e quase se futricou por isso __ não fossem as rosadas bochechinhas da abertura a soprar, a soprar, a soprar... O Somos veio um tiquinho depois da gente, não é? Quanto ao Gabeira, acho que ele ficaria muito bem ocupando uma cadeira no Senado. Afinal de contas, caso se confirme essa história de que Nelson Carneiro vai passar pro partido do Governo, toda a enorme votação daquele senador estará sem representante em Brasília, não é? E na próxima, ninguém vai votar mais nele mesmo (senador governista? Nem mortas!)... Aí, entra o Gabeira e dá aquele olé.**

## *Brasília feminista*

Pessoal do **Lampião**! Estamos formando um grupo feminista aqui em Brasília, com uma perspectiva muito semelhante à do **Lampião** em relação à problemática das minorias. Estamos tentando discutir a especificidade da mulher num contexto mais amplo de dominação. Nesse sentido, a entrevista de Fernando Gabeira, publicada no último número desse jornal (e que foi objeto de discussão em uma de nossas reuniões), aproxima-se bastante de nossas preocupações no que diz respeito à consciência e de nossa sexualidade e à relação entre grupos vanguardistas de minorias e a "esquerda de Neanderthal".

Expressamos, ainda, a nossa concordância quanto à necessidade de organização dos grupos discriminados para que se manifestem enquanto força política capaz de propor aos projetos de transformação da sociedade uma reavaliação das formas de dominação que sofrem, especificamente, essas minorias. Gostaríamos que o **Lampião** fosse nosso veículo para contatos com mulheres de Brasília ou grupos já formados em outras cidades, e sugerimos a abertura de um espaço permanente nesse jornal para discussão de assuntos referentes à mulher.

Aqui de Brasília, estamos torcendo pelo Lampião e desde já nosso grupo se coloca à disposição de vocês no sentido de colaborar, inclusive enviando material sobre mulher em Brasília. Grupo de Mulheres de Brasília. P.S.: Como ainda não temos sede, nossos endereços para contato e correspondência são: SQN 415 — Bloco N — aptº 305 — Tel.: 272-2093 e SQS 407 — Bloco B — aptº 108 — Tel.: 244-9070.

— R — **O espaço já está aberto, meninas; é querer utilizá-lo. Que tal mandar matérias pra nós? Tem vários grupos de mulheres libertárias transando conosco, já passamos pra eles o endereço de vocês. Aí em Brasília tem também o Beijo Livre, um grupo homo, que certamente entrará em contato com vocês através do jornal. Botem pra quebrar que a gente noticia, tá?**

## *Sangue de infiéis*

Lampa Dearest: Pois é, domingo brabo de sol, e eu aqui esperando vocês declararem o verão para eu pegar meu calção e ir pra praia. Ano passado vocês anunciaram a chegada do sol com muita felicidade e uma seleção de homens pra ninguém botar defeito. E este ano, nada? Será que a turma da ternurinha (estas bichas declarativas do Somos) já andaram contaminando a redação do Lampa? Cruzes, bate na madeira que estes viados são perigosos. Estou traumatizado com a ausência destas bichas. Só aparecem para dizer que existem e depois ficam no seu guetinho, trocando idéias e outras coisitas mais que Deus sabe... Nenhuma palavra sobre a morte de Alphonsus. Agora quero ver o que estes viados vão falar das declarações de D. Eugênio Sales recomendando à comunidade que se policie contra os **anormais**.

Aliás tem havido freqüentes espancamentos na área de Ipanema, sabiam? Eu mesmo assisti à chegada de uma turminha na Galeria Alaska que acabava de ser atacada na Rainha Elizabeth. Eram todas da viração, coisa que não afetava ninguém até bem pouco tempo. Pois é, parece que criaram um C.C.B. (comando de caça às bichas) que anda armado. Não sei se já usaram a arma no duro, mas não evitam em mostrá-la, ameaçando de morte as vítimas caso voltem a Ipanema. Agora o comando tem respaldo em D. Eugênio, que deve estar comemorando no Palácio D. Joaquim. Até que enfim os cristãos estão eles próprios policiando a moral da sociedade, em vez de deixarem isto para a polícia fazer. Pois é ternurinhas, cuidem-se que eu vou cobrar atitudes de vocês, viu?

Dudu Magalhães — Rio.

R. — **Da próxima vez, Dudu, deixe bem claro que está falando do Somos carioca, senão as paulistas ficam pautas da vida. O CCB está, realmente, sendo incentivado pelos setores direitistas da Igreja Católica. É isso aí: basta olhar pra trás, que a História comprova: a velha Madre se alimenta mesmo é do sangue dos infiéis, não é?**

## *Terna Curitiba*

Queridos Lampiônicos. Depois de muita relutância, resolvi escrever-lhes. Sabem meus brotos, é que não podia deliciar-me com a leitura deste genial jornaleco de vocês, sem testemunhar meu apoio, meu entusiasmo. Meus amores, dizer da minha admiração pela audácia de vocês, um simples recado não chegaria. Tornei-me fã e freguês do Lampião, apartir do número 10 embora já soubesse de sua existência. Vocês nãc podem fazer idéia da ansiedade com que aguardo cada número. Depois daquele problema com a Censura, eu estou sempre esperando o pior, que é a extinção do nosso jornalzinho tão querido. Por favor! Não deixem que isto aconteça!

Eu fiz tantas recomendações do jornal para homos daqui, mas infelizmente não gostam de ler, não sabem o que o jornal representa para nós. Meus (nossos) heróis, eu tenho muitas sugestões a fazer, porém, não conto agora porque sei que vocês não podem publicar esta cartinha inteira. Eu prometo que outras virão. Só que antes de atirá-la ao cesto leiam-na toda por favor. Perdoem minha pobreza de estilo, pois só possuo o curso primário. Não sou um profissional da caneta como vocês a quem tanto admiro. Claro, se assim não fosse, não poderiam ser os pioneiros nesta luta. Abraços, aguardem cartas melhores, esta foi a primeira, ainda tenho muita coisa a dizer.

Ibo — Curitiba.

R. — **Tua carta é tão gostozinha, Ibo, que a gente ficou com vontade de te morder todinho. Cê deixa? Claro que você deve escrever mais pra gente. Só não chama o pessoal do Lampa de heróis, porque aí fica todo o mundo encabulado. Mande suas sugestões, e continue insistindo com o pessoal daí pra que eles comprem o jornal. Aliás, Curitiba está perdendo, em matéria de vendas, pra cidades menores e menos ricas. O que está acontecendo com os meninos e as meninas daí?**

## *Verão carioca?*

Ao Lampião da Esquina. Rio de Janeiro. RJ. Há vários meses venho lendo o Lampião e sempre com vontade de escrever-lhes, pelos motivos os mais variados. Não sabia por onde começar. Isso, até quando recebi e acabei de ler a entrevista do Fernando Gabeira. Sensacional a entrevista. A entrevista e o menino. Ao terminá-la somente me ocorreu "pensar alto" um sonoríssimo porra! A clareza de suas idéias, a firmeza com que as expõe, impressionaram-me demais. Não por elas, em si, mas por vê-las escritas. É tudo aquilo que a gente (eu) pensa e não sabe exprimir. Foi como se ele desse palavras aos meus pensamentos. Portanto, resolvi, estou com o Gabeira... e abro. Ainda mais quando soube que ele vestiu uma sunga amarela e saiu por aí.

Aliás, esse número do jornal, o 18 está realmente muito bom. Muito sensatas e reais, para mim, pelo menos, as palavras do Leopoldo Serran. Concordo em gênero e número, e aguardo a solicitada reflexão do Aguinaldo Silva sobre as mesmas.

Outra das boas coisas do jornal, são as palavras do Jefferson Barros: "Se você por exemplo quer dizer com "heterossexual convicto" o fato de eu nunca ter transado com homens, é verdade. Mas isto, não é convicção. É conjuntura. História pessoal. Não significa que nunca tive atração sexual por um homem. (e agora, o meu endosso às palavras seguintes, dele ainda): **Tive. Tenho. Poderei ter.**" Curto e Grosso. Tenho mais a dizer, ainda, mas deixarei para outra oportunidade. Apenas quero registrar os meus cumprimentos ao Rubem Confete pelos artigos publicados, especialmente este último, sobre Olga de Alaketo. Caberia no jornal, alguma coisa sobre James Baldwin, autor do meu livro de cabeceira, Giovanni? Vejam bem, **caberia**; tudo influência do Gabeira. Virou-me a cabeça... Um grande Abraço.

C. Franco — São Paulo.

R. — **É, Franco, o nº 18 do Lampa causou um rebu geral; desde o Partidão ao Pasquim, foi o maior agito. O Gabeira está aí, pertinho de você, em Sampa, onde, segundo ele, estão acontecendo as coisas (ele deixou frustradas as comadres da grande imprensa, que contavam com ele pra alimentar o noticiário sobre essa balela, essa piada que é o verão carioca; só que Gabeira entendeu o jogo reacionário deles e se mandou). Aliás, nesse momento em que a gente está aqui, respondendo às cartas dos leitores, está chovendo pra cachorro. Verão? Qua, qua, qua!**

## *Famosa Campinas*

Oi gente, tudo Bem? Nem preciso dizer que adoro o **Lampião**, né? Assim como eu, mil entendidos daqui curtem esse jornal. Só não consigo entender uma coisinha: Sendo Campinas uma cidade com a fama que tem, não ter nas bancas algo luminoso como o **Lampião**, que é isso, gente? E as bichas campineiras, com é que ficam numa dessa? Pra mim por exemplo, fica difícil ter sempre às mãos esse jornal, que é um desbunde. Se bem que já era tempo de eu tomar vergonha na cara e ter feito uma assinatura. Vocês são ótimos e não temos como agradecer o trabalho que vocês tem feito.

Eu gostaria que fosse publicado, assim que possível, parte de troca de correspondência o meu recado: "Se vocês acharam que estou pedindo demais, eu também concordo. Só que estou precisando de alguém, que leve a vida mais a sério. Chega uma hora que não dá mais pra brincar. Desde já fico muito agradecido por tudo que vocês tem feito por nós e desejando que vocês prosperem cada vez mais. Um Abraço.

Hugo — Campinas, SP.

R. — **O teu recado está no Troca-Troca deste número, Hugo. Quanto ao jornal chegar em Campinas, façamos o seguinte: você descobre os endereços dos distribuidores de jornais e revistas daí e nos manda. E então a gente entra em contato com eles, tá legal?**

## *"Doença social"*

Caros Amigos, já escrevi para vocês e ainda não tive vez. Tudo bem, compreendo as dificuldades e talvez algum critério de seleção do jornal. Desta vez escrevo para vocês a fim de fazer um pedido, que acredito ser de "utilidade pública" a todos os lampiônicos. Por azar, peguei uma doença venérea em lugar pouco agradável, e uma dificuldades enorme tive que vencer para procurar um médico (particular, é claro, por sentir que pagando 1200 a consulta seria pelo menos melhor aceito).

Carlos — Rio.

R. — **Estamos tentando incluir alguns médicos em nosso "indicador profissional", Carlinhos. Já conseguimos advogados, psicólogos, decorador, etc., mas médico, até agora nada. Sabemos que alguns são até especialistas em doenças de senhores entendidos. Mas eles resistem um pouco à idéia de anunciar no Lampa.**



## *Os fuzís da Srª Pacheco*

É só uma palinha pra quem gosta de teatro;: não se deve perder **Os Fuzís da Senhora Carrar**, de Bertolt Brecht, sob a direção de Tânia Pacheco, no teatro da Casa do Estudante Universitário (Av. Rui Barbosa, 762, Rio). O espetáculo tem música e sonoplastia de Nélson Guerchon, programação visual de Adriano de Qauino e Germano Blum e um elenco de gente jovem mas cheia de garra. Tânia, a diretora, é chapinha aqui da casa, e como vocês sabem, o lema do LAMPIÃO sempre foi: "aos amigos, tudo!"

# CARTAS NA MESA

## Deus no coração

Caros amigos do **Lampião**, tenho lido com muito carinho o trabalho de vocês, a luta de vocês, que também é nossa, a favor das classes "menos favorecidas". A luta contra a hipocrisia e a maldade institucionalizada. Uma das Instituições opressoras do homem guei é a Igreja. Isto através dos seus documentos, cartas pastorais e atos concretos. Gostaria de relatar para vocês e se possível para os leiotres deste jornal, um ato de injustiça, opressão e crueldade cometida contra alguns **homens**-homossexuais por parte da Igreja. No dia 14 de maio passado, o bispo de Ilhéus — Ba, expulsou grosseiramente de sua Diocese os seus nove seminaristas que integravam a comunidade do Seminário d'aquela Diocese. A Igreja de Ilhéus, deu um passo atrás na história e, como na famosa Idade Média, cortou do relacionamento e comunhão com a Igreja os seus nove melhores seminaristas.

Não é que fossem jovens "frescos e maricas". Eram jovens dinâmicos, eficientes, capazes, "esperança azul" (expressão usada por alguém), da diocese de Ilhéus. O bispo daquela Igreja conseguiu num curto espaço de tempo destruir os sonhos, as esperanças,as realizações de nove jovens estudantes de teologia, simplesmente porque estes rapazes, homossexuais, conseguiram descobrir a sua verdadeira sexualidade e buscaram se afirmar nela. Justamente no momento em que a Igreja procura ir ao encontro das classes marginalizadas, acontece este fato, dando uma prova concreta de que a hipocrisia ainda é a melhor maneira para esconder os próprios defeitos.

Sabemos e os bons exegetas (estudiosos da Bíblia) sabem que muitos trechos do livro sagrado são expressão de uma cultura judaíca, profundamente moralista e machista, conseqüentemente anti-homossexual! O que diremos do relacionamento de Jônatas com Davi? É claro que para um bom entendedor o relacionamento deles era de cunho homossexual (ex.: 1º Samuel caps. 18;20). 2º Samuel — "Jônatas meu irmão, meu coração se parte por tua causa! Tu me eras tão caro! Tua amizade me era mais preciosa que o amor das mulheres". O que dizer dessa jura de amor? Por que Jesus não se pronunciou contra o homosseuxalismo nas suas pregações? Sabemos que Israel no seu tempo era dominada pela civilização grego-romana e esta era profundamente homossexual. Por exemplo: 1º Livro dos Macabeus, cap. 1,15 "Edificaram em Jerusalém um ginásio para os gentíos, dissimularam os sinais da circulação, afastaram-se da aliança com Deus, para se unir aos estrangeiros e escravisar o pecado". O ginásio era o local das práticas de esportes dos gregos, acompanhado do banho onde se realizavam as práticas homossexuais. Por que Jesus não condenou esse relacionamento? Certamente porque Ele é pelo homem e não pela Instituição.

"As vezes a Igreja me mete medo, (dizia uma amiga e uma grande mulher). De vez em quando ela sangra o coração do homem para não se ferir como instituição. Mas que diabo, Deus não é a Instituição, Deus é o coração do homem". Vamos esperar que a Igreja no seu bom propósito de se tornar a Igreja de Jesus Cristo, a Igreja dos homens marginalizados, venha em ajuda de milhões de homens que se sentem à margem, porque são homossexuais. Tenho certeza de que nós somos amados também por Deus e que nós somos criaturas do seu lindo plano de amor.

J. L. — Salvador.

R. — **É isso aí, J. L., não foi, certamente, com a instituição __ tantas vezes repressora __ que Cristo sonhou, pois Deus é o coração do homem. Já há setores muito importantes da Igreja que assumiram uma posição libertária em relação ao homosseuxualismo; estes setores, se não são incentivados, pelo menos não têm seus passos tolhidos. Já é um progresso. De qualquer forma, o que predomina ainda é a condenação, quase sempre manifestada através de ameaças muito concretas, como as que foram feitas, recentemente, aos homossexuais do Rio, responsabilizados __ veja que sandice! __ pela violência que ora se abate sobre a cidade. Como se, em qualquer situação de violência, não fossem os homossexuais, sempre, as primeiras vítimas...**

## Recife chamando

Um recado para Gabeira. Li sua entrevista. Estou contente. Por **Lampião**, por você, pela esquerda, por mim, pelas mulheres, pelo Nordeste, pela Humanidade, pela Terra — nossa nave —, pelo futuro.

Grupo Ação Mulher — Recife.

R. — **Viva as mulheres da terra de Frei Caneca. Viva a primeira geração de filhas de eleitores de Arraes! Leiam, meninas, a carta das mulheres de Brasília, e tratem de entrar em contato com elas. Estamos todos juntos, no carrousel da década de 80.**

## Grupos em ação

Caros Lampiônicos: Gostaria que fosse publicado nas "Cartas na Mesa" a proposta abaixo: 1º) Todo guei tente organizar-se em grupos para debater seus problemas e lutar por seus direitos. 2º) Um movimento de âmbito nacional seria formado, posteriormente, a partir dos grupos. 3º) A condição sine qua non para ser membro de um grupo ou do movimento nacional, é ser guei (bicha, lésbica, etc.) Não se exclui, contudo, a possibilidade de membros honorários, nem o contato e a colaboração com simpatizantes e outras minorias. 4º) O movimento nacional teria por finalidade não só o debate e a luta pelos direitos gueis, mas serviria também de veículo para a criação e a divulgação duma "Cultura guei" (existe? Será possível no Brasil atual?) 5º) Os direitos das minorias, só podendo ser respeitados numa sociedade democrática, o movimento nacional guei deveria fazer frente única com todas as forças interessadas na instauração de uma verdadeira democracia econômica, política e social no Brasil 6º) Uma tarefa importante dos grupos e do movimento seria conscientizar o maior número possível de gueis, não só das formas específicas de opressão e alienação de que são vítimas, mas também das mais gerais e mais amplas. Fazê-los compreender que são manipulados e que correm risco, como indivíduo e como grupo, de perseguição e extermínio se não lutarem por seus direitos e não se integrarem, como indivíduos e grupo, a uma luta mais ampla por uma autêntica democracia.

Em suma, assumir o gueto, mas recuar o confinamento nele. Sei que tudo isso parece paranóico, mas o Lampião também, antes de ser realidade foi paranóia. Os movimentos gueis nas áreas desenvolvidas idem, Portanto, às armas, irmãos. Ótima a entrevista com o F. Gabeira. Continuem dando cobertura aos movimentos negros (eu sou branco), que diabo, eles são mais da metade do país, já deviam possuir até rede nacional de TV. Não estou criticando-os por isso (o que seria racismo), mas sim a estimulá-los — apropriem-se "desse mais da metade" que é de vocês.

Lenina Portoguei — Porto Alegre.

R. — **Lenina, querida, será que nós não já fomos apresentados alguma vez?**

## Cantora fresca

Querido LAMPIÃO: Sou leitor assíduo deste gostoso jornal desde o nº 1, mas só agora resolvi escrever pra vocês. Puxa como é bom saber que existe alguém lutando pelos nossos direitos, pela afirmação do homossexual dentro da sociedade depois de tanto tempo em que vivemos nas sombras e nos guetos. A hora é essa, agora mais do que nunca precisamos nos unir para que esta luta não seja em vão; eu acho que não deve existir divisões dentro do mundo guei, pois somos todos um pouco marginalizados, seja a bicha louca, o enrustido, o travesti, o sapatão, a entendida, enfim toda essa turma que sente a cada dia que se passa que está chegando o dia da nossa total aceitação pela sociedade, independente de nossas preferências sexuais, mas sim como seres humanos que somos, com a nossa grande sensibilidade que cada guei trás dentro de si.

Tenho 25 anos, sou profissional liberal, e me assumi desde os 17 anos. Devo confessar que no início não foi fácil, o preconceito e a repressão são elementos que ainda existem dentro das pessoas mesmo em ambientes como a universidade, sabem, foi uma barra mas não me arrependo, todas as pessoas que me criticavam hoje me aceitam numa boa, pois eu mostrei a elas que um homossexual é uma pessoa como outra qualquer que ama, sofre, tem sentimentos, e não temos nenhum "desvio", seja psíquico ou orgânico.

O ideal seria que todos os gueis fizessem o que eu fiz, independente da posição social, pois sei que muitos têm medo de perder uma posição ou emprego, mas eu acho que para sermos aceitos temos que **primeiro nos aceitarmos,** pois como alguém vai nos dar valor se nós mesmos nos envergonhamos do que somos? Um grande beijo pra vocês.

P.S.: Posso dar uma sugestão: por que vocês não voltam com entrevistas com os gueis comuns, que não são artistas? Todos nós temos uma estória para contar, e uma lição de vida para aqueles que se encontram em conflito com a sua consciência. Quanto aos artistas, que tal uma entrevista com a Simone, a nossa musa guei da M.P.B.?

Sérgio Rodrigues — Rio.

R. — **A gente está pensando em voltar o jornal cada vez mais, nos próximos números, para as pessoas comuns, Serginho. Essa história de artista já encheu o saco; até parece aquela história de que homossexual é mais sensível, mais fino, mais delicado, por isso acaba se tornando artista. Não é nada disso, pô, tem bicha estivadora pra cachorro! Quanto a Simone, meu amor, não esteja tão certo de que ela gosta de nós; o que ela quer, realmente, é vender os disquinhos dela, tá legal? Mas se alguém falar em LAMPIÃO perto dela, a moçoila fica cheia de nhém-nhém-nhém.**

ESTES LIVROS FALAM DE VOCÊ

# Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

**HOMOSSEXUALIDADE EM PERSPECTIVA**
**William Masters e Virgínia Johnson**
William Masters e Virgínia Johnson
363 páginas, Cr$ 510,00

Um livro que é um resumo da pesquisa de mais de 20 anos, no famoso The Masters and Johnson Institute, sobre o homossexualismo (masculino e feminino). A primeira tentativa séria de **saber,** em vez de presumir, tudo sobre os aspectos psicofisiológicos da função homossexual. Dezenas de casos estudados, e o fim de um tabu: i prazer dos homossexuais não é menor que o dos heterossexuais.

**SEXO & PODER**
**Vários autores**
218 páginas, Cr$ 150,00

Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo.

**TEOREMAMBO**
**Darcy Penteado**
108 páginas, Cr$ 120,00

Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos.**
Ilustrações do autor.

**A META**
**Darcy Penteado**
99 páginas, Cr$ 120,00

"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

**CRESCILDA E ESPARTANOS**
**Darcy Penteado**
189 páginas como este, que fala tudo aberta e desafiantemente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

**NO PAÍS DAS SOMBRAS**
**Aguinaldo Silva**
97 páginas, Cr$ 120,00

Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

**REPÚBLICA DOS ASSASSINOS**
**Aguinaldo Silva**
157 páginas, Cr$ 150,00

Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

**PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS**
**Aguinaldo Silva**
134 páginas, Cr$ 120,00

"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher".

**MULHERES DA VIDA**
**Vários autores**
77 páginas, Cr$ 100,00

Norma Bengell, Leila Míccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a opressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.
Um romance que é, também, um estudo sobre a sexualidade.

**O CRIME ANTES DA FESTA**
**Aguinaldo Silva**
136 páginas, Cr$ 100,00

Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

**TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI.**

**João Silvério Trevisan**
139 páginas. Cr$ 120,00

Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome resumidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

**QUEDA DE BRAÇO**
**Vários autores**
302 páginas. Cr$ 150,00

Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar: Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilto Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

**os SOLTEIRÕES**
**Gasparino Damata**
213 páginas, Cr$ 140,00

Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde autor os encontrou.

**O FANTASMA DE CANTERVILLE**
**Oscar Wilde**
140 páginas, Cr$ 110,00

**De Profundis e Balada de Cárcere de Reading,** dois dos mais patéticos depoimentos pessoais da literatura universal, juntos num livro que também reúne algumas das histórias mais espirituosas e brilhantes do autor. Um livro raro.

**SHIRLEY**
**Leopoldo Serran**

95 páginas, 110,00

A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

**RELATÓRIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA.**

**Michel Bon e Antoine d'Are**

381 páginas, Cr$ 400,00

Mil homossexuais respondem a um questionário : são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior, conhecem as alegrias e os tormentos do amor e querem integrar-se numa sociedade que ainda os difama, lança-os na prisão ou os desdenha.

**COXAS**
**Roberto Piva**
70 Páginas, Cr$ 85,00

**Sex fiction & Delírios** de um poeta louquérrimo: pornosamba para o Marquês de Sade, Bar Cazzo d'Oro, Antino e Adriano e outros poemas. As ilustrações são de Maty Vitart.

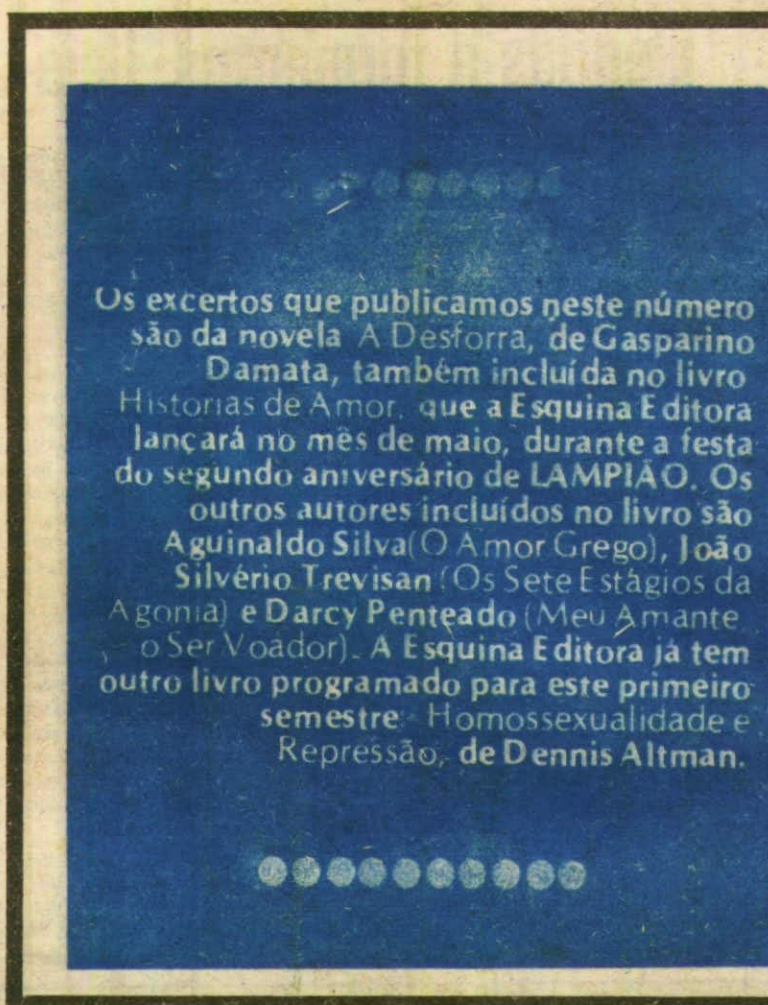
Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal — 41031, CEP 20.000, Rio de Janeiro — RJ. Você só pagará quando receber o aviso do correio.

# A DESFORRA

Gasparino Damata

No elevador bastante cheio — estava na hora de todo mundo sair dos escritórios —, lado a lado, Ferreira o observou de esguelha; verificou que ele estava muito magro, tinha a pele cheia de manchas, chupões pelo pescoço, perdera totalmente aquele jeitão de garoto despreocupado, que comia por dois; as roupas que usava não eram dele, e o pior de tudo; fedia como aqueles garotos que a turma pegava na rua, levava para casa, e a primeira coisa que fazia era mandá-los para o banheiro, lavar-se, esfregar bem os pés, que via de regra cheiravam mal; lavar o traseiro e por-se em condições de fazer o programa. Não era mais nem a sombra daquele sujinho interessante que apanhara uma noite em frente ao Mercadinho Azul, usando roupas boas, mas daquele jeito — sem tomar banho há vários dias, morto de fome, que antes de qualquer coisa perguntara: "O senhor quer pagar um lanche pra mim?" Levara-o a um lugar mais discreto, sentaram, perguntara: "O que é que você quer comer? E ele dissera sem pensar duas vezes: "Quero um bife com fritas". E devorara logo a entrada, um pãozinho e a manteiga gelada, em forma de bolas, bebera dois chopes e de repente se tornara loquaz, so falava em ser pára-quedista ("Como enchia!"). E depois que devorou o bife com fritas e mais outro pãozinho, contou-lhe toda a sua vida — tinha dezessete anos, nascera em Juiz de Fora, tinha mãe, mas, órfão de pai, detestava o padrasto.

Foram diretos para o bar da Casa Westfhalia, no outro lado da Sete de Setembro — frequentado quase exclusivamente por estrangeiros, em geral alemães e autríacos, e alguns entendidos conhecidos do gerentes — onde se serviam os melhores queijos franceses e suíços, pão de centeio feito na própria casa, chope excelente em canecões de barro, e um uisque-sal considerado de primeira, talvez melhor do que o servido nos bares de certos hotéis de luxo, como o Copacabana Palace, preparado por um garçom idoso, muito gentil, que fora do Vogue, no tempo que a famosa boate era dirigida pelo Barão Von Stuckart. Dirigiu-se para o reservado e lá desobriu Felipe, que a turma chamava de "o gringo", cada dia mais careca, recurvado e franzinho, pensativo, brincando com o copo de uisque, como se já estivesse esperando alguém — que, se já não tivesse lhe dado o bolo, estava para dar —, bebendo com aquela classe impressionante ("Nunca se viu o Felipe bêbedo, sabia?"), de causar inveja; aproximou-se, puxou a cadeira com um gesto de enfado, cumprimentou-o discretamente, sentou, de olho no rapaz que dissera que ia lá dentro, no mictório, demorava, mas que afinal apareceu: ficou se abotoando sem muita pressa na porta de entrada, meio desconfiado, como se quisesse marcar encontro para mais tarde com a pessoa que o bolinara na privada.

(...) O rapaz sentou, olhou mais uma vez na direção do sanitário ainda desconfiado e Ferreira o apresentou a Felipe — que o cumprimentou com um gesto peculiar, baixando o queixo, silencioso —, e em seguida perguntou, ão porque desconfiasse, mas por força do hábito: "Vocês dois já se conheciam?" E Felipe respondeu, sem muito interesse: "Já; mas só de vista; lá do Fluminense". Em pouco tempo o rapaz devorou os dois sanduíches que o garçom trouxe, beliscou no prato de Ferreira, que não gostou, perguntou se podia pedir mais e o dentista deu de ombro, arrependido por tê-lo trazido a um lugar como aquele onde as coisas além de finas eram caras. Sem achar graça na proposta, como quem não está fazendo muita questão de uma coisa mais está, disse, de maneira um tanto cáustica: — Pode pedir quantos sanduíches quiser, rapaz. Mata a tua fome.

(...) E voltando-se para Felipe, que bebia em silêncio, tão delicado e discreto que nem parecia estar presente, Ferreira desabafou, como o ator principal de uma tragédia grega que diz uma fala que não está no texto, espécie de libelo acusatório que ele arrancou de dentro, num momento de desespero, mas que encaixou às mil maravilhas (sua voz pausada, seus gestos medidos, sua postura, a própria forma como ele disse a coisa trazia a marca de um sentimento milenar, que habita o coração de quase todo ser humano, desde tempos imemoriais, e onde o amor e o ódio se confundem):

— Este é o famoso Laércio, de quem certa vez lhe falei, lembra? O garoto mais bonito e cobiçado de Copacabana e talvez do Rio de Janeiro. Pois bem, me deixou para ir viver com uma vagabunda. Uma babaca reles. Uma mulher sem o mínimo de classe. O resultado é o que você está vendo aí, agora...

E logo em seguida:

— Acho que você a conheceu. Uma tal Elvira, que foi minha cliente. E depois deu para aparecer lá no apartamento, sempre acompanhada de um broto até interessante chamado Sônia. Você sabe quem é, mas não está lembrado. Pois bem, sabe da melhor? A tal Elvira, me disseram depois, é lésbica; dessas que de vez em quando põem um garoto dentro de casa, para dar cobertura despistar um pouco. E nem assim adianta, porque mais cedo ou mais tarde o Rio de Janeiro em peso fica sabendo que o caso dela é mulher. E não é que esse besta aí foi na conversa, caiu na esparrela...

Surpreendido com a atitude de Ferreira, que nunca o perdoara, e que em várias ocasiões mandara recados para ele por outros garotos, Laércio se descontrolou e parou de mastigar, ruborizado; olhou desconfiado para Felipe, que se mantinha de cabeça baixa, muito circunspecto, rodando o copo de uisque-sal entre os dedos longos, sem querer tomar parte, deixar-se envolver num assunto que já dera muito o que falar. Em seguida olhou para Ferreira, que fumava despreocupadamente, tranqüilo, como um grão-senhor contemplando os seus vastos domínios. Na verdade, Fereira não via porque perdoá-lo, e ainda se sentia bastante humilhado e ressentido por causa daquela deserção estúpida, pois, como se não bastasse, a turma quase toda caíra em cima dele, e durante vários dias os telefones não pararam, só se falava no caso, todo mundo ria e gozava às suas custas; desesperado, telefonara para o apartamento de Elvira e arrasara com a moça, reduzira-a a zero, e lá pelas tantas entrara pela vida particular do rapaz, dissera cobras e lagartos do coitado, e foi aí então que a turma caiu na vida dele, dizendo que ele tinha perdido a classe, que o tal telefonema fora uma infelicidade total e outras coisas mais. Durante várias semanas se trancou em casa, não foi visto em nenhum dos lugares que costumava freqüentar, entrou de férias, refugiou-se em Petrópolis, na casa de Hilário. Mesmo assim continuaram a falar mal dele a arrancar-lhe a pele; e embora o rapaz fosse "flor que não se cheira", todos ficaram do lado dele e contra Ferreira. E, em relação a este, afirmavam em coro, sempre que o assunto vinha à baila:

— "Ele bem que mereceu..."

(...) A coisa que mais desejou durante todo esse tempo foi poder vingar-se de Laércio, humilhá-lo na presença de um companheiro, ir à forra, porque o que dissera dele à Elvira por telefone, naquela ocasião, não fora nem a metade, um terço do que tinha para dizer; infelizmente ele desaparecera de circulação, não tivera mais notícias suas, onde parava ou podia ser encontrado, porque os garotos do Fluminense sumiram não apareceram mais no apartamento, e por último soubera que tinham assinado contrato como profissionais para jogar em times de Salvador e do interior de São Paulo. Agora, quando menos esperava eis que a sorte o favorecia, colocava a vítima à disposição do algoz; faminto e sem ter para quem apelar, num momento de extrema dificuldade, o bestalhão se lembrara dele, viera correndo à sua procura, na crença de que sua presença era o suficiente, bastava para ele passar uma esponja no passado e recomeçar vida nova, ao seu lado.

(...) Lançou um olhar de desafio na direção de Ferreira, que mordiscava a unha do dedo mínimo, fingindo-se desinteressado, distante, mas que não perdera uma palavra, um detalhe, arrastou a cadeira, aproximou-se mais de Felipe, e, colocando a mão no canto da boca, perguntou em voz baixa:

— Posso pedir mais um sanduíche?

Os excertos que publicamos neste número são da novela *A Desforra*, de Gasparino Damata, também incluída no livro *Histórias de Amor*, que a Esquina Editora lançará no mês de maio, durante a festa do segundo aniversário de LAMPIÃO. Os outros autores incluídos no livro são Aguinaldo Silva (*O Amor Grego*), João Silvério Trevisan (*Os Sete Estágios da Agonia*) e Darcy Penteado (*Meu Amante o Ser Voador*). A Esquina Editora já tem outro livro programado para este primeiro semestre: *Homossexualidade e Repressão*, de Dennis Altman.